

RUTH FERREIRA GALDURÓZ - ZULEIKA STEFÂNIA SABINO ROQUE
Organizadoras

***TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS
DECOLONIAIS
NA UNIVERSIDADE***



Capa: Raphael Ramos da Silva



TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DECOLONIAIS NA UNIVERSIDADE

ORGANIZADO POR

Ruth Ferreira Galduróz

Zuleika Stefânia Sabino Roque

1ª edição, São Paulo, Editor: UFABC, 2019.





Copyright 2019 Os autores

Organização:

Prof.^a Dr.^a Ruth Ferreira Galduróz e

Prof.^a Dr.^a Zuleika Stefânia Sabino Roque

Capa:

Raphael Ramos da Silva

Editoração Eletrônica

**G149 Galduroz, Ruth Ferreira (Organizadora);
R786 Roque, Zuleika Stefania Sabino (Organizadora)**

Título: Trajetórias e narrativas decoloniais na
universidade; Santo André; Editora UFABC; Prefixo
Editorial: 5040; 2020 p.195

ISBN: 978-65-5040-031-6

1 - Formação de professores 2 - Educação sem
preconceitos 3 - Decolonialismo educacional

1. Título

CDD: 370.71
CDU: 316.6



Sumário

PALAVRAS DO PROF. DR. RAMATIS JACINO.....	7
PALAVRAS DE JORGE COSTA	12
PALAVRAS DO PROF. MARCELO BUSSOTTI REYES	18
PALAVRAS DO PROF. FRANCISCO JOSÉ BRABO BEZERRA.....	21
AGRADECIMENTOS	24
PROLEGÔMENO.....	25
01 - VERSÕES INICIAIS.....	0
Autoria Anônima 1	0
Autoria Anônima 2	1
Autoria Anônima 3	3
Autoria Anônima 4	4
Autoria Anônima 5	5
Autoria Anônima 6	6
Autoria Anônima 7	7
Autoria Anônima 8	9
Autoria Anônima 9	11
Autoria Anônima 10	13
Autoria Anônima 11	14



Autoria Anônima 12	15
Autoria Anônima 13	16
Autoria Anônima 14	17
Autoria Anônima 15	19
Autoria Anônima 16	20
Autoria Anônima 17	21
Autoria Anônima 18	23
Autoria Anônima 19	24
Autoria Anônima 20	25
Autoria Anônima 21	26
02 - VERSÕES DECOLONIAIS	0
Autoria Anônima A	0
Autoria Anônima B	4
Caique Cappucci Bismarck	7
Camila De Freitas Cardoso	9
Autoria Anônima C	11
Felipe da Silva Sousa	21
Autoria Anônima D	23
Fernanda Mendes dos Santos	25
George Salvino Mendes dos Santos	27
Janaina Tanci Dos Santos	29



Joao Pedro Faquini Costa	31
Julia de Souza Santana	36
Autoria Anônima E	40
Autoria Anônima F	42
Manoel Pedro dos Santos Souza	44
Natalia Lami Zanettini	48
Patricia Cassiolato Tufanetto	52
Raphael Ramos da Silva	56
Vanessa da Silva Tanajura	59
Vinicius Bueno de Moraes	64
Wellington Araújo da Silva	67
03 - MUDANÇAS EM MIM: MEU PROJETO DECOLONIAL.....	0
Caique Cappucci Bismarck	2
Camila de Freitas Cardoso	4
Autoria Anônima β.....	6
Felipe da Silva Sousa	8
Autoria Anônima γ	11
Fernanda Mendes dos Santos	13
Janaina Tanci Dos Santos	16
Julia de Souza Santana	19
Manoel Pedro dos Santos Souza	21



Natalia Lami Zanettini	23
Patricia Cassiolato Tufanetto	26
Raphael Ramos da Silva	29
Vanessa da Silva Tanajura	30
Vinicius Bueno de Moraes	32
Wellington Araujo da Silva	34
Autoria Anônima δ	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
GLOSSÁRIO	44
REFERÊNCIAS	61



Palavras do Prof. Dr. Ramatis Jacino

O conjunto de depoimentos publicados sob o inspirado título ***Trajetórias e Narrativas Decoloniais na Universidade*** se insere no rol de iniciativas que, justamente por seguirem à risca os pressupostos acadêmicos que somam ensino e pesquisa, já nascem grandes e extrapolam os limites da Academia. A decisão das professoras Ruth Ferreira Galduróz e Zuleika Stefânia Sabino Roque de reunir textos produzidos pelas alunas e alunos da disciplina Estudos Étnicos Raciais (EER) da Universidade Federal do ABC - UFABC disponibiliza a outras estudiosas e estudiosos importante instrumento pedagógico e fonte de pesquisa.

EER é uma disciplina que passou a ser oferecida recentemente pela UFABC assim como pelas demais universidades públicas ou privadas que a adotaram. Ela atende ao disposto nas leis 10.639/03 e 11.645/08, que incluíram nos currículos escolares história, cultura africanas e afro-brasileiras, assim como história e cultura indígenas. Sua acertada inclusão no curso de licenciatura em matemática representa certo ineditismo, de resto uma das características que faz da UFABC uma universidade de referência e destaque em diversos *rankings* nacionais e internacionais.

O fato de as referidas leis mencionarem história e cultura africanas e afro-brasileiras levou a que se criasse a interpretação equivocada de que os conteúdos sugeridos só caberiam nas disciplinas de ciências humanas, artes e literatura. A compreensão da expressão *cultura* no seu sentido mais amplo significou novo e recente avanço, que se traduz tanto na etnomatemática como no estudo do legado africano na física, na química e nas ciências biológicas, com os respectivos desdobramentos nas engenharias e nos vários ramos da medicina.

Assim, a iniciativa da UFABC de incluir EER como disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Matemática rompe com essa limitação e disponibiliza aos



alunos e alunas um saber que tem interface com os vários ramos do conhecimento humano. Essa compreensão abrangente mostrou-se, contudo, insuficiente para que esse novo olhar sobre a cultura africana fosse disponibilizado aos (as) discentes. Foi necessário muito trabalho para transformá-la na proposta pedagógica que, para além da ementa, deve à metodologia utilizada a construção do saber acadêmico, com resultados tão exitosos que justificaram o registro neste livro.

Mesclando informações históricas, bibliografia produzida por pesquisadores e pensadores com abordagens não eurocêntricas, além de reflexões acerca das experiências individuais e coletivas das alunas e alunos, essa iniciativa contribui para elevar o padrão de entendimento sobre a presença africana na formação da nação brasileira. Permitiu ainda a percepção do papel do racismo como uma ideologia construída para justificar a dominação dos europeus sobre outros povos do planeta, que se baseia na hierarquização dos indivíduos segundo a cor da pele, no apagamento da contribuição dos povos da África negra africana para o desenvolvimento do planeta e na desumanização dos indivíduos oriundos daquele continente.

Importante destacar que essa trajetória não foi fácil, considerando que o êxito de uma disciplina como esta não se mede apenas pelo nível de absorção dos conteúdos por parte dos discentes. O racismo faz parte da formação de brancos e negros em toda sociedade construída a partir da colonização europeia; ele está incrustado nas relações raciais e adocece os negros e negras, como demonstra Fanon em livro clássico que discute identidade, saúde mental e colonialismo cultural¹.

Para os brasileiros, o debate sobre racismo sofre um acréscimo de dificuldades porque o senso comum introjetou a ideia de “democracia racial”. Assim, é tarefa

¹ FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*.



também de quem ministra essa disciplina promover a desconstrução da ideologia racista e do extraordinário mecanismo criado para sustentá-la: sua negação. As interfaces com o cotidiano, a história pessoal e familiar de cada um dos discentes foi determinante para o sucesso, considerando que a meta era a formação de profissionais multiplicadores que, não obstante, se defrontam e irão se defrontar com essas questões no cotidiano.

A maestria com que a disciplina foi conduzida se traduz nos textos que, organizados em três partes, demonstram o progresso da compreensão dos temas abordados e conseqüentemente o envolvimento e o compromisso com aqueles conteúdos e reflexões.

Nos relatos publicados sob o título de ***Versões iniciais***, escritos no primeiro dia de aula, é possível perceber por parte de alguns dos discentes boas intenções, boa vontade e uma significativa familiaridade com o tema. Contudo, ainda predomina certo senso comum de aversão a “qualquer espécie de racismo”, como se negros e brancos fossem igualmente racistas ou ainda como se o racismo fizesse parte de um conjunto de práticas condenáveis, genericamente nominadas como *bullying*. Em boa parte daqueles artigos, esse fenômeno ainda foi caracterizado como uma patologia de indivíduos e não um elemento fundante da nossa sociedade, em que pese alguns textos mencionarem o racismo estrutural e/ou institucional.

Nos escritos reunidos sob a denominação ***Versões decoloniais***, elaborados a partir do mesmo tema proposto na primeira aula, é possível perceber a extraordinária evolução das alunas e alunos no pensamento e na elaboração acerca do racismo, da discriminação e das desigualdades raciais resultantes do racismo institucional e estrutural existente na nossa sociedade. São relatos de experiências que buscam compreender o racismo e a cultura da discriminação, debatem o eurocentrismo, a imposição de uma estética caucasiana, a apropriação cultural, a naturalização das hierarquias das raças, o darwinismo social e a eugenia. A renitente *invisibilização* da contribuição das civilizações africanas foi adequadamente problematizada nos diversos artigos, que destacam ainda o papel da educação, da mídia, as expressões



que naturalizam o racismo no nosso cotidiano, o debate acerca da *branquitude*, e o lugar de fala, dentre outras questões. Com isso, é possível perceber a absorção dos conteúdos, a compreensão das dimensões econômica, social, política e cultural das questões que envolvem o racismo e a discriminação racial, assim como o quanto foi ampliado o repertório dos discentes.

Sob o título ***Mudanças em mim: meu projeto decolonial***, a parte três deste volume é a mais tocante, pois apresenta as mudanças interiores e problematiza o papel de cada um daqueles indivíduos (negros ou brancos) na reprodução ou não do racismo na nossa sociedade. É nesse capítulo que podemos exultar com as declarações de comprometimento das futuras professoras e professores que parecem ter incorporado e compreendido a dimensão do racismo em um país com as características do Brasil e o papel da educação na sua superação.

O presente livro, portanto, surge como complemento fundamental, fonte de pesquisa e de reflexão no sentido de superação dessa grave patologia social, criada para atender os interesses dos colonizadores e mantida como instrumento de dominação e fragmentação dos segmentos que no atual modelo econômico produzem a riqueza sem direito a dela se apropriarem. O trabalho desenvolvido por aquelas docentes e seus alunos e alunas promove a necessária reafirmação do papel da educação, que teve nas aulas uma ferramenta fundamental, agora complementada pela publicação desta obra.

O racismo é uma ideologia e a discriminação sua materialização em atos e ações de indivíduos, do Estado ou da sociedade como um todo. Ele está na gênese dela, que pode e deve ser combatida com a lei, aplicando-se a legislação existente ou formulando outras leis que impeçam sua prática. A ideologia racista, todavia, não pode ser combatida com instrumentos legais ou pela ação punitiva do Estado, uma vez que faz parte da *mentalidade*, no seu sentido *lato*, estudada e discutida por historiadores, sociólogos e filósofos, ou seja, é uma manifestação cultural. Só é possível mudá-la por meio de outras formulações culturais que a ela se contraponham ou criem novos



paradigmas. A educação é, por excelência, o principal instrumento de mudança cultural, sendo portanto intrinsecamente revolucionária.

A promulgação das leis que citamos acima, as iniciativas para incluir os conteúdos no curso de Licenciatura em Matemática, a construção da ementa, a opção por aquela metodologia e a prática em sala de aula são partes de um processo civilizatório que tem na mudança da *mentalidade* o seu norte. O presente livro é um registro imprescindível dessa trajetória, dos significativos passos dados em direção a uma sociedade onde a democracia racial não seja um mito criado para manter e mascarar a desigualdade e sim uma realidade vivida por todas as brasileiras e brasileiros.

Prof. Dr. Ramatis Jacino
Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros - NEAB
Docente do Bacharelato em História Econômica da
Universidade Federal do ABC



Palavras de Jorge Costa

“...Sabe o que é violência?
É minha aula da escola
Violento é não ter Carolina Maria de Jesus no livro de história
É não poder opinar em uma aula de sociologia
Não saber me localizar em uma aula de geografia
Violência é meu único lazer ser a aula de educação física
Pois pra conseguir encontrar um espaço público perto,
tenho que fazer cálculos além da física...”
Jéssica Campos.

Por que as cotas raciais são importantes para a Universidade e a sociedade? Será que a população negra não está inserida no contexto escolar? Quando estava no ensino fundamental, algo me intrigava em todas as disciplinas, pois nas aulas de ciências humanas (em história, por exemplo), a população negra sempre era apresentada como escrava ou simplesmente era folclore. Enquanto nos cursos de ciências exatas, era inexistente a presença de referências negras nos livros didáticos ou sobre a participação da população negra como produtora de ciência e tecnologia. Nas aulas de biologia, reduzia-se a falar sobre as características físicas das pessoas negras. Esse ensaio de Trajetórias e narrativas decoloniais, realizado na disciplina Estudos Étnicos Raciais, é o reflexo desse processo de luta no qual pessoas negras tiveram a ousadia de enfrentar o sistema educacional racista antinegro, propondo mudanças na estrutura de formação dos indivíduos e da sociedade. Sendo esta disciplina, obrigatória para todos os e as estudantes do curso de Licenciatura em Matemática.



A disciplina começou a se materializar a partir do entendimento de um grupo de estudantes do Coletivo Negro Vozes da UFABC sobre as microagressões² enfrentadas por elas e eles dentro da universidade. Se recordarmos daquela história contada no parágrafo anterior, de como eram as aulas na escola pública, este modelo de educação não inclusiva e racista também se reproduz dentro da universidade no curso de formação de professores e professoras. Como formar profissionais de educação capazes de reconhecer a estrutura racista do sistema educacional? Como esses profissionais conseguirão dialogar dentro da sala de aula com seus estudantes negros e negras? De que maneira doutores e doutoras em educação conseguirão conversar com seus pares, para propor melhorias na formação dos futuros professores e professoras, pois não conseguem refletir que participam de uma estrutura na qual são agentes reprodutores e reprodutoras do racismo.

No livro *Racismo Estrutural*, o prof. Dr. Silvio Almeida descreve: “... precisamos entender o racismo, como um processo político e histórico, e também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais³...”. Vamos refletir um pouco! Imagina você estar em um local, onde se fala de “tudo”, fala-se de inclusão, desenvolvimento da educação, qualificação na formação de docentes, melhoria da sociedade. Contudo, não se propõe ou discute como inserir realmente a população negra dentro do meio educacional, seja ela no processo de ensino-aprendizagem, no meio escolar, nas universidades e nas organizações públicas e privadas que refletem sobre a educação.

² -Moreira, A. Racismo Recreativo. Feminismos Plurais. Pólen, p.51, 2019

³ Almeida, S. Racismo Estrutural. Feminismos Plurais, Pólen, p.63, 2019.



É preciso repensar porque a universidade e a escola são espaços que reforçam o racismo diariamente, a discriminação racial e de gênero⁴.

Historicamente os espaços dedicados à reflexão e debate educacional são majoritariamente por pessoas não negras, ou seja, pessoas brancas – e aqui reside um dos principais problemas da educação: docentes e pesquisadores não negros precisam entender que participam de um grupo racionalizado e são detentores de privilégios. Fanon (1979) diz que:

“os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não tem, hoje de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados. Porém, têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações e, conjuntamente com os que estão sendo mantidos a margem, os negros e, construir relações raciais e sociais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres humanos e cidadãos⁵”.

Por isso, é de extrema urgência que as pessoas brancas reflitam sobre sua branquitude⁶, em especial, os docentes e as docentes da área de educação. “

A incorporação de duas disciplinas na Licenciatura em Matemática da UFABC, para a formação de novos profissionais de educação, comprometidos com uma luta antirracista e inclusiva, proporcionou discussões e debates acalorados nos conselhos organizativos da universidade. A concretização do espaço formativo no qual possibilita à discussão sobre a contribuição da África para a matemática e a sociedade, será

⁴ Gomes, NL.. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. *Cadernos Pagu*, (6/7), p.67-82, 2010. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>

⁵ Frantz, F. Os condenados da minha Terra. 2.ed Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979

⁶ SCHUCMAN, L. V. Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixe/encardido-branco-branquissimo.pdf>. Acesso em: 12 de dez. 2018



realizada na disciplina optativa Seminários em Modalidades Diversas⁷". Vale ressaltar, que a escolha do nome, e a definição como unidade curricular optativa, foram definições do corpo docente do curso de Licenciatura em Matemática, pois, estas não foram as propostas organizadas pelos estudantes do Coletivo Negro Vozes. Contudo, o resumo, a ementa e bibliografia do curso, foram mantidos. Apesar disso, é uma enorme contribuição para formação desses profissionais de educação, à obrigatoriedade da Disciplina Estudos Étnicos Raciais

A disputa pela narrativa que continuará com as disciplinas iniciou-se com as/os estudantes negros, os quais conseguiram obter êxito no convencimento do corpo docente do curso e da instituição sobre a importância da aprovação destas matérias. Para melhoraria na formação dos profissionais da educação e dos indivíduos da universidade, dado que para aplicação das disciplinas serão necessárias mudanças na estrutura da grade curricular, no modelo de ministrar o conteúdo, na contratação de novos docentes e o desenvolvimento de novas linhas de pesquisas e extensão. Além disso, o curso de Licenciatura em Matemática da UFABC aplicará as Leis 10639-03⁸ e a Lei 11645-08⁹.

Este pequeno ensaio retrata a primeira vez que se ofertou a disciplina obrigatória Estudos Étnicos Raciais no curso de Licenciatura em Matemática da UFABC. Este é o resultado da atuação direta do Coletivo Negro Vozes, composto

⁷ O nome foi escolhido pelo corpo docente na plenária do órgão colegiado.

⁸ Lei 10639-03: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

⁹ Lei 11645-08: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm



predominantemente por cotistas raciais oriundos da escola pública que se rebelaram e ousaram construir soluções necessárias para a o curso. Precisamos de docentes que apoiem mais ações como esta, como foi o caso da profa. Dra. Ruth Ferreira Galduróz. Como bem salienta Bell Hooks (2013):

*“o multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito”.*¹⁰

Todo esse processo de reconhecimento da estrutura racionalizada de ensino e implementação das Leis pelas instituições acadêmicas, não somente por uma questão legal, mas pelo dever ético e moral no qual o sistema educacional tem como missão cumprir, e assim, colabora com o rompimento do que Sueli Carneiro (2005) nomeia como epistemicídio:

*“ é o fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar”*¹¹.

Trata-se de um movimento urgente capaz de romper a reprodução de mentalidades racistas e discriminatórias, superando assim o etnocentrismo europeu, pelos profissionais da educação, o que resultará no desenvolvimento de processos pedagógicos plurais e democráticos.

¹⁰ Hooks, B. "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade." São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

¹¹ Carneiro, AS. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.



Essa experiência em formato de livro sistematiza, literalmente, nosso caminho até o momento, bem como, ressalta o longo percurso a percorrer para se alcançar um sistema educacional antirracista. Temos muitos desafios para formar professores e professoras comprometidos com a luta antirracista, sem preconceitos de gênero e que colaborem realmente com a melhoria da educação e de nossa sociedade. A educação precisa ser reformulada e desenvolvida com a inserção da população negra como desenvolvedora e contribuidora de ciência e tecnologia. Convidamos a todos que leiam as Trajetórias e narrativas decoloniais, e que pensem, reflitam sobre tudo que foi escrito, mas que primordialmente repensem qual a sua contribuição em uma educação antirracista.

Jorge Costa Silva Filho

Pós-graduando em MBA-Gestão de Projetos – ESALQ/USP (2020).

Mestrando em Tecnologia Nuclear em Materiais -IPEN/USP (2020)

Licenciando em Matemática -UFABC (2020).

Bacharel na Engenharia de Materiais - UFABC (2018)

Bacharel em Ciências e Tecnologia -UFABC (2016).

Professor e coordenador do Cursinho Popular Carolina de Jesus

Pesquisador na área de Afroetnomatemática sobre o tema Contribuições dos Povos Africanos para a Matemática, com enfoque em Fractais Africanos, Membro da

Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN,

Coordenador do Projeto Tecnodiversidade (www.tecnodiversidade.com.br)



Membro do IEEE - Institute Of Electrical And Electronics Engineers.

Palavras do Prof. Marcelo Bussotti Reyes

Quando recebi o convite para escrever algumas palavras sobre este livro fiquei ao mesmo tempo lisonjeado e apreensivo. Escrever sobre um tema complexo como o objeto deste livro é muitas vezes um terreno escorregadio. Mas após a leitura do texto, ficou claro o objetivo a que ele se propõe – relatar de maneira explícita o processo transformador que a disciplina de Estudos Étnicos Raciais promove em nossos estudantes – o que me dá plena satisfação e tranquilidade em escrever.

Particpei de uma etapa do processo de inserção da disciplina de Estudos Étnicos Raciais na lista de disciplinas obrigatórias do curso de licenciatura em matemática, e confesso que tive dúvidas sobre o processo. Retirar disciplinas obrigatórias do rol parecia complexo quando todas as disciplinas técnicas pareciam imprescindíveis. Mas, refletindo sobre a importância de um professor na vida de seus alunos, hoje tenho convicção de que foi uma decisão acertada, pois vale a pena que professores tenham ao menos refletido sobre a questão do racismo e do preconceito em suas várias formas. Entender as bases do racismo não nos torna imunes a este mal, mas nos municia com conceitos e argumentos importantes no combate a ele, além de entender como muitas vezes vem disfarçado de argumentos falaciosos ou enviesados que uma análise superficial é incapaz de perceber.

Os relatos deixados pelos estudantes neste livro demonstram que a disciplina foi ministrada num formato bastante horizontal, com a participação amplamente incentivada pela professora e plena dos alunos. Relatos pessoais trazem um tom de



realidade ao texto, onde o conhecimento não paira distante do leitor, mas conecta-se com o seu cotidiano. Relatos naturalmente repletos de experiências pessoais, uma vez que ninguém passa incólume pela vida sem ter contato com o racismo – em diferentes graus, ativa ou passivamente, constatando, cometendo ou sofrendo-o. Talvez um momento coletivo de revelação de experiências – quase uma terapia coletiva.

Acredito também que a UFABC tenha sido um local propício para a criação deste material. A Prof^a. Ruth é uma psicóloga e neurocientista que atua em um curso de licenciatura em matemática. A Prof^a. Zuleika é historiadora e também pesquisadora da área de neurociência. Os alunos da universidade são selecionados através de uma política de cotas vanguardista. Em uma universidade que vê na interdisciplinaridade a base da construção do conhecimento, que insere as humanidades como parte indissociável da formação de profissionais de engenharia e das ciências “duras”, bem como entende que o conhecimento das bases quantitativas e experimentais é fundamental nas humanidades. Consigo ver poucos outros ambientes tão amplamente propícios para as discussões que culminaram nos relatos descritos aqui.

O livro, em forma de coletânea de experiências de alunos, possui três etapas. Nas duas primeiras, mostra a visão sobre o tema que cada aluno tinha antes e depois de entrar em contato com o conteúdo da disciplina. Em uma terceira etapa, os alunos refletem sobre o impacto deste conteúdo em suas vidas. O formato semelhante ao de estudos científicos longitudinais – onde os cenários anterior e posterior podem ser contrastados – é excelente para explicitar o papel da informação, reflexão e discussão, fatores indissociáveis da boa formação acadêmica.

Acredito que o livro tenha também um significado acadêmico importante: um legado para aperfeiçoar a disciplina de Estudos Étnicos Raciais. Docentes de ofertas futuras da disciplina poderão balizar suas atividades didáticas neste relato, como um primeiro e importante degrau no processo de aperfeiçoamento.



A questão do racismo está longe de ser solucionada, tanto no Brasil como pelo restante do planeta. Ela permeia a humanidade e age ora de maneira assustadoramente evidente, mas mais frequentemente de forma sorrateira. E a negação da própria existência dos preconceitos – tão confortante para quem discrimina e tão devastadora para quem é discriminado – ainda é um caminho escolhido por muitos. Que usemos mais iniciativas como a deste livro como o mais importante recurso na busca de reverter estes veios obscurantistas – o do conhecimento.

Prof. Marcelo Bussotti Reyes

Diretor do Centro de Matemática Computação e Cognição

Universidade Federal do ABC



Palavras do Prof. Francisco José Brabo Bezerra

O presente livro **“Trajetórias e Narrativas Decoloniais na Universidade”** é fruto das reflexões e discussões que aconteceram entre o grupo de alunos matriculados na disciplina e a professora Ruth durante a condução de suas aulas. A disciplina em questão foi “Estudos Étnicos-Raciais” que aconteceram no primeiro quadrimestre de 2019, na Universidade Federal do ABC, no Campus de Santo André-SP. A Profa. Dra. Ruth Ferreira, cuja formação se deu na área de Psicologia, uniu esforços juntamente com a Profa. Dra. Zuleika Roque, especialista na área de História, para organizarem este livro que trás no bojo a voz e a fala dos nossos alunos. Para além de outros temas, conteúdos como: a democracia racial no Brasil, estudos sobre as desigualdades raciais no Brasil, trajetórias do movimento negro, trajetórias do movimento indígena, estiveram no foco dessa disciplina e se apresentam na forma de diálogos, relatos, narrativas e trajetórias de seus autores, sejam eles identificados ou anônimos. As organizadoras aceitaram tal desafio e conseguiram com muita maestria coletar e organizar essas páginas que poderão proporcionar aos seus leitores um novo olhar sobre a questão Étnico-Racial.

De acordo com os dados apresentados no último Censo do IBGE de, em 2010, podemos observar que as estatísticas de cor ou raça produzidas mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e é maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos.

Para o professor Otair Fernandes, doutor em Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural



do Rio de Janeiro (Leafro/UFRRJ), a realidade do Brasil ainda é herança do longo período de colonização europeia e do fato de ter sido o último país a acabar com a escravidão. O professor ressalta que, mesmo após 131 anos de abolição, ainda é muito difícil para a população negra ascender economicamente no Brasil.

Além disso, é importante destacar que a taxa de analfabetismo em 2016 no Brasil era de 4,2% da população branca e 9,9% da população de pretos e pardos. Nessa comparação quase 60% a mais de pretos e pardos são analfabetos. Esses dados estatísticos demonstram que a raça ainda é fator que condiciona o acesso das pessoas aos direitos fundamentais. De acordo com dados de 2014 do IBGE, a taxa de frequência escolar entre adolescentes de 15 anos era de 70,7% entre brancos, 55,5% entre negros e 55,3% entre pardos. E o Direito que deveria ser para todos, ainda continua pautando na questão racial, com mecanismos de reconhecimento das desigualdades e de proteção e promoção dos direitos dos grupos racialmente vulnerabilizados. Apesar dos avanços e políticas públicas na tentativa de minorar tais distanciamentos, ainda é muito pouco frente às necessidades e demandas que nossa sociedade precisa.

Em 13 de maio de 2019 completamos 131 anos da assinatura da Lei Áurea, que aboliu a escravidão. No entanto, após o término dessa página da história do Brasil, pessoas negras que vinham trabalhando de graça por muitos anos foram ignoradas na composição da classe trabalhadora remunerada e não tiveram apoio do Estado para a compra de terras e estabelecimento de uma vida digna. Em contrapartida, políticas públicas foram criadas para dar privilégios à classe dominante e para o financiamento da vinda de imigrantes europeus para trabalharem no país. Pesquisas apontam que no começo do século XX, 92% dos trabalhadores industriais na cidade de São Paulo eram estrangeiros, sobretudo de origem italiana. Ideais racistas apontavam pessoas negras como subdesenvolvidas e menos aptas para certos trabalhos.

O racismo na sociedade brasileira é estrutural. Áreas com a saúde, educação, política, mercado de trabalho e moradia, entre outros, ainda são negligenciados a



grande parte desses brasileiros. Negar a existência deles é trilhar um caminho para não erradicá-los, pois é mais fácil colocá-lo embaixo do tapete e ir pisando, do que de fato enfrentá-los e promover políticas que de fato torne a nação mais justa e igualitária para todos os brasileiros e brasileiras, independente da cor, raça, gênero, religião, ideologia, personalidade, condição social, etc..

Vejo nessa obra uma forma de clamar novos sons aos nossos ouvidos, uma tentativa de expor ao leitor as angústias, e refletir sobre um *status quo* que apesar de visível, muitos de nós ainda estamos com as vendas nos olhos. A cada página que lia, novos olhares e novas percepções do outro me reconstruíram enquanto pessoa. Espero que aconteça o mesmo com muitos outros leitores! Talvez lendo as percepções daqueles que sentem no dia-a-dia a exclusão, poderemos entender melhor e caminhar para a construção de um futuro mais justo para todos.

Boa leitura!

Francisco José Brabo Bezerra

Coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática da UFABC.



Agradecimentos

Agradecemos a todos e a todas que proporcionaram essa rica experiência dialógica. São poucas as oportunidades que temos de descobrir, assumir e enfrentar preconceitos diversos que são parte da nossa realidade social. A oferta da disciplina de Estudos Étnico-Raciais no curso de Licenciatura em Matemática da UFABC, é uma conquista e ao mesmo tempo uma necessidade, de todo cidadão que ao analisar sua (s) identidade (s) e realizar exercício de alteridade, percebe o quão é necessário nos (des)construirmos de discursos e práticas cotidianas. Ser a Universidade, de fato, não só uma instituição, mas, uma qualidade e condição universal de construção de saberes é o nosso desejo.

Desde a criação da disciplina (originalmente para o Bacharelado em Ciências e Humanidades - UFABC) até a inserção desta disciplina como obrigatória da Licenciatura em Matemática foi um percurso não muito curto e, representa a luta legítima de estudantes que levaram a cabo a necessidade de implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, passando pelo reconhecimento e tomada de ações por parte da coordenação e docentes que têm se mostrado dispostos a enfrentar o racismo estrutural, diversas foram as mãos que trabalharam para este fim. O sucesso na empreitada da inclusão desta disciplina na Matriz Curricular da licenciatura em Matemática, só se dá à medida em que há coragem por parte da comunidade acadêmica, portanto, nosso agradecimento a todos envolvidos e em especial aos estudantes, que aceitaram compartilhar suas experiências de educação na Disciplina Estudos Étnico-Raciais, não só para documentar, como também para disseminar as boas práticas e a pertinência de continuarmos reconhecendo privilégios e hiatos que tornam o Brasil um país que precisa caminhar, sem esquecer do seu passado, fazendo do tempo presente um momento de ação e reflexão para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.



Prolegômeno

Quando comecei minha carreira, como Licenciada em Psicologia, fui professora em escola do Estado, ministrava Psicologia para o Magistério e, pela falta constante de Professores sempre ministrava também disciplinas como História e Geografia. Enquanto professora, me incomodava a repetição de discursos engessados, bastava-se mudar uma palavra e espantosamente os alunos “perdiam” tudo que supostamente sabiam, queriam que conseguissem interpretar uma questão e foi minha primeira experiência muito marcante como professora, depois de várias tentativas de obter respostas autônomas sem discursos engessados e muitos zeros (ainda estávamos na transição do recém implantado conceitos), em um dado momento, o aluno que era o assunto mais constante na sala dos professores me surpreendeu e a sala toda acompanhou o movimento tempos depois. Apenas perguntei “Na sua opinião o que foi a democracia Ateniense” e este aluno respondeu “Na minha opinião não foi.”, foi meu primeiro dez e isso despertou a curiosidade (para não falar revolta) da turma, como eu poderia dar um dez a um aluno que não citou nenhum dos temas abordados em sala e nem ao menos desenvolvera o assunto.

Neste dia, acabou a aula mas a conversa com a turma continuou e a mudança da turma foi instantânea, sempre liderada pelo aluno “tema da sala dos professores”. Foi dele que partiu a ideia de fazermos um mural de peculiaridades de provas sem revelar as fontes e foi dele também que partiu a ideia de substituir do mural de afirmações pouco ortodoxas de provas, para um mural de notícias. E como professora de escola pública, sempre procurando em casa algo que poderia ser utilizado na escola (pois falta de recursos é uma realidade crônica), resolvi levar o jornal que minha mãe (D. Laura Maria) assinava para montagem do painel, um “Clipping” (explicou irmã Silvia).



A escolha deste jornal taxado de “direita”, tinha o mesmo objetivo que dar como lição de casa assistir o Noticiário Noturno com maior audiência na época: criar neles o hábito de mastigar as notícias antes de ingerir, e aí comecei a ter problemas com os professores que julgaram que eu estava alienando os alunos pois eu deveria usar o jornal chamado supostamente de “esquerda”. O que eu pensava, sou professora não vou “catequizar para a esquerda” ou “catequizar para a direita”, vou apenas tentar ajudar a ter um pleno desenvolvimento cognitivo (nesta época eu não tinha ainda a minha formação acadêmica na área de neuropsicologia, nem a noção exata do que significava desenvolvimento cognitivo pleno). E aí foi uma de minhas maiores lições como professora “e depois aplicada na clínica também): “nunca desista de ninguém”, não se desiste de pessoas, mude as estratégias mas alcance uma via de comunicação eficiente com a pessoa, o aluno “tema da sala dos professores” se tornou o maior construtor do processo de aprendizagem desta turma, acredito que talvez eu tenha conseguido alcançar o “além do comportamento resistente”.

Estimular os alunos a interpretar/analisar deste a educação básica, como citou uma aluna, coautora deste livro, deveria realmente ser um processo de construção na infância, ainda na antes das entrada da criança para a Educação Básica, como descreve Carl Rogers. O desenvolvimento da autonomia deve começar cedo, como demonstrou o escocês *Alexander Sutherland Neill* (1883-1973) na verdadeiramente primeira escola inovadora do mundo a *Summerhill School* (1921), depois desta outra vieram com a mesma linha de trabalho, pensamentos e regras, como a *Sudbury Valley School* (1968) e a *Escola da Ponte* (1970). O desenvolvimento da autonomia é essencial para a realização de escolhas e do senso de responsabilidade com os resultados de suas produções, e esta observação da ação e seus desdobramentos contribuem para o desenvolvimento do raciocínio crítico e analítico, e este processo de análise crítica é primordial para descortinar preconceitos e estereótipos.

Foi nesta época também que, com vocação natural para pesquisadora, quis compreender o que foi o tema de uma de minhas monografias de conclusão de curso (formação de psicólogo): “O que mantinham os professores na Rede Pública,



ganhando o que ganhavam, sem nenhuma perspectiva de ascensão profissional”, tema este inspirado em falas na sala de professores.

Animada com a coleta de dados, disparei questionários (semiabertos) para diversos lugares, não voltaram todos é óbvio, mas os 380 que retornaram me fizeram repensar no papel do professor, mais especificamente duas questões: uma sobre “O que te (o professor) mantém na Rede Pública como professora”, e outra sobre “o que mais gosta em sua profissão (de professor)”. Mais de 90% dos professores que responderam citaram na primeira questão: “trabalhar sem ser julgado”; e na questão sobre “o que mais gosta...” citaram: próximo a 90% relataram “poder influenciar”. E deste assombro vieram outras lições valiosíssimas: sobre o “ser julgado”, um professor deve ser rigoroso o suficiente consigo mesmo, não é de fora que deve vir o julgamento e sim de si mesmo, trata-se de um processo contínuo, pela responsabilidade da profissão, a cada aula deve avaliar os resultados para buscar sempre ajustar e melhorar suas práticas. Sobre “influenciar os alunos”: um professor não deve ter o objetivo de influenciar o aluno, que isso acontece, é fato, mas é um efeito colateral e não alvo, a sutileza desta constatação dá a dimensão da sua intensão: o desenvolvimento do aluno (mesmo que em direção oposta ao que você, pessoa natural, pensa) ou é o exercitar o seu poder (de arrebatador seguidores/discípulos ou vaidade intelectual de manter todos distantes do seu saber). Eu prefiro a primeira opção, o foco é no aluno e para diluir o peso do professor nas decisões, pois, por mais que eu fale em democracia dentro da sala de aula, é o professor que “tem a força” já que é ele que tem o poder de lançar os conceitos e faltas. Uma saída possível para exercitar a democracia seriam os trabalhos em grupos, isso treina aceitação das divergências, discussões em grupos ensina a ouvir o outro e argumentar sem atacar, e tudo isso vai dando a dimensão da contribuição de todos para a construção do conhecimento. Também é possível realizar avaliações por pares, assim cada aluno avaliava o trabalho de outros colegas, esta estratégia não apenas reforça o processo de aprendizagem, pois permite ao aluno faça a comparação do seu produto com o de colegas, mas também “diluí a peso da mão” do professor na correção dos trabalhos. Para os leitores abismados com esta prática, já



aviso que não é um processo simples este desprendimento do poder do professor sobre os alunos, mas faz parte do processo de construção do conhecimento (incluindo o gerenciamento e protagonismo do próprio saber) pois trata-se de uma avaliação crítica por parte do aluno e não basta o aluno atribuir um conceito ou usar frases genéricas, é preciso justificar detalhadamente os critérios utilizados e apontar possibilidades de inserções no texto do colega, para que sua avaliação seja aceita na composição do conceito final. Assim foi trabalhado também nesta turma da disciplina Estudos Étnicos Raciais, buscando cada atividade proporcionar, além de conhecimento teórico o desenvolvimento de habilidades de avaliação e análise crítica.

Iniciamos a disciplina com a produção de dois textos: “Racismo no Brasil” e “O que em mim reflete meus ancestrais”, fechamos os textos como uma “cápsula do tempo” e foi dado início aos trabalhos da disciplina, estes primeiros trabalhos fazem parte da coletânea de textos apresentados no tópico VERSÕES INICIAIS.

Trabalhamos nesta Disciplina a partir do senso comum, buscando-se desconstruir preconceitos e estereótipos, frutos de um processo de “adestramento social” ou, para ser mais específica, tentando trazer a luz o processo de reprodução de uma cultura vigente que não necessariamente corresponde a ancestralidade (genuína) do aluno, buscando colocar em evidencia a estratégia de manutenção perpétua do processo eurocêntrico de aculturação.

Na construção deste processo decolonial, partimos do que era “distante de si”, exemplos no mundo sobre preconceitos, sobre racismo, com o objetivo de tornar o tema menos ameaçador (pois não haveria julgamentos acerca de possíveis envolvimentos individuais em situações de manifestação de preconceitos) para que não se criasse defesas e fugas/resistência a encarar o tema. Usando obras de arte, exposições artísticas e mesmo exemplos de literatura, aos poucos fomos nos aproximados do nosso contexto social, também recorremos ao uso de filmes, documentários, experimentos de psicologia disponíveis em vídeos, com a finalidade de explicitar cada vez mais, a formação da mente a partir do contexto social. Fomos nos aproximando e permitindo que cada um, a seu tempo, fizesse a aproximação com



a sua realidade e encontrassem em seu dia a dia as “pílulas de preconceitos” que recebia ou que distribuía, e sobretudo, discutimos atitudes educativas, já que esta é uma disciplina obrigatória da Licenciatura em Matemática, e que fora ofertada pela primeira vez, nosso projeto essencial deve ser voltado para a educação.

Muitos filmes, documentários e debates depois, próximo ao término da disciplina os alunos elaboraram novo texto sobre o “Racismo no Brasil”. A diferença observada nas produções antes e após a disciplina, fez surgir a ideia de deixar registrado o processo e assim, foi feita a proposta de registro desta experiência/vivência na apresentação deste livro. **TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DECOLONIAIS NA UNIVERSIDADE**, tem por objetivo apresentar o trabalho realizado durante um período letivo na Universidade Federal do ABC em uma turma da Disciplina Estudos Étnicos Raciais.

O projeto livro foi amplamente aceito pelos alunos que após assinarem o termo de aceite de publicação, onde deixava-se explícito que não haveria nenhum tipo de retaliação caso optasse pela não divulgação do seu material. A divulgação deste material foi uma decisão conjunta do grupo que viveu a experiência em sala (Professora e Alunos), também por decisão cada um poderia fazer um ajuste no texto **Racismo no Brasil**, já que o público alvo mudaria, este material encontra-se no tópico **VERSÕES DECONOLIZADAS**.

Para finalizar a etapa de trabalhos produzidos na disciplina, foi solicitado um texto reflexivo sobre o projeto de protagonismo decolonial de cada um, as produções deste último texto se encontra no tópico **MUDANÇAS EM MIM: MEU PROJETO DECOLONIAL**, onde não apenas buscou-se o reconhecimento das diferenças e preconceitos sociais, mas também buscou-se fazer uma reflexão sobre o papel social de cada grupo social na luta por todos os grupos em nome de uma justiça social. Justiça entendido de forma ampla, não como igualdade entre os membros de uma sociedade, mas sim como oportunidades adequadas as características de cada um.



Analisando os projetos decoloniais para a vida, são observados relatos emocionantes de constatações surgidas com a disciplina que me fizeram lembrar das discussões e construções em sala, infelizmente este livro não alcança todas as manifestações em sala, como quando um aluno que em sua argumentação para sala inicia falando “O pouco que resta da opinião que eu tinha...” ou sobre suas “escolhas gerem genuinamente uma preferência pessoal ou uma construção social”; penso que este era o sentido desta disciplina na Licenciatura: desprender as amarras de valores carregados de visões estereotipadas, assim como, descortinar preconceitos disfarçados sob a chancela da “tradição”, como argumentou outra aluna.

A disciplina, na forma como foi ministrada, buscou o respeito as diferenças, pedindo licença para enxergar e entender a dor alheia sem tirar o protagonismo a quem é de direito. Tratar de temas sociais difíceis com o propósito de instrumentalizar o aluno com as ferramentas apropriadas de educar e não atacar, como brincávamos “conter o efeito baiacu”, pois se queremos educar não podemos atacar/agredir (mesmo que com palavras) o outro, é a política do que brincávamos também em sala “Não assustar o freguês”, pois não se ensina batendo (no sentido simbólico) pois palavras também ferem e é instintivo (ao atacado) buscar a defesa ao ataque. Lutar contra preconceitos sem hostilidade é também um primeiro passo para a educação para uma sociedade mais justa.

Ler aluno falando sobre Metanoia e outros termos que não foram discutidos/utilizado em aula é gratificante, é a prova de que o professor pode até ensinar a seus alunos, mas o essencial é provocar, no sentido de estimular a aprofundar-se nos temas, pois um aluno engajado aprende sozinho e contribui para a construção coletiva do conhecimento, tornando-se protagonista, tornando-se ativo no próprio processo de aprendizagem. É esta observação de mudanças na turma que causa (ao professor) a dependência, a experiência compartilhada em sala e a observação das mudanças no próprio pensar do professor e do aluno é viciante/contagante.



É um privilégio ser professora e poder compartilhar estes momentos com os alunos, como professora penso que educar é investir em pessoas. A educação é formação pessoal e não pode ser usada como palco para se exercitar chantagens, torturas ou barganhas.

Finalizando, agradeço a todos que estiveram envolvidos na inserção dessa disciplina da Licenciatura em Matemática, sobretudo aos responsáveis pelo ponta pé inicial, o Coletivo Vozes. Quero agradecer acima de tudo aos coautores deste trabalho, meus queridos alunos que juntos, nesta jornada quadrimestral, mudamos pontos de vistas em nossas vidas, cada um em seu lugar de fala, observando e respeitando o lugar de fala do outro. Cada um sabe das suas dores, mas atentar-se as dores de outro subgrupo, que não o seu, é um processo essencial de despir-se também de discursos engessados de “uma história única”, foi um privilégio para mim compartilhar estes momentos, este é meu projeto decolonial, como professora.

Ruth Ferreira Galduróz

Psicóloga e Professora Centro de Matemática, Computação e Cognição

01 - Versões Iniciais

Autoria Anônima 1

O racismo no Brasil, como em todo o Ocidente, é formado a partir dos ideais de supremacia branca e tomou força principalmente no período de expansão colonial da Europa.

A ideologia colonialista foi fortemente sustentada pelas ideias iluministas que pregava a necessidade de uma corrida civilizatória onde o homem branco europeu simbolizava o modelo de humanidade e, por consequência, sua cultura também seria imposta como superior.

Os ideais de supremacia branca se apoiavam fortemente em teorias eugenistas e no racismo científico, nos países da América Latina houve tentativas de embranquecimento da população com alguns casos de sucesso (Argentina o mais notável e outros nem tanto –Brasil; por conta da diversidade étnica brasileira o racismo ganhou uma faceta diferente no período pós-abolição, a segregação não foi tão explícita quanto nos países europeus, ao invés disto havia uma marginalização da cultura afro e indígena, enquanto paradoxalmente, afirmava-se a democracia racial pregada por Gilberto Freyre. Esse ideal de democracia racial impede os avanços nas discussões raciais até nos dias de hoje, tornando o preconceito de cor como uma exceção cometida por poucos ao invés de apresentá-lo como realmente é: uma característica normalizada da sociedade brasileira.

Por ter nascido e crescido em uma comunidade ..., eu tenho pleno conhecimento das minhas origens e também sei delimitar as influências culturais externas, já que estive parte da minha vida em um local de semi-isolamento cultural. Porém, tenho noção de que esse privilégio em conhecer o passado não foi dado aos meus irmãos de cor que tiveram sua história apagada. Devido a isso, sei quais características da minha construção social de quilombola baiano foram suprimidas para dar espaço a socialização urbana paulista.



Autoria Anônima 2

O racismo no Brasil é um assunto extremamente complexo. Pode-se dizer que apesar de ser um problema estrutural, onde milhões de pessoas são afetadas diariamente, ainda existem grupos e figuras públicas que investem em negar os fatos. Eles alegam que as pessoas negras estão se vitimizando, que querem privilégios.

No entanto, no país onde 54% da população é negra (dados do IBGE), não há representantes na política, nas propagandas, nos altos cargos de empresas públicas ou privadas, na academia científica, etc. Este texto está sendo escrito para a disciplina de Estudos Étnicos Raciais da UFABC, onde não há mais do que cinco negros na sala de aula, pelo que pude observar nos primeiros dias de aula. E posso dizer que esta turma está com muito mais negros do que o habitual. Quando ingressei na UFABC, em 2014, era comum eu ser o único negro em turmas de 90 alunos.

Um bom lugar para encontrar jovens negros é nos presídios do país, muitas vezes por crimes de certa maneira estranhos como no caso de Rafael Braga, preso por portar desinfetante em protesto de 2013. Outro bom lugar é nos cemitérios, visto que a cada 23 minutos morre um jovem negro, vítima de violência, segundo a ONU.

A cultura negra também é tratada como inferior. As religiões de matriz africana sofrem ataques com o argumento de serem religiões “erradas”, do “demônio”. Os estilos musicais com maior predominância negra também sofrem discriminação, alegando-se serem músicas de “bandido”.

Logo, podemos observar que os privilégios que os negros estão querendo é educação, segurança e respeito. Realmente, quanto vitimismo.



Eu nunca havia parado para pensar nesse assunto (ancestralidade). Conheço muito pouco sobre o passado de minha família e minha ascendência e me pergunto, qual o motivo disso?

De memória consigo lembrar que meus pais costumam falar pouco sobre seus pais (já falecidos com exceção de minha avó paterna) e menos ainda sobre seus avós, que em sua maioria não pude conhecer e os que conheci, foi no início de minha infância.

Pensei em pesquisar a origem de meu sobrenome para tentar construir algo que pudesse me ajudar na produção desse texto, mas isso demandaria um tempo que não tenho e não acredito que seja a proposta dessa atividade. Por ser de família negra a busca pelo sobrenome traz consigo também a probabilidade de encontrar não a história de meus ancestrais, mas sim a dos donos deles, tendo em vista que dar o nome do proprietário do escravo ao escravo, era uma prática comum no passado.

Logo, identificando nos meus pais e avós o que possa estar sendo refletido em mim hoje, posso dizer que talvez uma predisposição ao alcoolismo, o humor e alguns gostos pessoais como vestuário, paladar, leitura e músicas.

Apesar de não ter muitas informações agora, estou instigado a pesquisar sobre a árvore genealógica de minha família para entender quem eu sou e de onde eu vim.



Autoria Anônima 3

O Brasil em seu período colonial foi definido pela monocultura e mão de obra escrava. Mesmo após a assinatura da Lei Áurea, foi mantido esse regime de trabalho, após sucessivas leis como a do Ventre Livre e Eusébio de Queirós, a escravidão teve o seu fim.

Entretanto, não foi oferecida a essa população negra o suporte para que conseguissem ter uma vida como os brancos já residentes no Brasil, ficando marginalizados na sociedade. Devido a isso, mas não apenas a isso, fermentou-se as ideias racistas no Brasil.

Tais ideias que algumas pessoas trazem em mente causam desconforto e até morte para a população negra do país. Casos em noticiários são o que não faltam, sendo que o mais recente envolve um garoto negro preso injustamente, pois foi confundido com quem cometeu o delito.

Esse é apenas um caso citado entre tantos, mas esse racismo que acompanha de forma histórica prejudica uma parcela da sociedade de forma irreparável.

O que em mim reflete os meus ancestrais? A minha árvore genética é um tanto quanto obscura, a única certeza que tenho é que meus avós maternos, que moram em Alagoas, possuem descendência de índios. Enquanto os paternos, que são do Paraná, possuem descendência de italianos (avó) e baianos (avô).

Entretanto, não vejo traços europeus em minhas características e nem na personalidade. Mas o gosto por comida temperada forte, acredito que venha dos traços nordestinos da minha árvore.



A verdade é que meus gostos, no sentido de entretenimento, são completamente influenciados pela mídia americana, pois é o que me chega mais facilmente, como o caso da *netflix*.

Autoria Anônima 4

O racismo apesar de não ocorrer apenas com os negros, existindo também com outras etnias marginalizadas, se manifesta de maneira estrutural num sistema que explora e marginaliza a pessoa negra.

A marginalização no Brasil perdura desde a escravidão e acredito que é muito reforçada pela maneira como se deu a guerra às drogas, já que é daí que se associa o mesmo à criminalidade e à violência. Gerando uma guerra ao negro periférico e pobre, como ocorre em níveis alarmantes nas favelas no Rio de Janeiro, e influenciado o preconceito “naturalizado” devido manipulação com os mesmos.

A maneira como nossos ancestrais influenciam nas nossas vidas, o Brasil, é meio subjetivo já que depende de quem nos vê e o que ele enxerga a partir de associações impostas a eles pela manipulação e pelo estereótipo. Quando se é considerado branco. Questões de hábitos, pelo contrário é passado de nós para nós mesmos, logo temos cargas culturais que carregamos através das trocas com nossos parentes e pessoas presentes na sua vivência.

Culturas associadas a marginalização são muitas vezes manipuladas e esvaziadas estruturalmente.



Autoria Anônima 5

Temos uma herança cultural ainda muito forte da época da escravidão no Brasil. Isso fica claro quando paramos para prestar atenção em alguns detalhes, nas falas das pessoas, como: ...não sou racista até tenho amigos negros...



Autoria Anônima 6

A história do Brasil carrega da época colonial, um período de escravidão. Naquela época, o tráfico negreiro era um mercado lucrativo, os escravos oriundos do continente africano eram tratados como mercadoria e eram trazidos para o Brasil em navios com condições insalubres.

Na época, a justificativa aceita pela sociedade para a aceitação da escravidão se baseava nos ideais europeus que classificam o homem negro como inferior (subordinado) ao homem branco.

Com o fim da escravidão no Brasil, a população de negros começou a viver, em sua maioria, como marginalizados da sociedade. O preconceito racial e a ideia de superioridade do homem branco continuaram existindo e até hoje, de modo mais mascarado, o preconceito racial se faz presente na sociedade.

Para minimizar o problema, criou-se políticas públicas de inclusão social, como cotas em universidades e em concursos públicos para melhorar as oportunidades de vida para o público negro.

Apesar disso, muito ainda há de ser feito para que o preconceito racial no Brasil acabe e que a sociedade tenha oportunidade para todos.

O que em mim reflete meus ancestrais? A herança história e cultural interfere significativamente na atualidade. Os costumes, por mais que estejam sujeitos às interferências temporais, têm suas raízes passadas de geração para geração.

Modificar uma raiz cultural é uma tarefa quase que impossível. Muitos questionamentos atuais não se aplicam às épocas passadas, pois as sociedades mudam constantemente com o passar do tempo.



Por conta disso, o tratamento social de um indivíduo carrega atualmente as características ancestrais de sua etnia, sua religião e seus costumes.

Autoria Anônima 7

O Brasil é um país símbolo da miscigenação e diversidade cultural, porém tem sua histórica marcada pela intolerância entre raças. Este histórico de intolerância começou logo na sua colonização, onde os nativos daqui foram forçados a seguir os padrões impostos pelos portugueses, que incluíam religião e crenças. Nesta forma de sociedade que lhes era imposta, não tinham voz, e os que iam contra ou simplesmente discordavam em algum ponto, eram, de alguma forma calados.

Sendo assim, é fácil percebermos que para essa sociedade se consolidar era totalmente necessário, que todas as culturas e símbolos indígenas fossem apagadas, para que as próximas gerações desde sua origem tivessem apenas identidades culturais europeias. Por outro lado, era necessário alimentar o ódio por outras raças. O objetivo era de tornar esse pensamento tão lógico e natural onde as pessoas parariam de questionar se aquilo era certo ou errado. O racismo tinha como arma o medo, nesta época provocado por violência física e psicológica.

Logo no começo do processo de colonização do Brasil, tivemos a escravatura. A princípio foram escravizados índios nativos, e com o aumento da demanda por mão de obra, foram trazidos os africanos para cá visando suprir essa necessidade. Neste momento, o racismo já estava plenamente difundido na Europa. Os brancos julgavam-se superiores às outras raças, já tinham essa concepção instalada, muitas vezes consideravam a pessoa de cor preta como criaturas diferentes de seres humanos. Então se olharmos por essa ótica qual seria o problema em obrigar esses seres inferiores a trabalharem pra nós sem lhes dar nada em troca? Foi com esse pensamento que a sociedade escravista se manteve por muito tempo.



Novamente se utilizavam do medo, novamente através de torturas físicas e psicológicas.

É natural pensarmos: mas não tinha naquela época que se dava em conta de que isso era errado? Tinha, mas imagine a influência da parte deles sobre uma maioria esmagadora de racistas, que não se limitava apenas aos alienados, incluía também alguns pensadores notáveis da época “Eles podem ser educados porém somente para servos, isto é, eles permitiam-se ser treinados”. Trecho traduzido da obra *Anthropology from a Pragmatic Point of view* de Immanuel Kant.

Após tanto tempo, tantas descobertas, tanta evolução tecnológica estes pensamentos deveriam ter se tornado obsoletos. De fato a sociedade vem evoluindo nesse aspecto, mas, estamos muito longe de viver completamente livres de racismo, muitos traços daquela formação social europeia ainda refletem na população atual. O racismo continua utilizando-se do medo, porém agora provocado principalmente por violência psicológica.



Autoria Anônima 8

O racismo no Brasil acontece de forma institucionalizada e permeia todas as esferas sociais, infelizmente. Desde que uma criança brasileira negra nasce, ela já tem um destino traçado pelos moldes dessa sociedade, que ainda tão diversa em população e culturas, é ainda muito enraizada no período colonial. Essa criança deveria ter um mundo de possibilidades em aberto para ela explorar de acordo com as suas vivências, mas logo no início já enfrenta as desigualdades sócio-raciais presentes no Brasil. Como não ter acesso à educação primária por exemplo, já que a maior parte da população das favelas é negra e não tem condições de levar os filhos até a creche no centro da cidade, na maioria das vezes.

É claro que essa “predestinação” não necessariamente irá alcançar todos os casos, e que bom por isso! Entretanto, os reflexos dessa situação são muito recorrentes na vida dos brasileiros – os quais, tiveram poucas gerações após a abolição da escravidão e tardam em praticar a plena cidadania que prevê liberdade e igualdade à toda nação. Sendo assim, é perceptível que nas entrelinhas do desenvolvimento brasileiro, o racismo fortificou suas raízes. Todos os dias a população negra enfrenta dificuldades, que não deveriam ser dificuldades apenas devido à sua cor de pele, ou estilo dos seus corpos, cabelo, cultura e entre outras questões. A casa grande brasileira não suporta promover a igualdade, desde 1500.

Não há dúvidas de que o mundo de hoje é extremamente conectado entre todas as partes e que isso permite uma globalização de tal maneira, a ponto de muitas vezes não sabermos mais onde começam e onde terminam determinadas culturas atuais. Países como o Brasil, são grandes exemplos de miscigenação consequente desse mundo globalizado.

A maioria dos brasileiros é descendente de muitos povos de uma mistura que produziu uma sociedade altamente abrangente e muitos não sabem os traços culturais que sua ancestralidade carregam.



No meu caso, é possível exemplificar exatamente isso – bisneta de negros e índios por um lado da família e bisneta de portugueses e italianos pelo outro. Apesar de saber a nacionalidade das minhas gerações anteriores, é difícil expressar quais práticas e costumes herdei diretamente dessas culturas, já que nasci num período de forte globalização.

Porém, acredito que um dos maiores pontos que posso afirmar sobre as tradições da minha família são justamente aqueles que se desenvolveram graças à pluralidade cultural: pois, sempre gostei de me relacionar com as pessoas, conhecer novos lugares e estar ao redor de personalidades diferentes – gosto de estar em contato com a diversidade e sei que isso é um fato na minha família toda; todos gostam de cultivar a comunhão entre pessoas.



Autoria Anônima 9

Nunca compreendi ao certo o motivo do racismo. Para mim, somos todos iguais, independente da raça, características físicas, religião e cultura. No entanto, não são todas as pessoas que pensam dessa forma.

O racismo é algo ainda muito comum nos dias atuais no Brasil. Constantemente vejo e observo, nas redes sociais pessoas reclamando sobre a discriminação racial e intolerância. Geralmente tratam-se de agressões verbais, abordando as características físicas e a cor da pessoa, como se fosse algo ruim, um defeito, algo inferior.

O racismo mais comum é relacionado aos negros. Estes são frequentemente “atacados”, diminuídos, menosprezados, discriminados e muitas vezes marginalizados. Já escutei diversos discursos dizendo que “preto não presta” e quando algo de ruim aconteceu “tinha que ser preto”, como se a cor definisse o que a pessoa é.

Espero que um dia discursos de ódio e o desrespeito acabem, pois ninguém é melhor que ninguém e todos merecem e devem ser respeitados pelo que são e possuir os mesmos direitos sem ser discriminados.

Na minha família, por parte de pai é portuguesa, pois meu avô era português. Deles, levo comigo a receita da bacalhoadá, o amor pelo azeite e a fascinação pela cultura portuguesa. Já a mãe do meu pai, minha avó, era do interior de São Paulo e o pai dela era curandeiro; dela, levo comigo, a paixão que tenho em cozinhar, entender como o “interiorano” (como ela dizia) age, pensa e fala e também a curiosidade por plantas medicinais e seus benefícios.

Já a parte da minha mãe, a minha bisavó (mãe da minha avó) era italiana e meu bisavô (pai da minha vó) era romeno. E dessa minha bisavó só levo comigo o



manjar de coco com vinho, que é receita da família, e do meu bisavô só possuo o sobrenome.

A mãe do meu avô materno era descendente de índio e a mãe dela foi laçada, retirada da sua tribo e forçada a se casar com português, a tribo que ela pertencia era a Anhanguera que se localiza o Pico do Jaraguá. E delas levo comigo o respeito pela natureza e toda forma de vida. Já o pai do meu avô materno era português, mas faleceu quando meu avô era pequeno, então não sei muito sobre ele.



Autoria Anônima 10

O Brasil possui uma dívida enorme com os negros...



Autoria Anônima 11

O Brasil é um país originalmente habitado por indígenas e onde atualmente há predominância de negros e pardos, as diferenças deveriam ser encaradas como comuns e serem aceitas, afinal, somos todos seres humanos. Mas, a realidade é diferente.

A discriminação de acordo com a raça é caracterizada como crime no país, fator que não impede que os atos racistas continuem ocorrendo diariamente e que vejamos frequentemente casos do tipo na mídia. E não estamos falando de agressões verbais.

O Brasil é um país miscigenado e cada um dos brasileiros é fruto dessa mistura, cada um com suas particularidades, seus costumes e tradições herdados de suas famílias. Dessa forma, o respeito se faz necessário para com todos.

O que de mim reflete meus ancestrais? Somos todos feitos de uma mistura. Um pedacinho de cada parte do mundo que se tornou um pedacinho de cada parte do Brasil. E carregamos conosco vários desses pedacinhos, sejam eles representados por nossas características, nossos costumes, nossas crenças, nossos sotaques e até mesmo nossos nomes.

Neta de avós negros, que moravam lá no interior de Minas Gerais e que plantavam seu próprio sustento, hoje sou apaixonada por aquela comida fresquinha feita pela vó. Logo cedo aprendi a costurar, costume que foi passado de acordo com as gerações e que em meio a globalização e a criação de novas tecnologias, acabou se perdendo nas famílias. O sotaque mineiro e o jeito manso de falar acabaram se perdendo em meio ao caos paulistano, onde hoje vivem. Os domingos à tarde vendo filme com toda família reunida já não existem mais por conta da rotina corrida de cada um.



O que resta em mim são apenas as características e os costumes ainda preservados.

Autoria Anônima 12

Resquício do segundo maior império escravocrata da história, o racismo no Brasil sempre foi institucionalizado, ecoado nas mais altas classes da sociedade de um modo a impedir a ascensão dos negros/indígenas na sociedade brasileira. De modo a observar a sociedade atual vimos que essa premissa é verdadeira, com tentativas de falhas de branqueamento da população por parte de diversas elites tivemos um surgimento forte do colonialismo no Brasil onde ninguém quer ser atrelado aos status do “negro” ...

Isto gera um problema grave de identificação onde não há um panorama completo e preciso do que é ser pardo e do ser negro, só do que é ser branco, o que é ser “bom”, o que é ser “digno”. Um conceito completamente falso.

O que de mim reflete meus ancestrais? Como grande parte dos brasileiros sou uma mistura de negros, indígenas e europeus, porém a grande parte de contato que tive são com meus avós maternos negros e maternos mamelucos. Além dos traços que lembram o povo nativo afro-americano não muito me sobra para me denominar negro ou indígena, que grande parte da cultura adquirida vem dos contatos sociais, ambas famílias apesar de não-brancas são evangélicas e católicas, as músicas... nunca foi apresentado a mim algo que não seja um conceito que independente da raça, para dificultar algum tipo de identificação com a cultura dos meus ancestrais. Carregando o sobrenome de europeus que possivelmente pouco passaram sua cultura aos meus ancestrais, é difícil entender onde todas as peças se encaixam e é mais me ver com um jovem paulista, um fruto do meio.



Autoria Anônima 13

É evidente a desigualdade racial entre brancos e negros atualmente no Brasil, há sempre fatos comparando uma formatura de medicina e um grupo de garis nas redes sociais, na primeira, todos brancos, na segunda, todos negros. Alguns são capazes de dizer que essa situação se dá por falta de interesse de pessoas negras na medicina, ou até mesmo em cursar o ensino superior, claramente, isso não é verdade.

Pretos e pardos são mais da metade da população brasileira segundo o IBGE, porém essa maioria em relação aos brancos não é vista em empresas, faculdades e universidades. Negros são maioria nas favelas, nas prisões, no número de assassinados pela polícia. O racismo no Brasil é institucionalizado.

Existe uma dívida histórica e há uma reparação para ser feita. As cotas, por exemplo, não são nenhuma vantagem, mas sim um direito, para que se possa começar, e apenas começar, a diminuir essa desigualdade.

“Quem sou eu?”, “De onde eu vim?”, “Quem são meus ancestrais”, “Qual a minha história?”. Muitas pessoas já devem ter feito esses questionamentos sobre si mesmos, muitas vezes, acredito que sem respostas. Sem uma pesquisa muito detalhada feita por especialistas no assunto, hoje em dia é impossível responder a estas perguntas. Isso pois o mundo é uma mistura de raças e etnias, com todo o processo de migração que ocorreu durante os séculos.



Autoria Anônima 14

O racismo estrutural está na gênese do “nascimento” do Brasil. Desde o começo do surgimento da noção de brasilidade. Povos/populações já sofriam processo de gentrificação, se afastando dos centros urbanos e indo para as regiões. Disso temos no imaginário coletivo e na literatura uma ideia romantizada dos cortiços e favelas.

A peculiaridade brasileira reside no fato de que a forte miscigenação torna a percepção sobre o racismo um tanto obscura. O racismo à brasileira é sutil e mais disfarçado do que se observa em outras regiões.

Nossa cultura mais universalista permite que brancos, negros, amarelos e indígenas convivam juntos, embora geralmente vistos de modos diferentes. Embora tenhamos melhoras no âmbito do respeito à diversidade étnica, ainda estamos atrasados de tal modo que o próprio Estado brasileiro se dispõe a tratar de modo diferente indivíduos de etnias diferentes.

Nosso país só se tornará um país igualitário quando todos tiverem condições equiparadas e semelhantes de ascensão social. Pois incrustado no racismo, socialmente só é aceito quem possui um bom poder aquisitivo, tendo por consequência alguns *status* social.

O que de mim reflete meus ancestrais? Minha família ainda que sem uma origem bem descrita pode ser tida como resultado de uma “mistura” entre portugueses e indígenas, por conta da localização da cidade natal de meus pais (Lagoa/Pombal-PB). De tal modo obscura e antiga a presença de meus ascendentes no Brasil, considero minha ancestralidade de fato, nordestina – exatamente marcado pelo encontro entre essas duas culturas.

A vinda de meus pais, primeiramente à capital de São Paulo, nos inseriu num contexto de enculturação e assimilação de alguns traços da cultura nordestina



em São Paulo, porém os costumes e hábitos dos que pra cá vieram mudaram radicalmente. Permanecendo somente algumas lembranças da terra natal, através da culinária e música paraibana/nordestina.

Dos meus ancestrais, tanto os mais longínquos, quanto aos mais próximos, ficou a língua falada (o português), algumas expressões típicas (pelo fato de eu ter morado por lá durante três anos), o apreço pela religião católica e algumas devoções particulares e o gosto pela culinária nordestina (tapioca, baião de dois, cuscuz, doces e broas tipicamente de lá).

O fato de estar em grande convivência com a minha família, contribui para que aspectos dessa cultura esteja presente na minha visão.

O que reflete meus ancestrais são traços de encontro entre essas culturas, às quais tenho grande admiração, pelo legado cultural que nos deixaram.



Autoria Anônima 15

O racismo é algo muito presente na sociedade brasileira, ele se manifesta em todos os setores, desde as crianças na escola, até as maiores instituições do país.

Ele começa na escola como se fosse piada e quanto mais a pessoa cresce, pior fica. Desde ser encarado constantemente por seguranças de *shopping*, ser descartada primeiramente em entrevistas de emprego, até o extermínio por parte da polícia da população negra e pobre. Tudo isso é por causa do racismo.

É dever de todos combater o racismo assim que se vê sinais de sua presença em um ambiente, pois quem não enfrenta é conivente.

O que de mim reflete meus ancestrais? Possivelmente só a aparência. Minha família tanto por parte de mãe, quanto de pai possui origem europeia, mas não carregamos nada de tradição ou costumes. Eu talvez tenha bem menos contato que meus pais com alguma tradição por já ter nascido na era da globalização.



Autoria Anônima 16

O racismo no Brasil tem origem principalmente vinda de sua época de colônia. Por mais que o Brasil tenha diversas raças e etnias, isso não impede que o racismo ocorra e, de fato, ele ocorre. Apesar de ser definido majoritariamente contra a raça negra, não é exclusivo quando se trata de outras raças.

Por conta da escravidão intensa e longa no Brasil, acabou por criar-se uma cultura de que o negro, por sua cor e diferenças do branco europeu, seria, de alguma forma inferior e isso, por incrível que pareça, permanece até hoje na mente de algumas pessoas.

Maior taxa de desemprego, maior quantidade em prisões, exemplificam como o negro continua sendo discriminado nos dias de hoje. O negro, hoje, tem muito mais chance de ser abordado pela polícia do que uma pessoa branca de mesma classe social, apenas por sua cor e muitas vezes, além de ser preso injustamente pela polícia tentando impor crimes não cometidos, é abordado violentamente onde, muitas vezes, resulta em sua morte.

O que de mim reflete meus ancestrais? Dado minhas origens africanas e europeias, eu diria que das origens africanas eu herdei o amor pela música instrumental e aquele sentimento de nunca desistir; dos meus ancestrais europeus, a exploração e a vontade de descobrir o novo, é algo que sinto que me influencia também.

Devido à alta variedade de culturas no Brasil, é difícil dizer o que veio de onde. Apesar de meus pais terem nascido no nordeste, eles têm sotaque de São Paulo, assim como eu, que nasci em Santo André.



Autoria Anônima 17

Durante muitos anos eu acreditei que o racismo no Brasil era algo mais velado, mais disfarçado e sutil do que em outras regiões. Eu, privilegiada que sou, tive a oportunidade de fazer intercâmbio para os Estados Unidos (especificamente uma cidadezinha minúscula e interiorana chamada Trumann, no estado de Arkansas) e pude ver como o racismo se manifesta em outras culturas.

Contudo, tenho observado uma mudança nessa percepção nos últimos anos. Apesar de ainda existir muito desse racismo velado, escondido em discursos de meritocracia, tenho visto comportamentos cada vez mais semelhantes aos que observei no intercâmbio e que tanto me marcaram e contribuíram para a formação do meu caráter: pessoas que não se sentem inibidas, e até mesmo sentem orgulho, de declarar publicamente seu racismo.

Tenho sentido cada vez mais dificuldade em saber como lidar com os racistas, como abordar de uma forma construtiva (como vejo, admirada o professor Francisco Comarú fazer). Acredito também que essa seja uma habilidade crucial para professores, que impactam tantas vidas. Dessa forma, espero que essa disciplina me forneça as ferramentas necessárias para auxiliar meus futuros alunos a desconstruírem seus preconceitos.

O que de mim reflete os meus ancestrais? Olha, sinceramente, eu não sei. Minha família é uma mistura de portugueses, índios e italianos, principalmente. Ainda que eu suponha que o ramo mais forte são os italianos, até por causa do sobrenome, a cultura italiana além dos estereótipos tão disseminados, inclusive em livros e filmes, como: serem briguentos (o que eu sou um pouco), falar alto (o que eu faço muito), falar muito (olha eu aí de novo).

Apesar disso, sei que isso representa apenas uma região da Itália – não sei especificamente de onde minha família vem, e mesmo que soubesse, meu conhecimento da cultura é apenas superficial.



No mais, apesar de achar a reflexão proposta muito interessante, acho que a tarefa de escrever uma redação inteira sobre o tema, possa ser complicado para algumas pessoas e me deixou desconfortável (olha a italiana briguenta que existe em mim aí)



Autoria Anônima 18

A herança histórico/cultural do Brasil é um dos fatores mais importantes quando trata-se da questão do racismo no país. Desde a época dos escravos, onde os colonizadores da terra tupiniquim assumiram o poder e, portanto, se acharam maiores e/ou melhores do que os outros, o preconceito passou a fazer parte da realidade brasileira.

Hoje em dia, ainda mesmo que muitos pré-conceitos tenham mudado, nem o fim da escravidão foi capaz de acabar de vez com o preconceito com os negros. É algo que está tão enraizado que muitas pessoas não percebem que estão praticando atos de racismo, seja através de um comentário “inofensivo” ou até mesmo um olhar torto.

É importante que a questão do racismo seja tratada logo na primeira infância, pois a criança nasce sem qualquer tipo de preconceito. Seu comércio com as pessoas mais adultas e com o meio externo é que vai influenciando seu modo de pensar e agir. Somente dessa forma haverá uma chance de que o preconceito e a intolerância comecem a acabar.

O que de mim reflete meus ancestrais? Nascida em São Paulo, capital, tenho 27 anos e sou filha de pais nordestinos. Meu pai, é natural de Esplanada no Estado da Bahia e minha mãe, é natural de Jucati, Pernambuco.

Minha herança, ancestral vem de uma mistura entre negros africanos e espanhóis devido ao sobrenome e também, por parte materna, de uma herança indígena. Dessa herdei o respeito e o amor pela natureza, pela terra e pelas águas doces. Daquela herdei os cabelos enrolados e o amor pela música. Apesar de gostar e apreciar outras culturas, as que mais me identifico são as oriundas da minha ancestralidade.



Autoria Anônima 19

O racismo é uma circunstância de preconceito baseada nas características raciais do indivíduo, na maior parte baseada na cor da sua pele.

Hoje o Brasil vive um momento delicado, onde com o *boom* da internet acompanhamos como é rotineiro e “comum” casos de racismo no Brasil e enquanto vemos grande parte da população lutando para mudar o cenário, é capaz de vermos como está enraizado na outra parte da população, o comportamento racista, que muitas vezes é visto como algo normal, ou “*mimimi*”!

A luta vem crescendo, cada vez mais ganhando visibilidade e buscando formas de acabar com esse preconceito que está visível em todos os lugares, escolas, hospitais, novelas, retratando e reproduzindo estereótipos medíocres, sempre diminuindo e os colocando em situação de vulnerabilidade.

Mesmo o racismo sendo uma pauta presente ainda encontramos pessoas que relutam em estudar e buscar entender o porquê a história criou o racismo.

A ciência comprova que os seres humanos refletem e repetem o comportamento que ele observa, sendo assim, sua mediocridade achar que não somos reflexo de nossos ancestrais sendo que a maioria de nosso comportamento vem deles.

Desde costumes, questões culturais, ideologia, etc. Se hoje estamos onde estamos é por que houve uma história que fez com que nossos antecessores viessem até aqui, geograficamente falando.

Sendo assim, vejo que mesmo que de forma voluntária, carrego a história de diversas pessoas dentro de mim.



Autoria Anônima 20

Podemos pontuar algumas situações de racismo no Brasil como: negros em grandes companhias são trabalhadores com subempregos, enquanto brancos têm melhores empregos; pessoas negras têm menos oportunidade de estudo do que pessoas brancas (oportunidade de crescimento); muitas vezes os negros são tratados como bandidos, traficantes de drogas, pessoas faveladas e ruins; em algumas situações são chamados e tratados como animais.

Meus ancestrais são de origem europeia (espanhóis e italianos), mesmo sendo europeus, eram pobres (temos uma falsa “ideia”, que todo europeu é rico). Eles imigraram para o Brasil, à procura de uma melhor condição de vida.

Em um primeiro momento, moraram em cidades do interior de São Paulo. Trabalharam em lavouras, alguns eram analfabetos e outros cursaram até a quarta série do ensino fundamental I.

Dessa maneira o que tenho dos meus ancestrais, é a valorização dos estudos, a alimentação mais simples, como frutas; legumes, vegetais. E a valorização da religião católica.



Autoria Anônima 21

O racismo no Brasil se instaurou com a invasão dos europeus à América do Sul, que trouxeram consigo uma cultura branca e cristã.

Ao longo de séculos esse tipo de violência ainda encontra-se enraizada na cultura brasileira. Muitas vezes sendo de maneira consciente e proposital, como uma forma de inferiorizar a pessoa. Mas também, por muitas vezes pode acontecer de forma involuntária, com expressões que são ditas como “senso comum”.

Além de agressões física e verbal, o racismo pode se apresentar pela exclusão de um grupo específico, onde são marginalizados e invisibilizados, sendo excluídos da sociedade a que pertencem. Podendo perder o poder de fala e de colocarem seus direitos em pauta.

Atualmente, os movimentos sociais buscam cada vez mais, unir o grupo que tanto já sofreu com o racismo, lutando por visibilidade, justiça e inclusão. Incentivando as pessoas a denunciarem cenas de violência, trazendo essas pessoas para dentro da universidade, buscando uma melhor educação para posicionarem-se no mercado de trabalho. Entretanto, essa cultura, ainda está presente em nós.

A globalização é muito presente na vida das pessoas deste século, principalmente na minha, que eu nem sei onde começa e onde termina a influência dos meus ancestrais em comparação às culturas exteriores.

Mas, considero trazer comigo alguns costumes asiáticos, já que quando era criança, cresci praticando karatê em um bairro que possui um bom número da associação japonesa na zona leste de São Paulo. Foi me ensinado muito sobre disciplina e organização, assim como respeito para aprender com os mais graduados e ensinar os menos graduados.

02 - Versões Decoloniais

Autoria Anônima A

Atualmente, é muito claro o Racismo em nossa sociedade. Esse conceito e perspectiva de mundo vem principalmente de questões históricas e culturais que influenciam individualmente cada pessoa dentro de tal sociedade.

O Brasil possui uma grande influência provinda de sua época de colonização. Colonizada por Portugal e sendo basicamente uma Colônia de Exploração, os portugueses tinham como intuito retirar o máximo de recursos e produzir para o seu próprio lucro. O Brasil passou por diversas "fases", sendo muito importantes algumas como a do pau-brasil, açúcar, ouro e café.

A necessidade de mão de obra, levou à captura e transporte de milhares de negros para terras brasileiras com o intuito de utilizar desses escravos para a exploração de sua mão de obra.

Em 1888 ocorreu o fim da escravidão por meio da Lei Áurea, uma proibição instaurada pela princesa Isabel da escravidão no Brasil, movida pela pressão da população e de pressões internacionais, principalmente da Inglaterra. A abolição da escravatura, embora um pequeno passo para o combate à desigualdade, foi extremamente tardia e desleal. A desigualdade já estava implantada, não apenas pelo modo de pensar da sociedade como também em questões monetárias. Os negros, inevitavelmente possuíram muito menos oportunidades que o povo branco, uma vez que foram forçados para outro continente para trabalharem em campos com condições muito precárias e não recebendo nada por isso.

O final do século XX foi marcado principalmente pela pressão social do Eurocentrismo, uma vista de mundo onde a Europa é o centro de tudo, hierarquizando os outros povos abaixo de si e criando uma clara relação de opressor e oprimido. Devido a esses pontos, outras etnias são levadas até os dias de hoje como inferiores.

A procura de novas fontes de mão de obra e os ideais eurocêntricos instaurados levaram a tentativa do branqueamento da população brasileira, que na época era majoritariamente de negros e mulatos, através da vinda em massa de imigrantes



europeus. Esse processo de branqueamento também alimentou vertentes de pensamento como o da Eugenia, que foi um estudo que visava o controle social para manter qualidades raciais brancas.

Levando então a questão histórica e o Eurocentrismo, é um pouco mais perceptível que o Racismo não foi simplesmente algo “criado”. Ela vem de todo um processo de pensamento que evoluiu com a sociedade e que tem influência em toda ela.

Os resultados de processos movidos pelo eurocentrismo são notórios em diversos locais e contextos atualmente. Um grande exemplo, é o número de pessoas negras em faculdades e centros acadêmicos, o motivo não vem da incapacidade dessas pessoas como indivíduos, mas sim de uma desigualdade histórica e de um ideal no qual são os indivíduos que não se encaixavam no modelo "europeu", ou não possuíram as mesmas oportunidades que outras pessoas (assim como exemplificado na libertação dos escravos, a desigualdade existia não apenas desde aquela época, mas sim, desde que uma "raça" decidiu e implantou que era superior que outra).

É importante ressaltar que a maioria das pesquisas feitas em relação às origens da criação apontaram para a África como “Berço do Mundo”, portanto, geneticamente, brancos e negros possuem muito mais semelhanças, não sendo a sua cor um fator de relevância para a discriminação, uma vez que a cor da pele é um fator muito mais fenótipo, ou seja, que muda com base no meio em que o indivíduo vive e não totalmente genético.

Outro grande ponto é a questão do que é aceito como “esteticamente bonito”. É muito difícil encontrarmos ícones de mídias que sejam minorias, uma vez que é instaurado pelo Eurocentrismo, que o esteticamente aceitável são pessoas brancas, de olhos e cabelos claros, lisos ou pouco ondulados, levando a um pensamento enraizado na sociedade de que o outro, que não aparenta ser assim, é feio.



Essa construção social faz com que as pessoas nunca estejam satisfeitas e as motiva a seguir um modelo muitas vezes impossíveis para seus corpos, trazendo o desejo de possuir cabelo "bom" liso, pele mais clara (através de diversos métodos de branqueamentos artificiais e nocivos), além de cirurgias plásticas para mudar traços, em busca de uma maior aceitação perante a sociedade e seus ideais eurocêntricos instaurados desde a colonização europeia.

Podemos também citar questões de representatividade. É muito difícil encontrarmos pessoas negras ou minorias em altos cargos, tanto na política, quanto mídias sociais, e quando aparecem, o primeiro pensamento é de estranheza e negação, principalmente de uma figura de uma pessoa negra, que passou por uma série de estereótipos e implementação de pensamento que a mesma é algo "ruim", algo a ser temido.

Algo que influenciou muito e que fortaleceu a imagem do negro como algo "ruim" ou algo cômico, foi o Black Face: movimento que ocorreu em meados do século 19, quando era proibido a participação de negros em peças teatrais. Como resposta, atores brancos se pintavam com carvão para exercerem os papéis de negros, onde, em quase 100% das vezes, eram papéis que os rebaixaram os ridicularizando, criando estereótipos marginalizados e de mau caráter dos mesmos.

Em bases nesses fatos e em diversas constatações, atualmente, podemos dizer que existe o começo de um processo de decolonização, ou seja, um repensamento e o questionamento da geopolítica do conhecimento, uma tentativa de concluir se os métodos de avaliação de "se algo é certo ou errado" realmente é certo ou errado. Diferentemente da descolonização, que se trata de uma recuperação da independência ou uma superação do colonialismo, entende-se então que o decolonialismo é algo que procura transcender a colonialidade, e quebrar preconceitos que estão enraizados como verdades absolutas graças ao processo de colonização.



A luta contra o Racismo ainda será um longo caminho a ser percorrido. Possuímos diversas vitórias, porém, a desigualdade continua instaurada e, mesmo que inconscientemente, o racismo está enraizado em nossas ideias e ideais. O racismo no Brasil é perpetuado de forma silenciosa e baseia-se na complacência dos membros de sua sociedade. Pode-se dizer que vivemos em uma Democracia Racial, onde os povos são aculturados em prol da manutenção da pirâmide social e política vigente. Diferente de países, tais como os EUA e a África do Sul, que foram configurados primariamente por leis e instituições que alimentavam o racismo, o racismo brasileiro tem agentes muito mais abstratos e de difícil identificação e que precisam ser iluminados para combater o sistema social atual.

É importante lembrar que não existe somente o racismo em relação aos negros. Existem outras minorias que sofrem com tais atos, porém, de formas diferentes e são lutas totalmente incomparáveis. Por nossa questão histórica e cultural, não há medidas que mensurem a grande desigualdade que os afro-descendentes sofreram e ainda sofrem devido sua "etnia".

Porém, o racismo existe a partir do momento em que uma "raça" se impõe superior às outras, portanto, existe sim racismo não só contra os negros, mas contra outras "raças", como por exemplo os asiáticos, árabes, ou até mesmo latinos.



Autoria Anônima B

Sobre o dualismo do racismo no Brasil

Inicialmente, acredito ser necessário definir o que é o racismo para que não haja interpretações equivocadas da presente análise.

Racismo: substantivo masculino.

1. *Teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias).*
2. *Doutrina que fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras.*
3. *Preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia) diferente, geralmente considerada inferior.*
4. *Atitude hostil em relação a certas categorias de indivíduos.**

Dada a definição, podemos expandir este conceito para racismo estrutural, que nada mais é do que uma estrutura social, econômica e cultural em que se beneficia grupos étnicos em detrimento de outros. Mais ainda, podemos falar em uma sociedade em que estes são marginalizados em relação a aqueles.

Inicialmente, podemos nortear nossa discussão deixando claro que o dualismo do racismo no Brasil se concretiza, principalmente, de duas maneiras distintas. A primeira está na própria definição de racismo, onde está a ideia de contrários antagônicos, de raça superior e inferior, de opressor e oprimido.

A segunda reside no fato de que alguns afirmam que existe discriminação racial na sociedade brasileira e outros são radicalmente contra, tendo dentro desse segundo



grupo indivíduos que fazem parte da etnia subjugada. Ora, como podemos explicar essas diferentes visões concorrentes numa mesma sociedade?

Começemos pelo fato de que a construção do Brasil teve um caráter exploratório, produto do colonialismo, com uma economia baseada numa mão de obra escrava de origem em povos africanos principalmente, que durou entre 1538 a 1888. Nesse período, estima-se que cerca de 1,7 milhões de africanos** na condição de escravos foram trazidos ao Brasil e vendidos como mercadoria, despidos de qualquer traço de humanidade. Dado esse panorama histórico podemos conjecturar que tínhamos um ambiente propício para o Efeito Lúcifer criar raízes na sociedade. Por isso, podemos falar da naturalização do sofrimento do povo negro.

Como podemos explicar os indivíduos do grupo subjugado que discursam contra seu grupo?

Para explicar esse fenômeno temos que ter uma visão mais ampla da sociedade. Começando pela influência digital e da mídia, atuando por meio de uma transmissão silenciosa de valores principalmente nas classes mais baixas e médias, são responsáveis pela manutenção do *status quo* potencializando um narcisismo próprio do ser humano e propagando estereótipos raciais de maneira sistemática.

Podemos expandir ainda essas influências ditas acima com o conceito de hegemonia cultural de Gramsci. As classes dominantes tentam, até certo ponto, imprimir nas classes dominadas sua cultura e seus pensamentos, a fim de fazer com que os dominados se vejam dominantes e padronizando certos comportamentos. A esse fenômeno dá-se o nome de aculturação, que fica claro quando observada a supervalorização dada a elementos da cultura européia e a desvalorização de elementos culturais próprios do Brasil indígena ou oriundos do continente africano.

Aliado a isso temos o efeito manada, onde as pessoas tentam se adequar a uma normalização imposta pelos agentes influenciadores já citados a fim de se sentir parte da sociedade, mesmo que para isso sacrifiquem sua individualidade e sua



cultura sem perceber, aderindo às imposições do grupo dominante de maneira inconsciente. Um exemplo seria os padrões de beleza da sociedade brasileira, onde é tipificado um modelo caucasiano numa sociedade em que a maioria de sua população não pertence a esse molde, e que os grupos que estão fora desses padrões tentam, por vias artificiais, se inserir nesse modelo por meio de cirurgias, procedimentos estéticos e maquiagem (leia-se utilizar de maquiagem para corrigir “imperfeições” do rosto, como afinar nariz, aumentar/diminuir olhos, etc).

Esse processo de influência também se dá pela via educacional, visando a formação de uma mão de obra qualificada a fim de ocupar os postos de trabalho na sociedade, mas com pensamento acrítico, apolítico e o mais alienado possível. Paulo Freire descreveu isso brilhantemente como segue:

*“Seria realmente uma ingenuidade, que só os “inocentes” podem ter, esperar que as classes dominantes pusessem em prática um tipo de educação que as desvelasse mais do que as contradições em que se acham envolvidas já o fazem.”****

Respondendo a nossa pergunta, portanto, podemos dizer que aqueles que fazem parte da etnia subjugada e não se percebem nela ou que não enxergam as contradições impostas numa sociedade com uma falsa democracia racial é vítima de um crime social e está pensando exatamente como foi lhe foi arquitetado e imposto.

Levando-se em conta o observado conclui-se que que vivemos numa sociedade racista, todavia é um racismo velado, silencioso, que amputa oportunidades, que incrimina e que mata nas favelas do Brasil, longe da grande mídia, em que os agentes do estado teimam em confundir negros com bandidos.

* Fonte: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=racismo>>

** Fonte: <www.slavevoyages.org>

*** FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.



Caique Cappucci Bismarck

Antes de cursar a disciplina eu já tinha ciência de que o racismo está fortemente presente na nossa sociedade, e que ele se manifesta, muitas vezes, de forma tão sutil que pode passar despercebido por olhares mais leigos. Porém eu acreditava que o indivíduo que o comete ou que o aceita fazia isso por pura crueldade e estupidez. De fato é por estupidez mas no sentido de ignorância, de falta de conhecimento. Acredito que exista realmente quem comete este ato por crueldade, mas passei a perceber que nem sempre é desta forma. Tem traços muito fortes do racismo presentes no nosso dia a dia.

O racismo estabelece uma hierarquia entre etnias, sendo que quem comete o racismo acredita, de alguma forma, que sua raça é superior. Esse conceito tem uma construção sócio histórica que se baseia no eurocentrismo.

Na Europa, sobretudo no período colonial, durante as inúmeras guerras por territórios, foi criada e sendo alimentada a ideia de que a Europa representa o topo na hierarquia estabelecida pelo preconceito. Desta ideia deriva o conceito de etnocentrismo, que os europeus representam uma restrita elite étnico-racial. Propõe, desta maneira, a eugenia, onde os brancos são os “bem nascidos” e qualquer mistura genética com outras etnias lhes traz prejuízos físicos e mentais. Este pensamento cria estereótipos e quem não está de acordo passa a ser visto como inferior.

Durante a história vimos e vemos até hoje muitas diásporas. A diáspora africana foi diferente pois os africanos foram retirados em massa de seu continente para serem escravizados, tanto que os termos “diáspora africana” ou “diáspora negra” denotam especificamente esse movimento, que iniciou-se a partir do fim do século XIX e, associado à eugenia, desencadeou um genocídio negro onde a ideia de desumanização do negro foi utilizada como justificativa, ou tentativa de isenção de culpa, para atos cruéis.



O próprio conceito de raça é questionado quando se refere aos descendentes do continente africano, pois este termo pode remeter, mesmo que de forma inconsciente, ao passado quando utilizavam-no para definir os africanos e descendentes. Portanto, considerando o contexto histórico, este termo pode reforçar a ideia de superioridade criada e que se conserva ao longo do tempo. O termo etnia negra, por sua vez, considera não apenas o fator genético mas também o contexto cultural, experiências e características comuns dos indivíduos, assim como as lutas e manifestações de resistência por determinado grupo, neste caso, descendentes africanos.

Por fim, acredito que é possível acabarmos com o racismo no Brasil, porém, será um processo longo e duradouro. O objetivo é romper com as ideias instauradas pelo eurocentrismo e, com o passar do tempo, tornar natural a percepção de que a diferença entre grupos étnicos trata-se apenas de características físicas. Sendo assim toda forma de preconceito se torna infundada e sem sentido sob todas as perspectivas. Para isso, é importante intervir e orientar, mas principalmente se policiar para não reproduzir este preconceito inconscientemente.



Camila De Freitas Cardoso

A consciência negra no Brasil

Racismo remete a um preconceito baseado na quantidade de melanina que uma pessoa possui em sua pele, como citado por Leandro Karnal em uma de suas falas. Essa existência de maior melanina, é usada como fator principal para que seja feita a separação por diferentes “raças” do ser humano, tendo como principal centro de dissipação a Europa, que com o eurocentrismo impôs que pessoas não semelhantes aos traços e culturas desse continente fossem automaticamente inferiores.

A criação de estereótipos, como por exemplo a inferioridade tempo como base a cor da pele, gerou a necessidade do europeu se estabelecer como superior diante de povos que não se encaixavam no mesmo padrão, padrão esse ditado por eles, e por conseguinte, inicializou-se o processo de colonização, no qual violências e atrocidades com outros seres humanos eram vistas como normais, necessárias e justificáveis, sendo feitas como ajuda ou salvação da parte dos colonizadores. A desapropriação de vários povos e tribos por toda África acabou gerando a aculturação e, conseqüentemente a perda de identidade dos dominados e desumanização dessas pessoas através da escravidão.

Como um dos países que manteve a escravidão por mais tempo, o Brasil tem um grande e terrível envolvimento ao receber a diáspora africana, que através da travessia forçada pelo oceano Atlântico houve milhões de pessoas arrancadas de suas terras e trazidas para cá com fins de trabalho escravo e outros milhões de pessoas mortas por falta de condições básicas nas tripulações. O negro africano foi extirpado do seu horizonte visual, mas não do seu passado, como colocado por José Altran (mestre pela PUC-SP em ciências da religião) que antes de desembarcar do navio aquele ser humano foi um homem livre. A ética foi deixada totalmente de lado, e assim, iniciou-se uma história vergonhosa de abuso com os negros do continente africano e durou por mais de três séculos aqui no Brasil.



Tendo em vista todo esse genocídio, violência, desrespeito e falta de ética, o Brasil vem tentando reparar este terrível erro por meio de políticas públicas como cotas raciais que ajudam pessoas declaradas pretas a entrarem em universidades públicas e terem acesso a um ensino de qualidade. Porém, com o fim da escravidão, os escravos então libertos, não tiveram nenhum apoio ou suporte para seguirem suas vidas, ficando assim à margem da sociedade e sempre com uma qualidade de vida muito inferior, o que ocasionou a desigualdade que temos hoje.

Com todos esses erros na história da humanidade, é imprescindível que as pessoas tenham não só a consciência de tudo que foi feito por parte do homem branco, mas também, saber que todos têm a fiel obrigação de identificar situações racistas e intervir, visto que preconceito se aprende, ninguém nasce com ele. É preciso tomar a luta para si e ser mais ativo no combate ao preconceito, seja ele racial ou de qualquer natureza. A conscientização não só individual, mas também coletiva, é uma boa forma de corroborar para que a situação atual de desigualdade possa diminuir, até chegar ao ponto de ser finalmente extinta.



Autoria Anônima C

Entendesse de democracia racial brasileira como a relação entre as inúmeras etnias brasileiras e a crença de que o Brasil de alguma forma escapou da discriminação racial e que seus membros estão livres do racismo. A sociedade brasileira na realidade é mantida por um sistema social vil, que se baseia na aculturação generalizada para manutenção de status das pessoas no topo da pirâmide política e social. Através de uma análise a fundo das origens da sociedade brasileira, podemos indicar alguns dos vários fatores que contribuíram e ainda contribuem para a manutenção desse sistema e formas de combatê-lo.

Na época do "descobrimento" do Brasil pelos portugueses, Portugal era uma das sociedades mais intolerantes da Europa: judeus e ciganos foram marginalizados e expulsos em massa do país[1]. O encontro do europeu com os povos indígenas nativos cimentou o início do que se tornaria um dos maiores problemas sociais no Brasil - o racismo. O racismo no Brasil começa com a inserção da cultura eurocêntrica na era colonial, cujos valores são carregados nas sociedades e suas

Culturas até hoje. O eurocentrismo configura a visão de mundo na qual a Europa, com suas etnias, culturas e povos, se mostra como elemento superior e fundamental. Os portugueses, movidos pelas diferenças étnicas e pelo repertório cultural europeu de inferiorizar as culturas diferentes, iniciaram o processo de escravidão e marginalização dos índios rapidamente. O resultado foi grotesco: a grande maioria dos nativos foi inicialmente, escravizada e doutrina e finalmente brutalmente aniquilada.

Centenas de anos de história e cultura foram destruídos e podemos observar os efeitos disso até hoje nas poucas comunidades sobreviventes desse massacre.

Em meados de 1530, após a proibição da escravização dos índios, iniciou-se o comércio de escravos provindos da África para o Brasil. Era fruto do início do que ficaria conhecido como a diáspora africana, processo de captura, "viagem", chegada



e principalmente a subsequente adaptação dos povos negros por países do mundo todo, não só o Brasil[2]. Despidos de bens e direitos, os negros foram trazidos do continente africano a força para serem usados como mão de obra pela máquina escravagista europeia. A sociedade brasileira então se separou em duas: os brancos, cidadãos de origens europeia, detentores da cultura superior e da moralidade cristã, e os negros e índios sobreviventes, que eram tratados como animais a nível do gado, marginais da sociedade. As atrocidades desse período marcaram o primeiro contato dos negros no Brasil e fundaram a base do preconceito que assola a sociedade brasileira de hoje.

Em 1823 a independência dos escravos foi proclamada. Mesmo após a independência, a minoria branca, munida de pensamentos eurocêntricos, permaneceu perpetuando o racismo (é interessante observar que o Brasil foi o último país no hemisfério Norte a abolir a escravidão). A abolição da escravatura extremamente tardia funcionou como uma das principais ferramentas para a manutenção de nossa sociedade como é hoje.

No começo do século XIX, iniciou-se a enorme vinda de imigrantes para o Brasil. O que eles encontraram aqui foi uma sociedade baseada na repulsa aos negros, índios e pardos, e a abominação de tudo que não seguia os padrões culturais europeus. Além disso, durante esse período outras etnias e grupos como os judeus e os ciganos também sofreram brutalmente com o preconceito e com os ideais eurocêntricos implantados séculos antes pelos portugueses e que nesse ponto já eram uma raiz na cultura brasileira. É interessante observar que embora inúmeros grupos étnicos tenham imigrado para o Brasil, poucos se misturaram com comunidades já nativas do país, como foi o caso dos "clãs" libaneses, algumas colônias europeias no sul e das famílias nipo brasileiras por exemplo. Aliada ao preconceito já instaurado, esses processos apenas ajudaram na manutenção do sistema eurocêntrico.

Em 1883 nasce o termo "Eugenia", que nomeia e encabeça o movimento de eugenia. A eugenia é um "estudo" do controle social em prol da "melhoria ou



empobrecimento de qualidades raciais, tanto físicas ou mentais"[3]. A vinda desse movimento para solo brasileiro se deu principalmente pelo incentivo da vinda do imigrante. O Brasil não só foi o primeiro país da América do Sul a residir tal movimento, como também teve participação de inúmeros membros de importância política e social. Durante esse período, grupos que buscavam tornar a sociedade mais "branca", como a "Liga Brasileira de Higiene Mental"[4] e a "Sociedade Eugênica de São Paulo" foram criados [3]. O movimento eugênico foi um dos principais movimentos de branqueamento brasileiro. Podemos citar também o processo nos quais os primeiros escravos sofreram: a cultura africana do negro escravo foi praticamente aniquilada. Costumes se perderam e heranças culturais foram destruídos.

Tais movimentos, liderados por políticos e pessoas de influência social, foram grandes personagens na criação da pressão cultural de branqueamento. Tal cultura foi resultado da procura da sociedade brasileira de resolver o grande "dilema" criado por movimentos racistas da época: o que fazer para construir uma nação respeitável num país aonde a maioria da população é negra e "fadada ao fracasso". O processo de miscigenação e sua interpretação como método de "branqueamento" foi o resultado[5].

O movimento de branqueamento foi a principal origem da pressão cultural de seguir o padrão eurocêntrico que vemos hoje em cima da sociedade. Tal pressão que aflige toda sociedade, principalmente os negros, que desenvolveram um preconceito em relação as suas origens. O racismo se perpetua não só nas classes dominantes brancas, herdeiras de valores europeus dos seus antepassados, como também dentro dos próprios negros. A tradição eurocêntrica em poucas gerações gerou o colapso quase total da identidade dos escravos africanos e as gerações seguintes. O preconceito, manufaturado pelo sistema, da herança africana pelos negros e mulatos, aliada ao atrelamento negativo dos traços e costumes africanos criou uma obsessão nas homens, mulheres e crianças negras em mascarar suas características físicas.

A tentativa do "branqueamento" na sociedade se estende além do físico. O branqueamento "social", ou seja, a perda de valores sociais negros através do



embranquecimento da linhagem familiar foi grande influência durante séculos na sociedade brasileira. A mestiçagem no Brasil sempre foi vista como o "clareamento" da população, e não como o "enegrecimento" dela. O enraizamento dessas ideias na sociedade Imperial brasileira que se mostra claramente em Obras como a Redenção de Cam[6], no qual observamos a cena de uma senhora negra agradecendo pela "purificação" de Cam ao descobrir que ele nasceu branco.

Esse sistema social é o principal piloto da situação atual: os negros são os mais pobres e com menor escolaridade[7]. Também são os que mais são assassinados [8] e são as maiores vítimas de violência policial no Brasil [9], com uma diferença avassaladora dos brancos. Os resquícios da cultura africana e até religiões como o candomblé (afro-brasileiro) sofrem preconceitos generalizados e são tratadas como "macumba". A falta de protagonismo e representatividade da maior parcela da população brasileira é clara. Protagonismo na história do país, no qual é registrado como raça abandonada da sociedade e mão de obra nos livros de história. Protagonismo nas mídias em geral, sobretudo nas telenovelas populares e meios jornalísticos, aonde são claramente separados da "classe média branca e trabalhadora". Protagonismo na política e em cargos do alto escalão econômico, aonde são uma rara visão. A não representação do negro como membro funcional na sociedade enraiza ainda mais na população as barreiras do negro na escalada social.

É importante observar que esse sistema não age apenas nos negros e mestiços, o lado do branco também não é livre de resquícios coloniais.

O sistema social criado pela vinda europeia e mantida pela perpetuação do modelo eurocentrista social, mantém a sociedade em geral se movendo por um processo de aculturação e assimilação contínuo, movido pela procura e necessidade de status e poder perante a sociedade causada pelo sistema social vigente. A eterna procura do branco em manter seu status e a procura do negro em obter tal status.

Podemos observar a proximidade da situação da sociedade brasileira com a da África do Sul, duas sociedades miscigenadas, aonde a ascensão do negro iniciou-se



bloqueada por processos sociais. Na África do Sul, aconteceu entre os anos de 1948 e 1991 o regime de opressão e segregação do país conhecido como o Apartheid [10], que disseminava a superioridade dos brancos europeus e africaners (ou bôers), grupos descendentes dos calvinistas vindos da Europa que se instalaram na África do Sul. Em 1991 o povo sul africano derruba o regime e elimina por completas as inúmeras leis e instituições que mantinham o racismo regimental no país. Tudo isso movido principalmente pela identificação clara de agentes e processos que perpetuavam o racismo dentro da sociedade sul africana. Fato é que um dos maiores problemas na luta contra o racismo estrutural brasileiro é a negação de sua existência nos indivíduos em todas as camadas sociais e sua abstração em relação a seus agentes e processos [11]. O brasileiro comum em geral não percebe ou admite a existência dele dentro de si mesmo e do resto da sociedade, cimentando ainda mais a Democracia Racial, ou melhor, o Racismo Democrático.

"O primeiro passo para arrumar um problema é identificar que existe um". O Brasil como é hoje é fruto de diversos anos de pressão e manipulação social, mantido principalmente pela institucionalização do racismo, e sua perpetuação pela sociedade aculturada e negligente que vivemos. Ao identificarmos fontes e processos que auxiliam nisso conseguimos identificar ainda mais facilmente o que precisa ser combatido e o porquê.

Um ponto a se observar é o preconceito silencioso em cima dos povos árabes e asiáticos no país. Com a pressão cultural provindo principalmente da Europa e EUA, cada vez é mais comum a representação dos povos árabes como vilões, terroristas provindos de sociedades arcaicas, ou como fugitivos que destroem as culturas para aonde se refugiam, como foi no caso da onda de refugiados na Europa. No caso dos povos asiáticos: a perpetuação de preconceito extremamente difundidos na sociedade, como é o caso das tailandesas, que são sinônimo no Brasil de travestis, e de preconceitos "positivos" de valorização excessiva, como é no caso dos japoneses, que são vistos como "organizados e eficientes" e relacionados principalmente com aptidão nas áreas das exatas. É importante citar também outros grupos como o LGBTQ+, que são extremamente marginalizados e sofrem diariamente dentro da nossa



sociedade, seja com a violência, falta de representação ou preconceito generalizado [12].

A discriminação e a violência contra a mulher também é super importante e presente [13], e é outro preconceito alimentado pelo sistema social que estamos atrelados, já que ele é regido primariamente pelo eurocentrismo e suas várias ideias, entre eles o machismo provindo de suas origens.

Inúmeros grupos são vítimas do sistema, que se baseia acima de tudo no preconceito, não só racial. É importante observar que o preconceito não só é extremamente difundido, como deve ser combatido e para isso identificado e entendido como um processo multifacetado, independente do grupo étnico afetado para que aqueles excluídos e oprimidos sejam restituídos dentro da sociedade como membros iguais, principal base de uma real democracia. Além da identificação do problema a ser tratado, é necessário a utilização de outras ferramentas e conhecimentos para que possamos combater o racismo dentro de nós, membros da sociedade. Primeiramente podemos citar a identificação das diferenças entre raça e etnia. Embora etnia seja o termo utilizado para diferenciar aspectos sociais e culturais dentro de grupos, comumente é utilizado o termo "raça", que subdivide grupos por meio de características biológicas e genéticas dentro de uma espécie. Utilizar o termo raça não só auxilia na segregação dos grupos étnicos, como também pode levar a justificativa de coisas como a eugenia e a desumanização das etnias.

Outro ponto importante é identificar o quão fácil grupos conseguem ser manipulados dentro de um contexto social. Experimentos como o caso do "Experimento da Prisão de Stanford" e a "Experiência de Milgram" são ótimos para desenvolver o senso sobre o chamado "Efeito Lúcifer", que demonstra como indivíduos ordinários, até mesmos "bons", são suscetíveis a fazer o mal [14].

O "Experimento da Prisão de Stanford", realizado em 1971, foi uma experiência comportamental aonde voluntários foram atribuídos a papéis de guardas e prisioneiros em um prisão. Os voluntários rapidamente demonstraram tendências de reproduzir



ações antissociais e perder suas identidades pessoais e consciências, além de desenvolverem severos distúrbios, a partir de instruções simples que tinham o intuito de desindividualizar os envolvidos e criar um cenário de "grupo vs grupo", no caso os presos vs os guardas [15].

A "Experiência de Milgram", realizado em 1961, foi uma série de experimentos aonde voluntários eram comandados por autoridades a cometer atos que fugiam de seu senso do certo. Voluntários eram levado a acreditar que eles estavam dando assistência a um experimento, no qual eles deveriam administrar choques elétricos a um "estudante". Tais choques falsos aumentavam gradualmente de intensidade a um ponto no qual se tornavam fatais. O experimento resultou em uma quantidade avassaladora de voluntários obedecendo, mesmo que relutantemente aos ordens da autoridade [16].

Ambos os experimentos retratam a capacidade de membros ordinários a sofrerem do efeito lúcido, e se destituírem de concepções individuais ao se verem sobre a direção de uma autoridade, tanto se livrando de responsabilidades ou acreditando que o estão fazendo é o "certo" pois obedece uma hierarquia grupal estabelecida. A partir disso podemos traçar uma clara analogia com a propagação do racismo dentro de nossa sociedade.

Também podemos citar o comportamento de manada, aonde indivíduos de grupos reagem da mesma forma. Movida pela identificação de um padrão no grupo e na incerteza do que fazer frente a situações diversas, agentes do grupo podem decidir imitar os outros, supostamente sabedores, como é o caso da autoridade nos experimentos [17].

Os últimos anos foram marcados pelo combate ao preconceito no Brasil e no mundo. Movimentos como o de decolonialidade, a quebra de valores coloniais instituída e a criação de novos sistemas sociais, a reação dos grupos criados na diáspora africana em reatar e adaptar legados culturais africanos, lutas como o do movimento LGBT, o movimento feminista, o próprio fim do Apartheid citado



anteriormente no texto, e a mais ampla discussão sobre o racismo e o sistema social atual, tanto em mídias como em grupos de convívio e instituições de ensino, munidos de argumentos mais humanos, mecanismos para reparar os danos causados aqueles que foram prejudicados historicamente e socialmente, como é o caso das cotas, são sinais marcantes de que estamos nos movendo para a direção certa, mas não podemos parar aonde estamos.

Referências:

[1] Judeus e ciganos em Portugal no século XV.

<https://observador.pt/especiais/o-dia-em-que-os-judeus-foramexpulsos-de-portugal/>

[2] Diáspora Africana

<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-di%C3%A1spora-africanae-suas-implica%C3%A7%C3%B5es-na-figura-da-mulher-negra.pdf>

[3] A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu contexto

histórico - André Augusto Anderson Seixas, André Mota, Monica L.

Zilbreman

<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v31n1/v31n1a15.pdf>

[4] A EDUCAÇÃO NO MOVIMENTO EUGÊNICO BRASILEIRO(1917-1933),

2013 - PAULO RICARDO BONFIM

<https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/1797223016470645.pdf>

[5] A IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO NA SOCIEDADE BRASILEIRA,

2008 - IDALINA MARIA AMARAL DE OLIVEIRA

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-6.pdf>

(Branqueamento e Racismo).

[6] Redenção de Cam

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>



[7] Dados sobre racismo

<https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-adesigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agenciadenoticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>

[8] Taxa de homicídios

http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=730

[9] Violência Policial

http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/negro_e_vitima_maior_d_e_crime_e_policia.pdf

[10] Apartheid

"South Africa: The Rise and Fall of Apartheid, 2nd Edition", Nancy L. Clark e William H. Worger

<https://books.google.com.br/books?id=3RBAAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Apartheid&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiovsLr0ITiAhX3lLkGHSvZAIIQ6AEIMjAB#v=onepage&q=Apartheid&f=false>

[11] Negação do racismo

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/the-international-new-yorktimes/2015/03/24/em-negacao-sobre-o-racismo-no-brasil.htm>

[12] Violência LGBT+

<http://dapp.fgv.br/dados-publicos-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-28-anos-de-combate-ao-preconceito/>

<https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencialgbtfobicas->



no-brasil-dados-da-violencia

[13] Violência e discriminação contra mulher

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agenciade-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganhamenos-do-que-o-homem>

[14] Efeito Lúcifer

The Lucifer Effect: Understanding How Good People Turn Evil, 2008 -

Philip G. Zimbardo

[15] Stanford

<https://www.prisonexp.org/>

[16] Milgram

ethics in law enforcement, chapter 4.3, the-milgram-experiment

<https://opentextbc.ca/ethicsinlawenforcement/chapter/4-3-themilgram-experiment/>

[16] Manada

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42243930>



Felipe da Silva Sousa

Considerações acerca do racismo no Brasil.

A partir de algumas perspectivas apresentadas na disciplina podemos constatar que, no Brasil, o racismo supera a mera aparência (racismo na sua forma mais “convencional”), pois, por ser um país com tendências mais coletivistas, evitamos sermos mal vistos e notadamente ser racista não é algo bom.

Aparentemente em nossa sociedade o racismo ocorre muito mais em coisas lícitas do que as ilícitas. Em vez das ofensas e pensamentos abertamente discriminatórios contra os negros e pardos, barramos através de mecanismos estruturais e econômicos (por vezes até geográficos) a ascensão de pessoas menos privilegiadas pelo arbítrio da natureza. A sutileza dessas ações não inspira a desconfiança de boa parte da população que não consegue identificar ou perceber esses mecanismos de manutenção do status quo e da injustiça social. Tais mecanismos são prioritariamente o mercado de trabalho, o sistema educacional e a mídia.

O mercado com sua liberdade de escolha vinculada aos valores e símbolos apreciadas pela nossa sociedade (na verdade, a sua elite), restringe fortemente as possibilidades de trabalho a que são submetidas as minorias raciais, tratando como um povo quase sem “casta”, na medida em que suas funções são limitadas aos trabalhos braçais tidos como de menor valor e dignidade.

O sistema educacional por sua vez, seleciona aqueles que além de ter as aptidões necessárias, estão incluídos em contexto social e família adequado e favorável ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Contrariamente, os que vivem na periferia têm menos acesso à educação de qualidade.

A relação centro-periferia marca uma diferença nítida na qualidade de ensino que encontramos e nas características socioeconômicas existentes nessas duas



populações. Com um ensino superior ainda elitista, a seleção do vestibular consiste em mais um obstáculo aos negros e pardos que não por coincidência se encontram em maior número na periferia.

E por fim, a mídia e a publicidade, que agem despudoradamente para reforçar e impor padrões estéticos, de vestimenta, hábitos, comportamentos e consumo para reforçar e manter o sistema em voga, continua desprezando e estereotipando os negros e pardos. Ora invisibilizando, ora reforçando papéis sociais destinados às essas populações. Basta assistir por algum tempo a TV aberta com olhar crítico para constatar isso.

O que podemos fazer diante disso? Talvez muito pouco, mas se pudermos refletir acerca de nossos comportamentos e cosmovisão, poderemos verificar através da busca pela Verdade e pela justiça, qual o melhor modo de nos desvencilhar dos estereótipos nocivos aos nossos semelhantes. Conseguiremos nos nossos espaços de atuação (pessoal, trabalho, acadêmico) fazer alguma diferença positiva no mundo.



Autoria Anônima D

Apesar de dizerem o contrário, o racismo está enraizado na nossa sociedade. Desde pequenos somos submetidos à falta de representatividade negra em cargos de poder, na televisão ou qualquer outro meio a que tenhamos acesso. Desde pequenos somos forçados a lidar com os falsos estereótipos de que negro é sempre o bandido e estamos fadados a repercutir pensamentos originados do meio social no qual estamos inseridos e com a observação dos eventos no dia a dia, gerando um modelo cruel de inferioridade e criando padrões a serem seguidos. Estamos expostos a mensagens subliminares nos desenhos, brinquedos, filmes e até mesmo expressões do dia a dia que vão construindo nosso pensamento e nos moldando. De acordo com nossos papéis na sociedade, nossas visões de mundo são influenciadas fazendo com que usemos destes para provocar o mal ou inferiorizar determinados grupos. E, assim, a sociedade acaba influenciando nosso comportamento e, por conformidade, aceitamos. A desumanização do negro ainda é constante. Essa visão é proveniente de um pensamento eurocêntrico onde o homem branco é a base de tudo e os valores europeus são considerados os ideais. Apenas o homem branco é detentor do poder e do conhecimento. Essa visão, cada dia mais influenciada pela era digital e pela mídia (que normalizam esses comportamento e estabelecem esteriótipos pros mais variado grupos) é pregada desde os primórdios. No período da escravidão, os negros eram submetidos a todo tipo de situação degradante e tratados como animais. A Diáspora Africana não foi um movimento originado por uma tomada de decisão. Os negros foram tratados como objetos, eram vistos como produto e vendidos sem nenhum tipo de consentimento. Foram inseridos a força em outras culturas, outra realidade e sem poder dizer não. Seres humanos como nós. Tratados como animais. O processo de aculturação acabou embranquecendo os povos fazendo com que a cultura do homem branco fosse sobreposta aos valores e tradições dos negros, além de ser tomada como ideal. A partir dessa ideia, torna-se cada dia mais necessário o processo de decolonização. É necessário que exaltemos os valores e costumes dos negros, que possamos dar espaço e apoio para eles nesta luta e que haja respeito acima de tudo. Isso nada mais é que um processo de resistência cultural. Precisamos educar para



que a sociedade não tenha uma visão de que "cota é esmola" ou que "todos têm os mesmos direitos, basta querer". A realidade é muito desigual e é necessário promover condições justas e que garantam o acesso de todos. Nesse discurso podemos incluir também outros povos e culturas que constantemente sofrem (como, por exemplo, os indígenas), até porque se você não fizer parte do padrão estabelecido socialmente, você acaba sendo oprimido. Precisamos acabar com discursos machistas, homofóbicos, racistas, xenofóbicos ou de qualquer caráter preconceituoso que são disseminados todos os dias mundo afora, inclusive por líderes que ocupam cargos de poder. Cada um de nós nos relacionamos com uma interpretação da realidade, o que faz com que as informações que recebamos sejam interpretadas e processadas de acordo com a nossa ótica e com a nossa formação. Mas, com base e por meio de diálogo podemos desconstruir visões preconceituosas e ultrapassadas e dar força para os grupos lutarem pelos seus direitos. A diversidade étnica precisa ser respeitada seja em qual época, contexto ou local que estejamos inseridos. É necessário respeitar a ancestralidade, as culturas e tradições de todos os povos



Fernanda Mendes dos Santos

Desde o período colonial, o negro é tratado no Brasil como alguém ífero e submisso. A distinção de raça, por si só, já impunha a inferiorização do negro perante o branco, reforçando toda a visão eurocêntrica de supremacia e superioridade e, nem mesmo o fim da escravidão no país, que durou cerca de 388 anos, foi capaz de mudar esse comportamento.

O movimento imigratório dos negros africanos para outros continentes, porém de forma forçada, para serem explorados, desumanizados e tratados como mercadorias nas mãos dos brancos - conhecido como diáspora africana - provocou marcas profundas na história desse povo e originou um processo de aculturação muito forte, ou seja, a maior parte de suas tradições, costumes, modos de pensar e agir, modo de se vestir e de se expressar foram deixados de lado em detrimento ao novo modo de ser e viver dos países para onde imigravam. Os seus descendentes brasileiros, por exemplo, mal sabem de onde vieram e generalizam sua ancestralidade como "África", apenas, não especificando um Estado ou uma região, além de não conhecerem seus verdadeiros costumes e tradições.

Apesar de mais da metade da população brasileira ser composta por pardos e negros, sua falta de representatividade é inegável. O que é exibido nas grandes mídias é uma realidade totalmente diferente, na qual a maioria das pessoas são brancas: novelas compostas por elenco majoritariamente branco e quando têm negros, geralmente ocupam papéis de marginais ou criminosos, empregados domésticos ou escravos. O poder, a fama, a bondade e o sucesso estão associados aos brancos.

É esse tipo de racismo velado que predomina no país e a maioria das pessoas não percebem o quão prejudicial ele é. Quando uma criança negra prefere uma boneca branca a uma boneca negra e associa aquela a uma boneca boa e está a uma boneca má (efeito que pode ser visto no experimento "*The Clark Doll Experiment*", realizado pelos psicólogos americanos Kenneth Clark e Mamie Clark), vemos o quanto estão enraizados esses valores racistas e preconceituosos. E o pior de tudo é que já



vão sendo transmitidos desde a infância, interferindo negativamente no processo sócio-histórico-cultural. Se a criança não possui uma família bem consolidada, que exalta sua própria cultura e valoriza suas raízes, dificilmente ela irá crescer acreditando em si mesma, amando suas características físicas e crendo nas suas capacidades.

No entanto, o racismo não se restringe apenas a grupos pontuais, ele está presente em grandes instituições de ensino, grandes empresas e corporações. Quantos são os exemplos de negros na ciência, inventores ou médicos? Eles existem, mas essas pessoas não foram e nem são evidenciadas. Quantos super-heróis negros existem? Essa falta de representatividade e de voz contribui, e muito, para um pensamento no qual os negros não tem importância nem valor.

Ao longo da história de nosso país, fica evidente as marcas do passado, nas quais o negro sofre calado e, muitas vezes, se auto exclui por também acreditar que não é forte e capaz. Muitos, na tentativa de se encaixar e serem aceitos, além de repetir falas e de reproduzir as características comportamentais e fenotípicas de um determinado grupo (nesse caso, dos brancos), conhecido como efeito manada, utilizam recursos como creme clareadores da pele, reforçando uma ideia antiga de embranquecimento da população. É triste ver até que ponto uma pessoa pode chegar, negando suas verdadeiras raízes em prol de uma sociedade que impõe determinados padrões sem nem mesmo se questionar o porquê disso. Como a maioria não sente na pele, literalmente, não se incomoda com o atual status quo e dificilmente pensa em questionar ou tentar algum tipo de mudança.



George Salvino Mendes dos Santos

No Brasil, por conta da grande variedade de etnias dado pela imigração em massa de diversas regiões do mundo em seu período colonial, acredita-se que não exista racismo no Brasil pois um país tão diverso não deveria ter preconceito em relação às diferenças. Tal colocação está indubitavelmente incorreta e o motivo é que o racismo no Brasil é apenas mais discreto que em outros lugares. Ele está enraizado em nossa cultura, mas muitas vezes é difícil de ser visualizada ou analisado pois ele está tão intrínseco às nossas raízes e ao nosso dia-a-dia que as pessoas tendem a realizar atos racistas por pura ignorância e então, se tornam omissas ao fato, acreditando não serem racistas quando na verdade, estão cometendo atos racistas a todo momento. Existe racismo no Brasil, sim, ele é apenas mais discreto, e isso o torna mais letal.

Por ser mais discreto, o racismo no Brasil tende a ser colocado de lado e extrapolado à inexistência, o que o torna mais letal pois as vítimas de racismo costumam serem descreditadas e isso gera consequências enormes na sociedade. Apenas negar sua existência não torna o fato menos real e podemos observar isso no Brasil. Desde quando um negro na área acadêmica é chamado numa palestra para falar sobre sua posição como negro no meio em vez de sua área de pesquisa até quando o RH não permite cabelos ditos “mais armados” num emprego são exemplos desse “racismo discreto” que ocorrem a todo momento e não percebemos.

Existe o problema de ser contada uma única história que precisamos resolver. Costumamos ler livros europeus e norte-americanos e desvalorizar livros nacionais de grande valor, que conta nossa história, modos e culturas tão diversas. Quando vemos um morador de rua e apenas visualizamos sua posição atual, não raciocinamos no papel que a sociedade teve para ele chegar em tal posição é um exemplo de uma única história. Apenas vemos o que nos é mostrado e o resto é ignorado. Se torna difícil imaginar sua posição como protagonista de uma história quando não há exemplos, e também se torna difícil imaginar qual o nosso papel quando vemos um morador de rua e não entendemos nosso papel em sua posição.



Martin Luther King dizia que tinha o sonho de ver seus filhos julgados pela personalidade e não pela cor de suas peles. Estamos longe disso atualmente no Brasil. Negros são abordados pela polícia em muito mais ocasiões do que um branco na mesma posição quando na verdade, não fez ou está fazendo nada de errado. Isso é exemplo claro de como o racismo é perpetuado no Brasil e a conscientização é a melhor maneira de diminuí-lo



Janaina Tanci Dos Santos

O racismo no Brasil

Redigir sobre o racismo no Brasil não é uma tarefa fácil, pois, infelizmente, trata-se de algo muito recorrente no país. Mesmo os negros representando cerca de 54% da população, todos os dias sofrem com o desrespeito de uma minoria que se considera maioria. Se houvesse um fato inicial da existência do racismo diria que tudo começou com a colonização e a diáspora africana. Entretanto, a diáspora dos africanos para a América do Sul foi extremamente desumana. Diferente de outras diásporas em que povos de outras nações buscam refúgio em outros países, os africanos foram obrigados a sair de seus países de origem, retirados de suas culturas, meios sociais e famílias para servirem pessoas que se autoproclamavam superiores a eles. Além disso, foram feitos de mercadorias, não eram considerados humanos por serem, na visão do colonizador, uma raça inferior e, por este motivo, tiveram que se submeter a todo tipo de crueldade e aceitar uma cultura imposta, a cultura do homem branco europeu. O comércio de negros tornou-se extremamente lucrativo para quem o praticava. Por este motivo, a escravidão no país durou cerca de 300 anos, sendo a mais longa quando comparada com outros países que adotaram o mesmo método de exploração humana. Foram 300 anos de horror, dor, trabalho forçado, fome, violência praticada de todas as formas possíveis, inferiorização, condições precárias, sonhos desfeitos, famílias desfeitas, mortes, desumanidade, mas também, de lutas e resistência. Anos após a abolição da escravatura, iniciou-se um processo de branqueamento da população brasileira, conhecido como movimento da eugenia brasileira. Neste momento, a principal ideia era “purificar” a nação brasileira, prevendo um tempo para que a pele de todos os brasileiros não tivesse mais resquícios da cor negra. Para realizar tal clareamento, foi proibida a imigração de negros de qualquer nacionalidade para o Brasil e autorizada e priorizada a imigração de europeus, a fim de iniciar o processo de “purificação” e clareamento, além disso, a maioria dos negros viviam em estado de extrema pobreza e o governo permitia para que o extermínio (através da fome e condições precárias de moradia) acelerasse o processo de eugenia. Desta forma, o racismo estrutural nasce, distanciando cada vez mais brancos



e negros. Todavia, isso acontece até os dias atuais. A visão do período da eugenia brasileira e o eurocentrismo foram perpetuados na sociedade e pode-se dizer que são a base do desrespeito, preconceito, desigualdade racial e racismo existentes no país. O negro é, constantemente, inferiorizado, menosprezado e, muitas vezes, humilhado e, o conceito de raça, fortalece e perpetua tudo isso. Além disso, a prática do racismo agride e fere de forma verbal, visual, psicológica e física, em casos mais extremos, podendo ocorrer de forma silenciosa, na utilização de frases consideradas inofensivas para muitos, porém muito preconceituosas, inculcadas em nosso vocabulário desde criança e que são uma parcela da formação social da mente, carregada com todo o tipo de conceitos e preconceitos pré-estabelecidos desde o Brasil colônia. Ademais, é importante salientar que os efeitos da globalização e a mídia são agentes que intensificam e geram um racismo velado. Estes contribuem com o processo de aculturação, transmitindo silenciosamente valores, estipulando padrões de beleza e estereotipando o negro. Exemplos disto seriam o blackface, a marginalização no negro em noticiários e o lançamento de produtos que prometem clarear a pele negra. No entanto, não passam de ideias racistas, provenientes de alguma hegemonia, que se dão de forma sutil e silenciosa, que se enraízam no indivíduo podendo interferir até na autoestima do mesmo. Concluindo, pensar que uma democracia racial existe é falsa e deturpada. A noção de raça e a distinção realizada ao considerar que há uma que se sobressai e é superior diante das outras é algo extremamente equivocado, pois ninguém é superior a ninguém. Existem diferenças étnicas e não raciais e aceitar e compreender que o outro é diferente não significa que este é melhor e nem pior. O racismo é um assunto delicado e sério e muitos, principalmente no Brasil, preferem não o abordar com a justificativa de que é algo muito “batido”, dizendo que isto “é página virada” quando, infelizmente, não é. É preciso decolonizar o país e criar uma consciência negra coletiva. A valorização do negro e a compreensão de que existem etnias distintas e não raças, poderia ser um passo inicial para que o povo negro assumira seu papel como maioria que são. Não cabe a mim, branca e privilegiada por anos de “supremacia eurocêntrica” as custas de atos de violência e desumanidade, falar ou militar por eles, a única coisa que cabe a mim é não perpetuar os “valores”



que os inferiorizam, ferem e contribuem com o racismo. A representatividade sempre foi, e sempre será, toda deles.

Joao Pedro Faquini Costa

Racismo no Brasil

Para tratar do assunto racismo no Brasil é necessário observar e entender todo o contexto social e econômico, e suas consequências que derivam de um dos maiores processos de escravidão, o comércio transatlântico de africanos escravizados nas américas, fenômeno que levou à diáspora Africana. Esta prática ganhou força após o início da expansão europeia para as américas e a necessidade de mão de obra para seus empreendimentos no novo continente. A escravidão dos povos africanos teve como base o racismo, que defende ideais de superioridade dos brancos em relação aos negros, utilizando como argumento justificativas científicas como a eugenia, que dizia haver a superioridade de raças, colocando os próprios europeus(brancos) no topo da pirâmide enquanto os negros ficavam na base. Além disso, justificativas religiosas, utilizando passagens bíblicas como por exemplo a penalização de Cam(filho de Noé), que após pecar(pecado pouco descrito na bíblia), teve seus descendentes também “amaldiçoados”, sendo estes os negros(por interpretações da bíblia, Cam e seus descendentes povoaram o sudeste da África, e deram origem ao povo negro), validando assim a escravidão, colocando-os como inferiores. Para melhor administração e controle dessa população, agora escravizada, utilizou-se de estratégias de separação e manipulação. Os povos negros que aqui chegavam (me referindo ao continente americano) eram separados de suas tribos e realocados junto às tribos rivais e de dialetos diferentes, para que a possibilidade de revoltas diminuísse ainda mais. Ademais, eram completamente desligados de seus costumes e tradições, sendo obrigados a seguir os dogmas e cultura da Europa. E como consequência disso, esses povos ficaram carentes de cultura própria, tendo toda a sua origem étnica apagada. Por muito tempo esses povos foram submetidos às torturas física e psicológica, e para além disso, eram tratados de maneira completamente desumanizada, sendo para sociedade, inquestionável sua inferioridade (tanto em



padrões de beleza, saúde ou competência). Todavia, com o passar do tempo apareceram pessoas e grupos resistentes a esse sistema, que começaram a se rebelar, fugindo dos donos de escravos e resgatando valores africanos e, no caso do Brasil, aderindo a costumes indígenas, formando-se assim os chamados quilombos. Apesar de existirem revoltas durante toda a escravidão, esta perdurou por quase 400 anos, já que sustentava toda uma estrutura hierárquica da sociedade. A abolição no Brasil acontece tardiamente em relação aos outros países da América, sendo o último do continente a abolir a escravidão. Acontecendo devido à pressões europeias e pressões internas, oriundas de quilombos e de abolicionista. Com o avanço da Rev. Industrial, surgiu a necessidade de ampliação do mercado consumidor, logo a estratégia foi pressionar o Brasil contra o sistema escravocrata. Para diminuir esta pressão, surgiram leis como “Lei do Ventre Livre” e a “Lei do Sexagenário”, estas demonstravam certa abertura quanto à discussão sobre abolição, porém na prática se mostrava completamente impraticável e ineficiente. Ao passar do tempo, o fim da escravidão se tornou inevitável e suas consequências para os negros só denunciaram todo um sistema socioeconômico-cultural racista. Após a abolição, não houve nenhum tipo de ressarcimento ou política que buscasse a integração dos negros, deixando 58% da população (senso datado de 1872) totalmente desamparada. Esta sendo a principal causa da imensa desigualdade social que existe entre negros e brancos, e que perdura até os dias atuais com consequências destrutivas e em larga escala. A abolição, para um cenário de racismo enraizado como o Brasil, significava também ter uma população majoritariamente negra, e a mestiçagem começou a ser vista como um problema. Isto pois haviam muitos mestiços em posições de superioridade social e isso, para o contexto social da época era considerado prejudicial ao desenvolvimento econômico e à prosperidade do país. Por consequência, era de interesse do estado uma população mais branca, logo usando a miscigenação como ferramenta de embranquecimento populacional, já que por considerarem sua genética inferior, os negros gradativamente ficariam mais brancos e consequentemente iriam sumir. A partir deste ideal, o governo brasileiro deu início a uma série de políticas de incentivo financeiro para imigrantes que viessem ao Brasil, como subsídios para passagem de vinda e para compra de terras, até mesmo o cidadão brasileiro receberia



subsídios caso fornecessem parte de sua terra para imigrantes. Todavia, não seria qualquer imigrante, já que não brancos eram impedidos de entrar, portanto desejando apenas imigrantes caucasianos europeus e também estadunidenses. Esse embranquecimento administrado provoca diversos danos à vivência da pessoa negra e permite a perpetuação de um mecanismo racista, já que as características fenotípicas vão determinar quais os tratamentos e oportunidades o indivíduo terá, e assim mantendo a hierarquização racista da sociedade, tendo em vista que o branco era tido como melhor. E como consequência disso, pessoas negras de pele mais escura, tendem a sofrerem mais preconceito da sociedade pelo fato de terem as características mais discrepantes em relação aos brancos. Com essa admiração da branquitude, nasce um sentimento de auto rejeição em pessoas negras que têm, durante toda a sua vida, padrões brancos sendo impostos pela sociedade. Seja ela nos produtos de beleza, nos apresentadores de televisão e até na política, a escassez de negros nessas posições da sociedade revela a falta de representatividade da população negra e causa a ideia de pouca mobilidade social e a ausência de esperança para tal. Tendo a miscigenação como arma de dominação, a população é levada a acreditar em uma falsa harmonia entre os povos, mas que na verdade só funciona como mecanismo de extinção do oprimido e gera confusões raciais, provocando o genocídio negro, e a falta de identidade própria para os mestiços. A miscigenação é comumente vista pelo exterior como representante da harmonia entre raças, o chamado paraíso racial, e na verdade só esconde séculos de estupro de mulheres negras e indígenas. Mas para entender esse fator, é necessário compreender que essa perspectiva surge a partir da comparação entre Estados Unidos e Brasil no quesito racismo. Os EUA, apesar de conjuntura racial semelhante, se diferenciam muito do Brasil tendo em vista que no cenário estadunidense os negros eram completamente segregados e submetidos a humilhações públicas. E para além disso, o governo legitimou o racismo com o surgimento de leis como a “One drop rule”(Lei de uma gota de sangue) que caracterizava qualquer pessoa com descendência africana subsaariana como negros. Esta lei sendo aderida em diversas partes do país como mecanismo segregacionista e de anti-miscigenação. Enquanto para os EUA o racismo era muito evidente e gritante, a realidade brasileira mostrava



um racismo velado. Como no Brasil, o racismo foi sempre enraizado, quando comparados aos EUA é fácil deduzir que no Brasil o cenário era bem melhor na questão racial, comparação essa exaltada pelo governo e tida exageradamente como verdadeira para que a própria população acredite nisso e para que essa imagem seja passada ao exterior. É necessário perceber que, pelo fato de a segregação ter sido muito forte nos EUA, a população negra se mostrou mais organizada e unida, evoluindo mais rapidamente nas pautas do racismo. Advindo da naturalização do racismo e a idealização de um paraíso racial, a discussão no Brasil se manteve silenciada por muito tempo, causando o esquecimento do problema e parecendo não serem necessárias a discussão e reparação. Com tudo, discutir o problema vem se tornando cada vez mais importante. No século XX, Bebendo na fonte da decolonialidade e do cenário racial estadunidense, os movimentos sociais passam a ganhar mais força e relevância, defendendo ideais de empoderamento da cultura e história latino-americana e afro-brasileira. Ao seguir esse pensamento, é possível analisar a história de uma perspectiva diferente da predominante, a europeia. Debatendo questões como essas, a população passa a compreender mais e melhor toda a história e suas consequências. Percebendo assim, a necessidade de políticas que reparem os danos causados aos negros e equiparem as oportunidades destes às de qualquer outra pessoa. É de extrema importância a participação do Estado nessa reparação social, bem como de todas as pessoas na sociedade, devendo quebrar pensamentos, costumes e estigmas já enraizados, porém desconexos e preconceituosos. A partir do ano 2000, o governo brasileiro passou a adotar ações afirmativas, como as cotas para negros e indígenas nas universidades, dando início a reparação. Porém sendo muito mais importante para trazer a discussão do racismo à tona, já que houveram muitas críticas às ações, estas sendo causadas pelo mito da democracia racial, já discutido anteriormente. Quando se tratando de racismo, entender qual o nosso papel nesse cenário é de extrema relevância, já que não são apenas negros que devem se importar com pautas como o racismo, como se achava antes. Compreender nossos privilégios enquanto brancos, ou mesmo como mestiços mais brancos, e entender suas causas e consequências, para que assim possamos executar mudanças significativas para a convivência. Deixar de tratar como uma pauta



distante e entender que morrem pessoas negras todos os dias, mortes causadas puramente pelo preconceito estrutural, seja por meio da polícia mal preparada, pela política de guerra às drogas, ou até por segurar firme o celular quando ver uma pessoa negra passar. Este estigma enraizado, enquadra toda uma classe de pessoas em um único padrão estereotipado e errôneo, os colocando sempre para a base da pirâmide, sendo ela econômica ou social. Tal sistema se organiza de maneira a perpetuar esse distanciamento entre o branco e o negro.

Referências:

senso população negra - 1872: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/censo-de-1872-unico-registrar-populacao-escrava-esta-disponivel-7275328> Café Filosófico (Raça e Racismo no Brasil contemporâneo):
<https://www.youtube.com/watch?v=OC2sqOeq19o> Imigração europeia:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>



Julia de Souza Santana

Racismo no Brasil. Tema amplo e até contraditório para alguns - não era o país da democracia racial?

Ao buscar compreender a estruturação histórica e a institucionalização dessa prática nas relações sociais do povo brasileiro, é possível perceber claramente que a democracia racial não é apenas um mito simplesmente. É como o mito da caverna de Platão: os que estão dentro do contexto (e que não sofrem com ele, no caso as pessoas brancas) estão tão acomodados com a situação que ainda que exista um caminho para deixar a ignorância e lidar de fato com a realidade (a qual demonstra os privilégios do contexto atual), é mais confortável viver à vista das sombras projetadas nas paredes da caverna - as quais assombram a vida da população negra muito antes de chegar ao Brasil.

Sendo assim, a questão do racismo antecede nosso país e nossa colonização, porque vem da diáspora. Comunidades inteiras foram tiradas à força para servir aos desejos de um povo que se dizia superior. Histórias destruídas. Culturas dizimadas. Famílias arruinadas. Vidas ceifadas. Quando se trata de racismo no Brasil, descontextualizamos a grandeza do problema e reduzimos ao debate de cotas e discussões afins, muitas vezes não somos capazes de reconhecer a gravidade que o assunto carrega. Para além de tais debates - necessários, mas não a única representação de tal problemática - existem as questões de identidade social, referencial etnográfico e a experiência de viver na pele as provações diárias de ser uma pessoa negra na sociedade brasileira. Tudo isso é caracterizado através de uma relação de poder, a qual foi instaurada pela sistematização da superioridade branca à medida em que o grupo dominante de uma certa época resolveu navegar pelo mundo estabelecendo seus dogmas. E então, a partir desse ponto, pode-se abordar a colonização do Brasil como o ponta pé inicial de uma sociedade com suas raízes nessa sistematização racial que carrega até a atualidade as sombras que foram projetadas por outrem na parede da nossa caverna.



Foi através da escravidão que o Brasil foi fundado. Com base na mão de obra escrava e em sua maioria, negra – porque índios também foram escravizados – é que esse país foi constituído. O DNA brasileiro é composto por sangue negro, quem não tem este na veia, tem nas mãos. Sem contar que, após a Lei Áurea, o povo negro saiu da senzala e foi ainda mais marginalizado que antes, sendo direcionado para viver à beira de tudo, não receberam um auxílio de integração na sociedade sequer. Nesse sentido, não é de se espantar que os negros brasileiros correspondam a 70,8% de todos os 16,2 milhões que vivem atualmente em situação de extrema pobreza. Entretanto, tal situação não é tratada de forma concreta. Os olhos se acostumam a não ver a representatividade de uma população que é maioria no país, nos acostumamos a associar cargos de poder às pessoas brancas, padrões de beleza à estereótipos brancos, culturas eruditas à referenciais brancos. Mas, ser racista parece algo muito além das nossas vidas...

Racismo se tornou um defeito moral, que apenas as “pessoas ruins” sustentam, não se é aceita a necessidade de desconstruir o privilégio branco e de reorientar as instituições que reforçam o sistema. E é claro que existe sim privilégio branco. Há várias exemplificações possíveis para embasar esse argumento, muitas apresentadas na disciplina de Estudos Étnicos Raciais inclusive, no entanto, o mais comum e escancarado paradigma que está diariamente presente na sociedade brasileira é aquele perpetuado pela mídia. Notícias e manchetes de jornais que carregam um viés racial, sempre apresentando dois pesos e duas medidas. Um jovem negro é pego com drogas e é tratado como traficante. Um jovem branco pego na mesma situação é apenas um estudante que se desviou, coitado. Um músico negro é assassinado por 80 tiros e o assunto é tratado como estatística. E existe estatística assim no Leblon? Há uma naturalização das mortes da população negra por parte da grande mídia hegemônica. Além do fato de que sempre as pessoas negras são retratadas nas novelas e programas como ladrões, criminosos e em precárias condições de trabalho, numa relação de subalternidade em relação à população branca. À vista disso, é possível perceber que o racismo é silencioso, está intrínseco nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais do Brasil. É um problema profundo.



Com isso, é necessário ressaltar também, além da formação do caráter social do país, a formação individual da identidade do brasileiro. A consciência pessoal e a influência externa não são casos separados, é uma via de mão dupla que compõe a perspectiva de cada um no coletivo e é um item fundamental para se falar de racismo. Pois, ocorre uma formação silenciosa do "eu" que é reflexo do comportamento geral. É interessante comentar sobre um vídeo que foi passado na disciplina sobre um experimento social em que uma garota foi ao consultório médico e se depara com a atuação de outras pessoas na sala de espera – quando uma campainha tocava, todos ficavam de pé por um momento. À priori, ela hesitou e achou estranho, mas pela pressão social e pela conformidade com a dinâmica em que estava inserida, acabou cedendo ao comportamento da maioria e adotou para si como verdade, a ponto de que quando todas as pessoas que estavam na sala com ela saíram e outras pessoas que não sabiam do experimento chegaram, ela continuou se comportando daquela forma e contagiou os outros também. Ela perpetuou uma atitude que nem sabia a razão pela qual estava agindo, apenas repassou o que lhe foi imposto socialmente.

Esta questão é muito interessante, pois mostra em pequena escala como nossa identidade é moldada através da ação social e dos valores externos. A formação do “eu” não se dá autenticamente, o próprio significado da palavra identidade é paridade absoluta, aquilo que é idêntico. Portanto, a influência que a sociedade tem sobre a construção da mente individual é extremamente forte. E, sendo assim, remetendo à alegoria da caverna de Platão, nossa visão de mundo acaba sendo aquela que nos é refletida como sombras na parede da caverna. Vivemos com base no que nos é apresentado e não buscamos nos libertar dos pressupostos que adotamos como verdade sem nem mesmo sabermos o porquê. Tudo isso em razão de que a realidade cega, a luz que está fora da caverna dói os olhos acostumados a enxergar um sistema cômodo.

Desse modo, é preciso que a luta do movimento negro seja constante para unir o povo com o intuito de fortalecer uma oposição à opressão que é imposta, mas também é preciso que haja conscientização plena de quem está isento dos problemas sociais resultantes das questões étnico-raciais. No Brasil, o racismo é como outros



impasses difíceis de resolver: além de estar enraizado no país, aqueles que estão em situação de poder é que devem tomar uma atitude significativa para resolver a problemática – sem desmerecer as atitudes revolucionárias da população negra, claramente. O protagonismo nessa luta não é branco, mas é essencial que exista um engajamento de quem “inconscientemente” perpetua o sistema. Se racismo é um defeito moral, ser consciente na sociedade brasileira é um dever moral!



Autoria Anônima E

Racismo no Brasil Brasil, o país do futebol, da feijoada, do samba e do carnaval. Terra de lindas mulheres, gente sorridente e da caipirinha. Esta é a imagem que o Brasil vende, o país que mais mata transsexuais no mundo, vende alegria; o país em que uma mulher é estuprada a cada 11 minutos segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), vende beleza; o país no qual você é cruelmente assassinado com 80 tiros, só por ser negro, vende inclusão. Nosso país é hipócrita. Não se assume cada preconceito que é reproduzido e perpetuado com muita força, cada discriminação que não só ofende e machuca, mas mata. Em relação a questão de raça aqui temos um enorme abismo entre brancos e negros (pardos e pretos): 54% da população brasileira é negra (IBGE), a feijoada é negra, o samba é negro, o carnaval é negro. E o sangue no chão também é negro. O racismo no Brasil é estrutural e institucional. Não escravizados, estuprados desumanizados e tiveram sua ascendência história apagada. A diáspora africana teve grande parte nisso. Depois de séculos de escravidão houve a abolição da mesma, e muitas vezes isso é retratado em livros como o clássico conto do branco salvando o negro, libertando-o. Porém, com a abolição da escravidão não foram implementadas políticas públicas dos negros na sociedade pós-escravista. Eles não tinham terras ou casas, não os foram disponibilizados empregos dignos, continuaram a tratá-los como coisas, e não humanos. Desta forma, com os negros vivendo às margens da sociedade, sem apoio ou suporte o tempo foi passando. Para os brancos nunca foi incômodo negros vivendo nesta situação. Depois de séculos ouvindo as mesmas falas, a ideia de que talvez ali fosse o seu lugar, não houvesse realmente espaço para você fora da margem, se enraizou na vida do negro. Hoje no Brasil falta a ideia da coletividade do povo negro. O povo não se reconhece como negro. Não quer ser negro. Ser negro é tido como ruim. Isto é consequência do efeito manada, em que pessoas reproduzem costumes automaticamente, mesmo que isso afete elas mesmas negativamente; que também leva ao efeito Lúcifer, em que a atingir posições de opressor o oprimido também oprime. Lista negra", "ovelha negra", "mercado negro" e outras expressões perpetuam a ideia de que negro é algo mau. Normalmente são usados "eufemismos" para



descrever uma pessoa negra, como moreno, mulato, marrombombom, etc. Não se tem a ideia de Consciência Negra muito forte no Brasil. O eurocentrismo europeu é muito reproduzido na sociedade brasileira. Há uma pressão social enorme sobre todos. Na beleza são idealizadas pessoas de pele branca, loiras, de olhos claros e cabelos lisos. O negro estaria na África, muitas vezes referida como se fosse apenas um grande país e inferior, onde ele pertenceria. Isto fere a auto estima do povo negro, o interiorizando e discriminando. Mesmo com alguns avanços, por exemplo, o Brasil tem uma das leis mais severas em relação ao crime de racismo, sendo este inafiançável. Seguimos com a desigualdade e a reprodução do racismo em todos lugares, revistas, televisão, rádio, jornais. A necessidade de cotas raciais ainda é questionada, usando como argumento que seria algum tipo de privilégio. É preciso assumir que o Brasil é racista, pois o brasileiro tem preconceito de ter preconceito, e trabalhar na conscientização do povo, pois muitas vezes o racismo e outros tipos de preconceitos são dados pela ignorância e falta de informação.



Autoria Anônima F

Racismo no Brasil

Antes de começar a explicar o racismo no Brasil é bom dar uma visão histórica de como chegamos a atual situação do País. O Brasil já começou fortemente ligado ao racismo por causa da estrutura de exploração que foi adotada por Portugal aqui, os negros eram trazidos da África e forçados a trabalhar, e isso durou até 1888. Durante esse tempo, os negros que foram trazidos para o Brasil perderam todo o contato que tinham com o seu continente, perderam sua história. Muitas pessoas falam que o Brasil não é um país racista pois comparam com a África do Sul ou os EUA, países que realmente tiveram leis que regulamentavam o racismo. Porém não se precisa de leis para se pratique o racismo, ele acontece de forma quase que cultural, passado de geração em geração.

Temos apenas 131 anos desde a abolição da escravidão, isso é pouquíssimo tempo para se reparar toda a perda que foi gerada em todos os anos de escravidão. E durante todo esse tempo houve um cultivo ao eurocentrismo (que é a exaltação da cultura europeia), esse eurocentrismo que diz que tudo que vem da Europa é bom e digno, enquanto todas as outras culturas são ruins e não dignas. Isso se mostra refletido na mídia, aonde ocorre uma transmissão silenciosa de valores, sempre quando um branco é preso com drogas ele é taxado como estudante, mas se for um negro então ele é traficante, isso não só nas mídias clássicas com a televisão, mas também na internet. Durante todo o século XX, dificilmente se escalava algum ator negro para interpretar papéis em teatros e novelas, a não ser que fosse um papel de escravo, doméstica, segurança, etc... Essa transmissão silenciosa de valores cria na cabeça do negro que aquele é o lugar dele na sociedade, pra servir o branco, vai se criando uma barreira na mente das pessoas que aquilo ali tá tudo certo.

Por isso é tão importante a representatividade, você ter um exemplo para seguir, até hoje isso ainda é um problema muito grande, a maioria dos participantes



das grandes emissoras de televisão são brancos, em filmes e series a maioria dos personagens principais são brancos.

Com toda essa transmissão de valores, o racismo se instalou não apenas nas pessoas, mas também nas instituições do país. A polícia enxerga a população negra com um alvo pintado nas costas, a ondas de extermínio na população jovem negra e nada é feito a respeito. O RH das empresas também é racista, é muito difícil darem a oportunidade de crescimento na empresa para um negro se tiver um concorrente branco, se tiver um negro e um branco com o mesmo nível de qualificação o branco será escolhido porque esses valores eurocentricos racistas contaminaram a sociedade desde a época da escravidão e nada foi feito para tratar disso. Quando a porta do banco sempre apita se for um negro tentando entrar é outra prova do estereótipo que a sociedade quer criar do negro ser bandido.

É necessário ter um renascimento cultural, largar a visão eurocentrica, que é racista desde sua criação, e ter mais orgulho das raízes do país, pois mesmo o país sendo majoritariamente negro, sua cultura não reflete nada disso, a religião, vestimenta, tudo é eurocentrico, as raízes africanas se perderam através de anos de escravidão, mas com o crescimento da internet é possível ver uma melhora dessa condição, facilitando a troca de informações entre as pessoas, principalmente daquelas que conseguiram manter suas raízes.

Bibliografia

<https://www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/p1.php>

<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/o-que-explica-a-baixa-representatividade-de-negros-na-midia>



Manoel Pedro dos Santos Souza

O Racismo no Brasil

Em todos os países do Ocidente o racismo foi se distanciando da lógica hedionda da escravidão, da eugenia dogmática e da dicotomia da segregação sancionada, para se tornar amálgama à estrutura social local.

No Brasil, o racismo se tornou sutil em sua atuação mas não em suas consequências. Tal sutileza é a base para a manutenção do racismo, fazendo com que ação se dê em todas as estruturas da sociedade e impedindo que ele seja combatido.

O marco do “racismo contemporâneo” no Brasil veio através do mito da democracia racial, que já permeava o imaginário popular e as políticas de formação de identidade brasileira no período pós-abolição e que foi consolidado na obra de Gilberto Freyre (2005). A noção da dita democracia racial nasceu na necessidade da criação de um “mito fundador”, assim, o Brasil seria proclamado como um paraíso da democracia racial; colocando-se como moralmente superior em relação aos Estados Unidos (que viviam o auge das leis segregacionistas) e outros países da Europa. O mito da democracia racial também serviu para manter o status segregacionista da sociedade brasileira e mascarar o seu racismo, ou seja, qualquer tentativa de se trazer à tona a questão da desigualdade racial no Brasil seria vista como uma tentativa de o país em raça o que, segundo o mito da democracia racial, seria impossível, visto que seria impossível distinguir quem é “verdadeiramente” branco ou negro no Brasil.

Essa estratégia acaba revertendo a culpa do racismo, quem o sofre e o traz à tona é acusado de estar “racializando” o debate, sendo assim, a vítima do racismo passa a ser considerado racista já que é ele quem está tentando quebrar a suposta harmonia racial da sociedade brasileira. Esse discurso é reproduzido nas diversas esferas da sociedade; nas escolas o período da escravidão é visto como um incidente no intervalo histórico brasileiro suprimindo a luta abolicionista dos negros



escravizados e colocando os créditos da abolição na benevolência branca; além disso, exalta-se a miscigenação como um processo natural e democrático (ao invés de tratá-la como fruto de coerção colonial), e a colonização como sendo necessária ao progresso e à inserção dos genes europeu na sociedade brasileira. Nas leis, nunca houve, no pós-abolição, qualquer legislação explicitamente segregacionista, porém, haviam leis que, de forma pensada, mantinham os negros em posição subalterna sem em nenhum momento utilizar a palavra “negro, temos como exemplo a chamada “Lei de Terras” (Lei 601 de 1850) que determinava que não haveria posse de terra se não por compra (salvo algumas exceções), impedido assim que a população recém liberta tivesse capital para adquirir terreno, mantendo assim os negros recém-libertos subservientes ao seus antigos senhores. Outro exemplo é o decreto 847 de 1890 que em seu Capítulo XVIII, Artigo 402 define como crime o ato de:

“[...] Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal [...]”

Fixava-se pena de dois a seis meses de detenção por tais práticas consideradas criminosas. Tal lei tem como alvo principal os manifestantes da capoeira, ou seja, os negros que a praticam.

A dita democracia racial se apresenta como mito por não abarcar a história e a realidade nacional, em que o Brasil se apresenta como um Estado Nação construído a partir do racismo, seja na força do trabalho escravo ou, durante seu percurso histórico, na mão de obra negra barata.. O etnólogo Carlos Moore (2012) defende que algumas sociedades se organizam a partir de características fenotípicas, assim, traços físicos como cor da pele, nariz, boca, cabelo, etc., possuiriam poderes hierarquizantes sendo atribuídos valores morais, intelectuais, estéticos e traços psicológicos à essas características físicas. Ainda na visão de Moore, boa parte dos países da América Latina se organizariam nesse sistema pigmentocrático, visto que passaram por um processo de colonização tendo como referencial as metrópoles europeias. Surge



assim, a necessidade de subalternização de uma determinada classe (ou gênero, ou etnia) para que uma classe (ou gênero, ou etnia) possa se colocar como contraponto e ressaltar sobre si suas características, valorizando assim sua cultura, estética, valores morais e seus privilégios. Surge assim o que o antropólogo Oracy Nogueira (2006, p. 292) define como “preconceito de marca”, preconceito esse definido a partir das manifestações físicas do sujeito (traços físicos, subjetividades manifestas, sotaque, etc). O preconceito de marca se estabelece no Brasil devido à miscelânea étnica da sua sociedade, sendo assim, esse sistema pigmentocrático estaria baseado no fenótipo, nas características físicas do indivíduo ao invés da sua genética ou origem, ou seja, quanto mais próximo dos traços “caucasóides” um indivíduo se apresenta, mais ele será considerado branco, sendo assim, o liminar do que é considerado “branco” no Brasil é nivelado abaixo do liminar branco dos países europeus (tendo como ponto idealizado as características caucasianas), a fim de abarcar a realidade de mestiçagem brasileira.

Sendo a colonização do pensamento, a serviço do capitalismo, uma das ferramentas de se perpetuar o racismo, tendo aparatos midiáticos como fomentador do consumo, ao passo que corpos negros são inseridos apenas como força-trabalho na lógica capitalista, o local do negro na racionalidade capitalista seria um “não-local”, visto que a colonização do pensamento se dá a partir da branquitude, onde o protagonismo desde à publicidade, passando pelo cinema e pela TV é ocupado pela branquitude, então o negro é relegado ao que é subalterno, visto que a valoração da branquitude só pode existir a partir da subalternização das outras existências. *Narciso acha feio o que não é espelho.*

É possível concluir que o racismo faz parte da identidade brasileira, as ideias de preconceito racial são projetadas e reproduzidas na construção da sociedade brasileira e ao, mesmo passo, há um esforço em se suprimir essa realidade de divisão racial na sociedade brasileira, dificultando o combate a algo que, supostamente, não existiria.



Chama-se assim de racismo estrutural brasileiro, esse conjunto de ideias segregacionistas que estão no âmago da sociedade brasileira e vai sendo reproduzida sutilmente através da mídia, legislação, educação formal, etc. Só podendo ser combatido quando for percebido como tal e através da desconstrução de mitos da democracia racial, além da percepção do indivíduo como sendo objeto da sociedade em que ele é inserida (sendo assim, passível de reprodução dos ideais dessa sociedade). Quando o indivíduo se vê como fruto da sociedade e cultura em que está inserido e consegue perceber que carrega consigo valores racistas, ele possui autonomia para parar de reproduzir tais valores ou impedir que eles sejam interiorizados em sua identidade. Esse processo não é espontâneo e, para que ele ocorra, é necessário que haja um processo de decolonialização dessas estruturas que estão contaminadas com o racismo e, para tal, é necessário que o indivíduo (como partícipe, construtor e não só objeto da sociedade) passe por seu próprio processo de decolonialização para que ele seja vetor não só dos seus ideais, mas do seu pensamento autônomo e crítico ao perceber-se como produto desses valores absorvidos por ele, mas possuindo soberania em assimilar quais valores farão parte da sua personalidade.

Referências:

CARNEIRO, SUELI. **Racismo sexismo e desigualdade no brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 50 ed.: Global, 2005.

MOORE, Carlos W. **Racismo e Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para Entender o Racismo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações



raciais no Brasil. **Tempo Social. Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, abr. 2016.

Natalia Lami Zanettini

Quando falamos sobre racismo de uma maneira geral, não imaginamos que existem muitos conceitos relacionados. Ao estudar mais profundamente o racismo, vemos que a sua situação é bem mais complexa.

Podemos dizer que o racismo no Brasil, é recorrente desde da época que os expedicionários europeus chegaram neste país. O primeiro conceito que é a ser lembrado é a colonização, os portugueses começaram a passar seus valores e culturas para os povos nativos (indígenas) que habitavam o Brasil e mais tarde a vinda de escravos do continente africano.

Pelo fato de os europeus acreditarem que por terem pele de cor branca, eles podiam resolver todo os problemas ou que a cultura deles era a mais importante do mundo.

Além disso, com a vinda de mão escrava do continente africano, existiu a concretização desse conceito chamado eurocentrismo. Eles usaram pessoas de pele de cor negra, de modo que essas pessoas eram consideradas inferiores ou até mesmo eram consideradas pessoas diabólicas.



Podemos conceituar esta situação de etnocentrismo. O etnocentrismo, é um conceito no qual um grupo étnico ou cultural superior que outros grupos étnicos e culturais.

O povo europeu com essa ideia de superioridade ao povo negro e com o avanço das ideias da ciência e de Darwin sobre a evolução, acabou criando uma justificativa ignorante para esta mão de obra escrava.

Surgiu baseado nas ideias de Darwin, o Darwinismo social, que considerava que os seres humanos eram desiguais por natureza, sendo alguns superiores e outros inferiores. Além disso, Darwin ressaltou que pessoas superiores e inferiores não deveriam se casar, isto já podia ser considerado como uma ideia de eugenia. Nestes ideais, os negros eram considerados menos aptos e inferiores.

A eugenia pregava um controle científico da procriação humana onde essas pessoas menos aptas e inferiores eram eliminadas ou desencorajadas a procriarem. Assim foi o começo do racismo. E isso gerou consequências até os dias atuais. Com esta justificativa, houve uma concepção errônea do que etnia e raça são sinônimos. Mas na verdade há uma diferença entre ambas. Etnia demonstra uma realidade cultural, experiências espirituais de um determinado grupo étnico. Já raça retrata um conceito de povos que tem em comum traços biológicos que ocupam lugares diferentes desde a idade da pedra.

Voltando para a história da escravidão no Brasil e com a imigração forçada do povo africano para o Brasil houve uma perda de identidade, cultura, modo de vida, língua, religião por parte do povo.

Entretanto estes povos conseguiriam reinventar práticas e novas formas de viver. Esta exemplificação acima é dada a concepção de diáspora africana.

O povo africano escravizado também buscou uma emancipação de todos os tipos de opressão e dominação que eram impostas por seus senhores. Esta



experiência sofrida pelos escravos pode ser representada por uma palavra difícil de ser expressada que é DECOLONIALIDADE.

Em relação a cultura do povo africano escravizado não foi perdida totalmente, podemos dizer que houve uma aculturação, ou seja, existiu um contato de diferentes etnias africanas, culturas de tribos indígenas e até mesmo com a cultura dos europeus.

Um lado pouco explorado ainda sobre a questão do racismo é tornar todas as pessoas de cor negra, pessoas ruins, mas conhecido como efeito lucifer.

Como citado em alguns parágrafos acima, os europeus consideravam as pessoas de cor de pele negra como pessoas diabólicas, porque sua cor era representada como falta de luz e já as pessoas de cor de pele branca eram consideradas boas, por que sua cor representava a presença de luz.

Na verdade, o caráter da pessoa não é dependente de sua cor de pele, mas sim pela sua formação perante a sociedade em que vive.

Ainda hoje no Brasil, vivenciamos tudo isso. Infelizmente, isto é, um resquício da escravidão que se fez aqui presente.

Acabada a escravidão no Brasil, muitos negros ficaram a mercê da sociedade, porque a condição de vida ficou na mesma, não conseguiram uma ascensão social e até mesmo não podendo frequentar escolas.

Muitos desses escravos foram viver nas periferias dos grandes centros urbanos, mas sempre houve uma falta de qualidade de vida e estrutura para essas pessoas. E isto é recorrente em nosso país nos dias de hoje

Temos um complexo de que só as pessoas de cor de pele branca prestam, são belas e tem sucesso. A sociedade considera as pessoas de cor negra como pessoas



sem beleza ou até mesmo como pessoas que só servem para terem subempregos e não apresentam capacidade cognitiva para serem iguais as pessoas de cor de pele branca.



Patricia Cassiolato Tufanetto

O racismo no Brasil é um assunto extremamente complexo, que se originou a partir da colonização e é mantido pela lógica capitalista de exploração que rege o mundo atualmente. A colonização é um processo que só é bem-sucedido por subjugar uma cultura, promovendo o acultramento. Esse acultramento descaracteriza a cultura subjugada ao incutir nos povos que residem na região o conjunto de valores dos colonizadores, processo denominado de epistemicídio. Um exemplo de epistemicídio é o que se deu na tribo Yorubá, do oeste da África: nessa tribo, não existia a definição de gênero europeu (feminino e masculino) e, com a introdução da distinção de pessoas pro gênero e a visão europeia do homem como superior a mulher, diversos conflitos passaram a ocorrer na tribo entre os membros.¹

De fato, frequentemente o fenômeno de epistemicídio é seguido de genocídio, seja esse por parte dos colonizadores - como no caso dos índios Cherokees nos Estados Unidos² - seja por parte dos próprios membros originais daquela cultura, como consequência da lógica colonial - como no caso do genocídio de Ruanda³. No caso de Ruanda, houve um confronto entre duas castas criadas artificialmente pelos colonizadores que, ao encontrar problemas para estabelecer poder de governo em Ruanda, haviam estabelecido um sistema de castas de acordo com características físicas: os mais parecidos com o padrão europeu foram denominados de Tutsi e selecionados como a casta dominante, sendo os únicos que tinham acesso à educação, e os demais como Hutus.^{4,5}

Como o genocídio de Ruanda exemplifica, a independência das colônias não foi sinônimo do fim das problemáticas sociais, políticas ou econômicas criadas durante o período de colônia. De fato, diversos autores defendem que as colônias não foram capazes de superar o processo de colonização, mantendo muito do conjunto de valores e da cultura da metrópole, aderindo a uma visão eurocêntrica da história e de concepções de raça, gênero e trabalho, mantendo a metrópole como o referencial norte.⁶ Esse processo se deu em diversas regiões da África e da América do Sul, e seus reflexos podem ser observados claramente no Brasil: a sensação de constante



inferioridade do Brasil frente a outras nações, chamada popularmente de síndrome do vira-lata, é uma das consequências diretas desse pensamento colonial, uma vez que o referencial europeu é sempre tido como ideal e superior nessa lógica.⁷

Dessa mesma forma, vários outros valores são socializados de acordo com a visão europeia, desde quais costumes são considerados normais, até qual é o padrão de beleza aceito e até mesmo quais são as figuras históricas mais relevantes. Como consequência direta, poucos são os personagens negros que têm destaque na história ou na mídia do país, fazendo com essa população, que é maioria no Brasil, não se identifique com os padrões veiculados massivamente pela mídia. Como discutido por Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra de 2009 para o TED Talks, e pelo documentário “A negação do Brasil”, essa falta de representação contribui para que a visão do que é ser negro seja construída a partir dessa lógica europeia, na qual o negro é tido como inferior, gerando dificuldade da maior parte da população brasileira quanto a sua própria negritude.

Contudo, essas percepções são socializadas de maneira tão sutil que os indivíduos que contribuem para a perpetuação desse tipo de representação muitas vezes não o fazem de maneira consciente, mas sim reproduzindo a socialização que recebeu. Esse tipo de fenômeno é denominado de efeito manada, no qual os membros de uma sociedade reproduzem valores aprendidos sem refletir sobre os mesmos, muitas vezes causando danos físicos e psicológicos à demais membros, mais vulneráveis da sociedade. De fato, diversos experimentos sociais (como os de Milgram e de Zimbardo) comprovaram que pessoas “normais”, ou seja, sem histórico de comportamentos violentos, crimes ou uso de drogas foram capazes de infligir dor à outras pessoas simplesmente por não questionarem a autoridade que as orientava nesse sentido.⁸ Ou seja, os papéis de cada cidadão na sociedade influenciam sua visão de mundo e, portanto, influenciam seu comportamento e como esses responderam às regras impostas pela sociedade.⁸

No Brasil essa problemática é exacerbada tanto pelo processo pelo qual a libertação dos escravos se deu, quanto pela dificuldade cultural em lidar com as



maiores problemática do país, como a escravidão e a ditadura. No que tange a libertação dos escravos, esse processo se deu sem nenhum tipo de subsídio para os mesmos, como terras, por exemplo, fazendo com que a população negra ocupe, historicamente, um lugar economicamente e socialmente desfavorecido na sociedade brasileira. Além disso, como pouco se fala dessas feridas históricas, o impacto desses processos é minimizado no país, gerando o falacioso conceito de democracia racial, que prega que, a despeito da escravidão, atualmente as oportunidades são iguais, ignorando a desigualdade histórica do país e as consequências dessa desigualdade no acesso à comida, educação e saúde.

A ideia de democracia racial no país está tão bem disseminada que muitas pessoas não enxergam a necessidade de políticas públicas, como cotas, culpabilizando as próprias minorias pelo problema. Essa ilusão de democracia racial aliada às oportunidades desiguais de acesso à educação e à dificuldade da população brasileira em se identificar sua negritude contribuiu para a manutenção do *staus quo*, dificultando a união e aquisição de consciência de classe por parte da população negra. Dessa forma, o profundo racismo ainda presente na sociedade brasileira se dá de uma forma velada e sutil, sendo socializado desde muito cedo pela forma pela qual negros são (ou não são) representados na mídia e história do país, gerando essa percepção errônea de uma sociedade onde impera a miscigenação e na qual todos são iguais, não existindo preconceitos, e que o sucesso individual depende apenas do esforço.

Nessa visão elitista de meritocracia, o único responsável pelo sucesso ou fracasso é empenho do próprio indivíduo, pregando que o contexto social é irrelevante, e utilizando as exceções de pessoas que foram bem-sucedidas apesar da falta de oportunidades como exemplos de como é possível superar as dificuldades apenas com o próprio esforço, mantendo os privilégios da elite do país e culpando as próprias vítimas do sistema pelo seu fracasso.



Bibliografia

1. Case, M. Yoruba Culture, Religion, and Gender. *Wiley Blackwell Encycl. Gen. Sex. Stud.* 1–13
2. DONALD L. FIXICO. When Native Americans Were Slaughtered in the Name of 'Civilization' - HISTORY. Available at: <https://www.history.com/news/native-americans-genocide-united-states>. (Accessed: 15th April 2019)
3. BBC News. Rwanda genocide: 100 days of slaughter - BBC News. Available at: <https://www.bbc.com/news/world-africa-26875506>. (Accessed: 15th April 2019)
4. Fonseca, D. F. da. Etnicidade de hutus e tutsis no Manifesto Hutu de 1957 (Ethnicity of Tutsis and Hutus in the 1957 Hutu Manifest). *Cad. História* **17**, 221 (2016).
5. Gallagherq, N. Colonial Background of the Rwanda Genocide.
6. Meneses, M. P. Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique. *Opsis* **16**, 26 (2016).
7. Líria Jade. EBC | Complexo de Vira-Latas: sentimento de inferioridade começou no período de colonização. Available at: <http://www.ebc.com.br/esportes/copa/2014/06/complexo-de-vira-latas-sentimento-de-inferioridade-comecou-no-periodo-de>. (Accessed: 15th April 2019)
8. Verônyca Veras. Efeito Lúcifer e a banalização do mal. *Canal Ciências Crominais* (2018). Available at: <https://canalcienciascriminais.com.br/efeito-lucifer-banalizacao-do-mal/>. (Accessed: 5th May 2019)



Raphael Ramos da Silva

O Racismo no Brasil

No Censo Demográfico de 2010, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) utilizou o conceito de raça para classificar os povos de diferentes etnias que compõe o país, apontando que o Brasil possui cerca de 50,7% da população autodeclarada parda ou negra. Apesar de compor a maior parte da população brasileira, a representatividade desse povo é significativamente baixa em alguns setores da sociedade, onde o racismo tem grande força e os índices de genocídio da população negra é um dos maiores do planeta.

Na época da colonização, o trabalho escravo era uma atividade extremamente lucrativa, e a mão de obra utilizada pelos europeus era majoritariamente de origem africana, de pessoas que foram trazidas contra a sua vontade para o Brasil. A desumanização desse povo fez com que eles fossem vistos como mercadorias, sendo tratados como animais à venda. Com o apoio da igreja católica, a escravidão ganhou força, sendo justificada e fundamentada por passagens bíblicas que legitimavam a sua prática.

Essa legitimação foi baseada no conceito de maldição divina, que interpretava a escravidão como um castigo que a humanidade carregava por conta do pecado cometido por *Adão e Eva* ^[1]. Para justificar a escravização do povo negro, a Igreja pregava a ideia de que o povo africano era descendente de Caim, que matou seu próprio irmão e foi castigado por Deus com uma marca em sua pele. Por conta disso, a cor da pele dos africanos foi relacionada a marca feita na pele de Caim, e os negros passaram a ser vistos como pecadores que herdaram a escravidão como um castigo de Deus.

Esses fatores históricos fundamentaram o conceito de etnocentrismo, que defende que o povo branco é superior ao povo negro. Os significados de “raça” e “etnia” são confundidos até hoje, como visto na classificação étnica do IBGE, citada



no início do texto. Entende-se por “raça” que existem diferenças biológicas entre indivíduos de uma mesma espécie, enquanto “etnia” designa um conjunto de características socioculturais em comum dentro de um grupo. Ao substituir etnia por raça no contexto da espécie humana, estamos afirmando que existem diferenças biológicas entre os povos, o que além de não ser algo comprovado cientificamente também alimenta o racismo.

A resistência do povo negro teve extrema importância na preservação dos valores, da religião e da cultura africana. Os quilombos foram fundamentais nesse processo, sendo um espaço de luta e esperança, que abrigava os negros refugiados dos locais onde eram escravizados. Mesmo com o fim da escravidão, o povo negro continuou vivendo à margem da sociedade. Hoje, o preconceito racial se faz presente no mercado de trabalho, no ensino superior, na intolerância religiosa, nas classes sociais. Isso deixa claro que o racismo, além de ser produto da ignorância, também tem origem na inconsciência cultural que o eurocentrismo provoca na sociedade.

Essa inconsciência é descrita pelo chamado Efeito Lúcifer. Esse efeito explica o porquê as pessoas (comuns) são capazes de cometer atrocidades quando estão inseridas em um grupo que exerce algum tipo de coersão contra outro indivíduo (ou grupo). Aliado à esse conceito, também existe o Efeito Manada, que descreve o comportamento involuntário que os indivíduos têm de repetir ações e costumes baseados no grupo social no qual está inserido. Esses efeitos se sustentam no senso comum da sociedade, e explica o porquê muitas pessoas não refletem sobre seus atos e enxergam com normalidade algumas práticas de repressão que grupos opressores praticam contra os oprimidos.

O eurocentrismo encontra-se enraizado na cultura brasileira, justificando a eugenia que está presente na sociedade contemporânea. Um processo conhecido como decolonialidade é responsável em reverter essa situação, dando foco aos povos desfavorecidos no processo de colonização. Além de melhorar a perspectiva do povo negro, esse processo traz representatividade e colabora para reduzir a grande desigualdade social que existe por questões étnicas.



Outra forma de minimizar a desigualdade de direitos sociais causados pela diferença étnica entre grupos é através de políticas afirmativas que dão oportunidades justas para as pessoas (um exemplo disso são as cotas em universidades e concursos públicos). Porém, muitos brasileiros não enxergam essas políticas como medidas de justiça, e as interpretam como regalias injustas, pois desconhecem a dívida histórica que os brancos têm com o povo negro.

Por fim, a educação e consciência da gravidade das consequências que o racismo traz para a sociedade é um caminho que pode ajudar a minimizar as causas do preconceito racial que enfrentamos hoje. A representatividade dos negros (e de sua cultura) deve ser presente na mídia, nos filmes, nas novelas, nos altos cargos e na vida dos brasileiros. Todos somos seres humanos, e a cor da pele não pode definir quem deve ser abordado pela polícia, muito menos critério de escolha em uma entrevista de emprego.

Referências Bibliográficas

- [1] AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- [2] QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LAN- DER, Edgardo (Org.). Buenos Aires: Clacso, 2005



Vanessa da Silva Tanajura

O racismo no Brasil

Para o início da discussão em relação ao racismo no Brasil é necessário fazer uma melhor contextualização de por qual motivo ele passou a existir, fazendo uma análise histórico-social, começando pela colonização, fenômeno que foi a exploração de novos territórios pelos europeus com a finalidade de obter mais riquezas, o que significou conhecer novas terras, onde habitavam populações com seus próprios costumes, que aos olhos dos colonizadores eram sinônimo de retrocesso. Com essa visão deturpada, o colonizador de pele branca impôs a sua cultura aquelas populações, sendo este o processo de aculturação, ou seja, a cultura europeia é colocada como a correta e a que deve ser seguida. Durante esse processo de colonização, o encontro do homem negro, fenotipicamente diferente do homem europeu, fez com que os colonizadores e a igreja apostólica romana - instituição muito poderosa e influente na época - considerassem os povos nativos sem alma e portanto, inferiores, justificando a escravidão que gerou a diáspora africana, que foi a imigração forçada de homens e mulheres africanas para outros lugares do mundo, com o intuito de serem vendidos como escravos. Logo, com o processo de aculturação e a imagem negativa que criaram dos negros, ninguém os considerou como seres humanos¹

Relacionada a essa desconsideração, ou seja, essa desumanização do homem negro é um dos passos da teoria do Efeito Lúcifer², que foi obtida após um experimento realizado pela universidade de Stanford, que consistia em uma simulação de uma cadeia com 12 estudantes (6 guardas e 6 cárceres). O experimento tinha uma previsão de duração de 1 semana, mas acabou sendo interrompido após a passagem de 6 dias, por motivos de abuso de poder por parte dos falsos guardas. Ou seja, a partir desse experimento há a comprovação que todas as pessoas podem praticar o mal, tudo para alcançar o seu objetivo, mesmo que isso inclua desfavorecer o outro, sendo que tal conclusão exemplifica perfeitamente o período de escravidão.



O fim do período de escravidão culminou com o início da revolução industrial³, com origem na Inglaterra, que era uma das principais nações comerciante de escravos. Esse novo modelo de produção gerou grandes quantidades de produtos, necessitando de consumidores, além de que uma mão de obra barata gera mais lucro no fim da produção. Portanto, os escravos não eram vantajosos para tal sistema, já que serviam tanto para serem consumidores, como a mão de obra, então por esses motivos se deu a abolição da escravatura, e não devido a bondade da princesa Isabel, branca, como grande parte da população brasileira considera, mas sim pelos interesses desses brancos.

Contudo, o Brasil foi último país do ocidente a abolir a escravidão e além disso não ofereceu nenhum tipo de direito para os ex-escravos, marginalizando-os. Perante a esse cenário, surgiu no século XIX a tese do branqueamento⁴, que gerou grandes consequências que refletem até os dias de hoje. Essa tese defendia a existência de um padrão genético superior na raça humana, sendo este o branco. Logo, o governo brasileiro se tornou extremamente adepto a migração de europeus no território, para que com a miscigenação, a cor negra acabasse no país. Para se ter ideia de tal magnitude desse tipo de pensamento a obra “Redenção de Cam”⁵, em que expõe uma família: avó negra, mãe parda, pai branco e a filha branca; sendo que a avó está retratada com as mãos para o céu, como se estivesse agradecendo por sua neta ser de uma cor aceita pela sociedade. Esse tipo de pensamento deturpado pendurou até o fim da segunda Guerra Mundial, já que diversos experimentos foram feitos até então, nada foi comprovado sobre diferenças entre as etnias, já que o conceito de raça foi definido para classificar biologicamente um subgrupo de espécies, portanto, esse termo não deve ser aplicado aos seres humano. Logo, a tese do embranquecimento apenas serviu para incitar os conceitos de raça pura e eugenia, que são base para o conceito racismo, que graças a esses pensamentos geram mortes, tanto no sentido literal como no figurado, de pessoas inocentes.

Em consequência à miscigenação que ocorreu baseada na tese do branqueamento, se estabeleceu o mito da democracia racial, ou seja, somos um país em que não existe racismo ou qualquer tipo de segregação por motivos raciais. Essa



ideia se alastrou de forma positiva para o exterior, visto a marcante divisão racial presente nos Estados Unidos, se refletindo em texto acadêmicos com comparações, colocando o Brasil como exemplo, e até mesmo a sociedade brasileira aceitou a ideia. Entretanto, esse termo apenas serviu para complicar ainda mais a situação racial do país, já que ao assumir que esse problema não existe, então não é necessário lutar contra ele, sendo que na mídia, e no dia a dia de quem passa por isso, é evidente que ele existe sim aqui.

Observar as notícias jornalísticas atuais nos permite identificar o quanto a ideia da democracia racial foi e é utópica. Os índices de mortes de pessoas negras em abordagens policiais comprovam tal utopia, como exemplo podemos citar o fuzilamento de um civil pelo próprio exército, utilizando a justificativa de que foi um “engano”. Notícias desse tipo são o que não faltam, e programas que se alimentam dessa pauta, pregam da forma e com termos que bem entendem, como o uso de traficante para uma pessoa negra, enquanto que para uma pessoa branca está relacionada com a profissão dela. Logo, a diferença de tratamento perante a mídia, também reflete na sociedade, já que ocorre a transmissão silenciosa de valores por parte da mídia.

Relacionada a essa transmissão, ela é como muito bem retratada no documentário “A negação do Brasil”, que expõe a visão das novelas brasileiras em relação ao negro. Quando montavam o elenco para esses programas os negros sempre eram os empregados, o melhor amigo do protagonista, ou então possuíam uma personalidade não confiável etc. Logo, a forma que retratavam, na verdade ainda retratam, induzem as pessoas a construir uma visão sobre essas pessoas, sendo que nem sempre de forma intencional. Conforme essa situação ocorre, gera como consequência um tipo de racismo velado e fortalece o racismo estrutural.

Ainda discutindo sobre a transmissão de valores da mídia em relação ao negro, também há a influência dessa ferramenta na forma que a pessoa negra se vê, já que há um conjunto de características que ela exalta mais, por meio de maior representação em novelas e filmes, e por essa exaltação ser de um grupo específico



em que o negro não se encaixa, ocorre uma pressão para tentar o máximo possível se aproximar desse padrão. Sendo esse grupo exaltado o europeu, ou seja, a pessoa branca de cabelo liso com olhos azuis, em decorrência disso era extremamente comum o uso de produtos químicos extremamente fortes para alisar o cabelo, ou seja, medidas para tentar se enquadrar na "normalidade". Por isso a importância do movimento "Black is beautiful" que é uma resposta direta a esse comportamento da mídia, já que ele exalta a beleza das pessoas negras e incentiva elas a se amarem do jeito que são, como muito bem exposto no verso da música "ponta de lança" do Rincón Sapiência *"Quente que nem a chapinha no crespo Não, crespos estão se armando Faço questão de botar no meu texto Que pretas e pretos estão se amando"*. Portanto, cada pessoa tem a sua beleza, nenhuma é mais do que outra, essas ações que reforçam essa ideia apenas trazem benefícios, já que não existe nada mais importante do que o amor próprio.

Relacionado a essa valorização de um padrão, um fato muito recorrente na mídia do entretenimento é o protagonismo branco na história do negro. O filme "Um grito de Liberdade", retrata a história de um jornalista branco que se torna amigo de Steve Biko⁶, um ativista negro sul-africano que lutou pela anti-apartheid, e após a morte dele, decide divulgar a luta pela a qual Steve defendia. Tal história consagra o branco como o salvador, reforçando a ideia que possuíam para justificar o processo de aculturação e exploração dos povos que encontravam. A história de Steve Biko é grandiosa para ser um coadjuvante em um filme de Hollywood, foi ele que disseminou a ideia "Black is beautiful" e contribuiu para o conceito de consciência negra, em que propagava que a população negra precisa libertar sua consciência e encontrar sua liberdade.

Como esses tópicos são frutos de uma longa colonização, existe uma resposta contra a essa permanência da influência da metrópole em diversos âmbitos, sendo ela a "Decolonialidade". Esse movimento possui como objetivo o desvinculamento dessas ideias que são carregadas como "herança". E uma das formas de fazer isso é por meio de ações afirmativas, já que, além de permitir uma igualdade para os grupo em que a sociedade possui uma dívida histórica, também possibilita a incorporação



do conhecimento desses povo no ambiente acadêmico, outro ponto das ações é que elas reconhecem de que sim há um desigualdade racial no país.

Portanto, nesse texto foram tratados alguns dos pontos históricos-sociais que influenciaram no racismo no Brasil, é visível que o problema está bem enraizado na sociedade, já que é perpetuado diariamente pelas mídias e o mito da democracia racial ainda persiste. Por isso ações que evidenciam essa problemática a torna real e deixa de alimentar essa ideia completamente não condizente com a realidade de 54% da população brasileira. Levando em consideração as frases: “Quando o dominado aceita a dominação, o sistema está perfeito” do jornalista Carlos Medeiros, e “A união faz a força”, uma abreviação bíblica, podemos relacioná-las para enfrentar essa situação que se pendura por tanto tempo e que afeta a sociedade como um todo em diversos âmbitos.

Referências Bibliográficas

¹Raça e racismo no Brasil, Café filosófico CPFL, disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=RFYQ6axQSho>>. Acesso em abril de 2019.

²Efeito Lúcifer, Sobre a vida, disponível em: <<http://www.sobreavida.com.br/2011/12/05/efeito-lucifer/>>. Acesso em abril de 2019.

³Abolição da escravidão pela Inglaterra, Mundo educação, disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/abolicao-da-escravidao-pela-inglaterra/>>. Acesso em abril de 2019.

⁴Tese do branqueamento: o que é e por que aconteceu, Estudo prático, disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/tese-do-branqueamento-o-que-e-e-por-que-aconteceu/>>. Acesso em 08 abril de 2019.

⁵A redenção de Cam, Enciclopédia Itaú cultural, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>>. Acesso em abril de 2019.

⁶Sobre o conceito de consciência negra, Negro Belchior, disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/sobre-o-conceito-de-consciencia-negra-leia-e-saia-da-ignorancia/>>. Acesso em abril de 2019.



Vinicius Bueno de Moraes

Em toda sua história, desde colônia à república, o Brasil teve um desenvolvimento singular perante sua organização social. Única colônia portuguesa nas Américas, acabou se tornando porto a um número incerto de africanos, que vai de 1.500.000 a 6.000.000 (EMORY LIBRARIES & INFORMATION TECHNOLOGY, 2019), que assim foram escravizados, englobando-se o maior contingente escravagista do mundo em sua época e também um dos maiores da história. Uma abolição da escravatura tardia e desleal que tinha como principal característica uma falsa impressão de igualdade racial aparelhou uma sociedade que de lá para cá ainda se mantém muito semelhante. Após a abolição, a população negra se caracterizava não só por nativos africanos, mas por uma parte significativa de cafuzos, mulatos e mamelucos que, por sua vez, devido ao fato de partilharem de mais características étnicas comuns aos europeus, eram mais aceitos na sociedade, dada escassez de “brancos”. Duas vezes em sua história, o Brasil passou por um processo de “branqueamento”, no período de Dom Pedro II e no governo Getúlio Vargas. Ambos líderes repudiavam a identidade brasileira e a tentavam mudá-la a todo custo, especialmente a partir da inculcação da cultura europeia nas bases da sociedade, a fim de destituir a ideia de como o brasileiro verdadeiramente é: um povo miscigenado, com fortes raízes negras e indígenas. Este processo de branqueamento se deu, principalmente, pelo incentivo à imigração eurasiática, com promessas de que a condição de vida seria melhor do que em sua terra-mãe. Isso influenciou mais de 5.000.000 (O FLUXO..., 2016) de europeus a virem ao Brasil, mas ao contrário do que se imaginou, o objetivo não fora atingido. Logo, esse processo apenas culminou em um aumento da gradiente étnica – que já era grande no Brasil, e ainda, em permanência no governo daqueles que mantinham o ideário em questão que, inclusive, eventualmente foi consoante as intenções higienistas. Ainda sobre os últimos, é possível responsabilizá-los por medidas que, embora caucionantes à posterior abolição da escravatura, configuram como corroboráveis ao fracasso da socialização do negro após a conquista sobredita, cujas reminiscências se expressam



na contemporaneidade. Não obstante, para além da falta de assistência aos escravos e seus descendentes, a supressão da cultura negra esteve sempre presente. Sua demonização consolidou-se, igualmente, através de práticas institucionais que intencionavam depreciá-la e, por conseguinte, banalizaram manifestações contra a mesma. Nesse sentido, evidencia-se que é contínua a vulgarização dos costumes e comportamentos negros em razão dos processos como os explicados por Philip Zimbardo (2012) e Albert Bandura (1971). Os autores aludidos, respectivamente, formularam o chamado “efeito Lúcifer” e a teoria da aprendizagem social. O primeiro deles, trata sobre como a sociedade reage aos estímulos provenientes dos legisladores, à desumanização do outro, à passividade perante as agressões e à adesão passiva de normas grupais. O outro, enquanto isso, fala sobre como o indivíduo tende a replicar atitudes as quais é exposto e o quão perigoso pode ser o efeito quando o primeiro é inserto em um ambiente nocivo. Tudo isto posto, estabelece-se um paralelo da situação brasileira com a da África do Sul – duas sociedades de maioria negra, extremamente miscigenadas, em que nunca houve possibilidade de ascensão ao negro e, para eles, nem mesmo o fim, ainda que simbólico, da opressão e segregação. A população citada experienciou um processo chamado de Apartheid, que pautava a sociedade na superioridade do povo europeu e africâner. Sem salientarmos como ocorreu, o povo sul-africano derruba o regime e, com isso, conseguem finalmente desmantelar toda a organização que fazia a manutenção do racismo estrutural. Assim, pela primeira vez, são livres para desenvolver políticas que combatem todas as injustiças que fora acometida ao povo negro e dar um novo rumo, cultural e político ao povo sul-africano. Analisando o episódio, podemos afirmar com veemência: todo o processo segregacionista sul-africano, sua aparência e identidade, foram extremamente importantes para se ter a ideia do que combater, como combater e quem são os agentes que ali participavam. No Brasil, no entanto, isso nunca ocorreu. O racismo a lá brasileira sempre esteve escondido, com agentes abstratos e com complacência da população. Dificilmente consegue-se aferir a ideia de que o Brasil é um país racista sem parecer irrisória aos ouvidos daqueles que nunca sofreram ou nunca admitiram a existência desse evento. O fenômeno descrito é causado pelo atualmente provado, por Florestan Fernandes



(1972), mito da democracia racial. Portanto, para combater a ideologia racista, precisamos “nomear os bois”. Reconhecer sua presença é, sobretudo, essencial para a formulação de políticas e ações efetivas à luta contra a discriminação, para que assim, finalmente, possamos dar àqueles que foram oprimidos e excluídos, seu lugar de direito na sociedade, fugindo da organização eurocêntrica – como foi na África do Sul –. Desprendendo-se da organização colonial, lutando contra a organização que continuamente mantém o racismo no Estado brasileiro e tentando reparar os danos causados aos que construíram nossa sociedade. É de suma importância fazer valer o suor e as lágrimas desse povo, pois é dele todo o fundamento da nossa sociedade.



Wellington Araújo da Silva

Vivemos num mundo onde o eurocentrismo (visão de mundo a partir de uma perspectiva europeia, nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais) é predominante. A Europa se colocou no centro do planeta, tanto no mapa mundi quanto na sociedade, e, a partir disso, diversas relações de poder envolvendo etnia foram estabelecidas. O racismo, fruto desse eurocentrismo no Brasil, se faz presente no país desde a colonização de nossas terras pelos europeus até os dias atuais, e embora tenha sofrido modificações ao longo do tempo, ainda está longe de ser erradicado da nossa sociedade e está impregnado em tudo a nossa volta. Quando o Brasil foi invadido pelos portugueses, milhares de africanos que foram trazidos a força de suas terras perderam sua identidade ao serem submetidos à escravidão. Eram vistos como animais cuja única função era a de gerar riqueza para seus senhores. Toda essa relação se estabeleceu ao considerar o povo negro inferior devido a seus traços físicos e culturais: pele escura, nariz e lábios grossos, cabelos crespos, rituais religiosos que fugiam do cristianismo europeu, e etc. Mesmo depois de muita luta e resistência, com o fim da escravidão, essa relação de poder não se extinguiu, pois os negros foram largados no país sem nenhum tipo de assistência. Sem terras, sem riquezas, e sem dignidade do ponto de vista europeu, sob a perspectiva de quem detinha o poder no país, os negros travaram mais uma batalha: a de garantir e conquistar o seu espaço na sociedade a partir do zero. Mesmo vivendo numa sociedade mais evoluída nos dias de hoje, onde há diversas medidas para reparação histórica e combate ao racismo, é notório que essa relação de supremacia branca e europeia segue firme na população brasileira. Ainda hoje, o povo negro é marginalizado, visto como um ser inferior, com oportunidades reduzidas e nenhum privilégio. Muito do que vemos de racismo no Brasil atualmente parte da ignorância da população, da falta de conhecimento da cultura negra e de ensinamentos que as pessoas carregam desde a infância. Porém também é possível encontrar casos de perversidade e psicopatia, onde os indivíduos praticam racismo por pura maldade e desumanização. Ambos os casos contribuem para o fortalecimento dos estereótipos, que por sua vez fortalece a discriminação, o preconceito e contribuem para o genocídio negro que o Brasil



assiste desde sua colonização. O racismo no Brasil é tão forte que, mesmo que velado, atinge grande parte da população negra sem que a própria vítima perceba. Muitos negros do país passaram ou passam por um processo de embranquecimento, uma tentativa de se aproximar do que seria o padrão ideal pregado pela sociedade. Esse embranquecimento se manifesta em ações como: alisamento de cabelo, processos estéticos e até relações como famílias brancas apenas para que os filhos sejam “menos negros”, processo esse que já foi visto como uma redenção, uma forma de purificar o país, uma tentativa de torná-lo mais branco. Hoje, graças às lutas sociais e fortalecimento da comunidade afro brasileira, vemos que o povo negro conquistou muitas coisas comparado a todo histórico de sua existência no país, porém essas conquistas não foram o suficiente para termos uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa forma, é necessário que se combata o racismo, que se eduque a sociedade constantemente, de forma a criar uma nova consciência e novos valores e, assim, uma nova sociedade: mais justa e desigual.

03 - Mudanças em mim: meu projeto decolonial

Autoria Anônima α

Acredito que a disciplina teve um forte impacto em minha visão sobre o mundo e, sobre mim mesma também. Com o estudo em base às culturas e suas consequências à uma população diversa, eu, que sempre ou, pelo menos por muito tempo da minha vida, vivi em uma "bolha" de pessoas que se pareciam e tinham pensamentos muito parecidos com os meus.

Vir para uma faculdade federal, pública, foi um dos primeiros grandes impactos na minha vida. Sinceramente, eu quase não havia lidado com muitas pessoas que possuíam muitas diferenças, assim como, monetárias, de cor ou preferência sexual. Assim, passado esses 3 anos de graduação, muitos dos meus pensamentos foram mudando, além de que eu acabei me afastando cada vez das minhas "bolhas".

Mesmo assim, ainda era algo muito complexo, e não possuía total domínio do que realmente ocorria e por quê, mas apenas que existiam tais diferenças e, muitas eram tratadas racistamente de um modo "normal" pela sociedade.

Com o passar dessa disciplina, pude ouvir diversas pessoas com vidas e histórias diferentes, e, além disso, pude também entender seus lados e suas lutas. Não só por isso, foi possível compreender o motivo de tal pensamento enraizado culturalmente com as aulas de estudo histórico sobre o Brasil e sua colonização européia.

Com isso, pude ter a oportunidade de entender conceitualmente o estado atual de pensamento cultural "brasileiro" e entender de onde vem tais discriminações e pensamentos de "senso comum". Além disso, pude constatar que mesmo eu, que vivi muito "privilegiadamente", possuo as minhas dores e também minhas lutas. E, que, não há nada de errado em mudar a forma de pensamento ou deixar de lado algumas tradições que não te representam, assim como, não há nada de errado em defender suas tradições em que acredita e que não necessariamente coincidem com um grupo ou uma população.



Atualmente, posso sim ser muito grata por ter sido apresentada à duas tradições e culturas muito diferentes, pois, posso então, ouvir ambas e escolher as partes que mais concordo para utilizar em minha vida.

Portanto, acredito que a matéria trouxe muito conhecimento e relatos que eu, nunca poderei viver. Então, é de minha responsabilidade, como pessoa que gostaria de viver em um local com harmonia e respeito ao próximo e agora possui um maior domínio sobre o assunto, contatar todas as pessoas próximas à mim, principalmente as que ainda vivem muito nas "bolhas" e fazer com que as mesmas tenham o maior contato possível com esses conhecimentos.

A mudança pode ser muito pequena a priori, mas acredito que, se há algo que podemos fazer, é melhor tentarmos do que não fazer nada.



Caique Cappucci Bismarck

O racismo está presente em todas as sociedades. É um pensamento muito antigo que se conserva até hoje. Nós, brasileiros, tivemos estes ideais etnocêntricos instalados em nossa sociedade no período colonial, visto que os Portugueses e europeus no geral traziam consigo a ideia de que os nascidos na Europa representavam uma elite racial sendo que os nascidos em outros continentes eram de outras raças inferiores, com limitações mentais que os impediam de serem considerados, muitas vezes, seres humanos. Daí vinha a necessidade de organizar uma ruptura na relação entre essas diferentes “raças”, para que não houvesse assim uma contaminação nos genes europeus.

Tivemos um longo período de escravidão e violência escancarada contra negros. Este período teoricamente acabou, porém a violência continua. Os traços de racismo estão presentes em nós. A ideia de que o que vem da Europa é melhor e o continente representa um modelo de sociedade a ser seguido ainda existe, e isso tem grande influência na perpetuação do racismo.

Quando ocorre esse sentimento de que o europeu é melhor automaticamente inferiorizamos tudo que não tem essa origem. Por isso considero de extrema importância que haja o questionamento crítico para que valorizemos todas as culturas. A gente tem o hábito de avaliar as pessoas com base no que consideramos correto, porém sempre será uma avaliação a partir da nossa perspectiva, do que nos foi ensinado. A partir disso gera-se o pensamento de que quem não se adequa aos padrões estabelecidos é, de alguma forma, inferior, mas é óbvio que outra pessoa, com outras experiências, culturas e ensinamentos muitas vezes pode não se adequar ao padrão que nos é imposto, isso de forma alguma significa que são inferiores ou que tem, de fato, alguma limitação.

A disciplina de estudos étnico-raciais contribuiu muito para que eu me polície a todo momento a fim de não fazer comentários ou ações que possam ofender alguém. O ponto de partida e talvez o mais difícil é não julgar as pessoas através das minhas



experiências e perspectivas. O próximo passo é provocar, nas pessoas que tenho contato, o questionamento, com o objetivo de acabar com esse pensamento eurocêntrico que alimenta o racismo. Além disso não podemos nos omitir frente à atos preconceituoso pois a omissão também é uma agressão. Devemos orientar sempre para que atos racistas não sejam reproduzidos. O racismo precisa acabar e cabe a nós lutar com o que temos e da forma que podemos para que esse fim seja logo



Camila de Freitas Cardoso

Começo esse texto confessando que, em poucos meses atrás eu nunca tinha parado para analisar ou sequer me perguntar sobre minhas reais origens, de quais países meus ancestrais vieram ou quais eram realmente suas culturas. Sei que meu sobrenome é de origem portuguesa mas visto que Portugal foi o país que colonizou o Brasil e essa colonização se deu de forma totalmente autoritária e a base da escravidão, fica difícil ter a certeza de nossas origens. Sei também que todos nós somos uma mistura de várias etnias, culturas, costumes e seria muito interessante um dia eu descobrir qual é a minha real mistura, conseguir de fato responder a pergunta: O que em mim reflete meus ancestrais?

Analisando as várias etnias e origens que existem aqui no Brasil, foi cada vez mais assustador perceber, conhecer e identificar a quantidade absurda de preconceitos que se fazem presentes em um país tão diversificado, em todos os aspectos. No começo, para mim, ocupando o lugar de uma mulher branca e muito privilegiada em questões sociais, eu sabia da existência do racismo em meu país, mas não de sua real gravidade. Ouvir relatos de pessoas que passaram por experiências racistas, pesquisar e comparar dados de situações preconceituosas corroborou imensamente para minha desconstrução social e visão da nossa triste e verdadeira realidade.

Aprendi que o primeiro passo para a desconstrução é aceitar que todos nós nascemos em uma sociedade muito machista, homofóbica, racista, e preconceituosa em todo âmbito. É necessário o entendimento de que desde crianças, a mídia trabalha ferozmente para a alienação em massa, construindo e formando pessoas preconceituosas que reproduzam ações e pensamentos consequentemente preconceituosos, fazendo com que o certo seja seguir padrões sempre, sem respeitar as diferenças. Aprendemos que antes de fazer qualquer julgamento precisamos ouvir



o próximo, praticar cada vez mais a empatia, o respeito e também ter uma visão mais crítica em todas as situações de nosso dia a dia.

Conforme fui participando das aulas de Estudos Étnico-raciais e tomando mais conhecimento de certos tópicos, eu levava temas importantes e significativos para serem discutidos também em família, temas esses que afluíam novos debates construtivos nos quais eu tinha a oportunidade de repassar tudo o que aprendia, para pessoas que não podiam estar nas aulas comigo. Essa era a forma de ampliar o conhecimento adquirido em sala de aula e fazer com que minha família também pudesse evoluir individual e socialmente.

Portanto, tenho estabelecido que meu projeto decolonialista será me tornar alguém melhor e mais desconstruída a cada dia, para poder conscientizar as pessoas, de forma que elas possam também identificar seus preconceitos e extinguí-los, ter uma visão cada vez mais ampla da nossa atual realidade. Um de meus objetivos agora é tomar todas as lutas sociais (mesmo que eu não sofra de tal preconceito) para mim, fazer também com que as pessoas entendam a importância de lutarmos uns pelos outros, em busca de um lugar melhor e igualitário para se viver. Estamos nadando contra a correnteza, mas a esperança em indivíduos mais humanos, praticando o respeito e amor ao próximo independente de sua origem étnica ou geográfica, é um sonho que juntos vamos batalhar para se tornar real.



Autoria Anônima β

Todo berço de mudança social começa com a apresentação de perspectivas e opiniões.

Acredito fielmente que qualquer mudança sem "ferramentas" a sua disposição está fadada ao fracasso.

Por ferramentas me refiro a histórias, exemplos, discussões e opiniões diversas, ferramentas que aliadas com uma mentalidade de conversa e de "não assustar o freguês" são essenciais para encabeçar tais mudanças. Acredito que a maior mudança, pelo menos nos meus olhos, após cursar essa disciplina (ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS) foi justamente o ganho de algumas ferramentas como essas: descobrir e conseguir nomear problemas e soluções, aprender novas histórias, conhecer pessoas e seus relatos, ser introduzido a movimentos e criar um sentimento de irmandade e de acolhimento, dos quais pude gerar monólogos nos quais mudei algumas opiniões que antes não passariam pela minha cabeça e pude apresentar minhas histórias e a de outros para aqueles no meu convívio.

Não acredito em mudanças de problemas do topo para baixo (além de que provavelmente o topo não se importa com esses problemas já que eles existem descaradamente).

Acredito que para qualquer mudança, é preciso começar em indivíduos e grupos, para que assim possa se alcançar o topo. Do povo surge o despertar da mudança, e nós somos o povo.

Portanto, agora que possuo tais ferramentas, posso auxiliar na decoloniedade dialogando e agindo conforme o possível, tanto em relação as pessoas próximas de mim como na sociedade em geral, através de conversas mais pessoais e com diálogos



mais gerais, como reuniões, protestos etc, agora munido de ainda mais contextos e histórias e com um senso de “não assustar o freguês” mais treinado e refinado.



Felipe da Silva Sousa

Metanóia e Projeto Pessoal

Ao longo da disciplina a mudança mais perceptiva que tive do tema proposto, foi a ideia de que o racismo apesar de existir, consistia mais numa estereotipificação, e por isso estaria restrito ao contexto das relações sociais interpessoais, sendo de impacto reduzido e passível de ser ignorado por quem fosse vítima.

Pude ter contato com o decorrer das aulas com as exposições dos outros alunos que me fizeram refletir sobre o impacto que o racismo tinha nas suas vidas, desde a influência na autoimagem até as questões acadêmicas e profissionais em que a discriminação que sofriam era evidente e embora não autodeclarada, de fácil percepção.

Mas a compreensão que me deixou mais satisfeito, foi a de que devemos primeiramente nos despir dos conceitos e do rótulos sobre o que é racismo e quem é racista ou tem atitudes racistas. Para o devido aprofundamento das questões tratadas pela disciplina era necessário entender os porquês antes de atirar julgamentos e conclusões. E aqui me refiro ao fato de que não nos interessa saber se você é ou não racista, mas em que grau e ciência e cultura racista e eugênica influencia os nossos valores e as nossas atitudes, em que grau as ideias dos cientistas que pregavam abertamente a melhoria genética da raça humana, a arianização e o desaparecimento das raças inferiores, dos mais pobres, dos deficientes para sobre o ideário brasileiro e mundial. E politicamente isso pode ser vinculado à várias ideias socialmente aceitas como por exemplo: controle de natalidade e aborto para os pobres, extinção da assistência social, políticas trabalhistas excludentes, etc. Todas essas políticas não se vinculam explicitamente a um ideal eugênico, mas tem no seu fundo um “Q” de seletivas e excludentes dos “menos adaptados”. E implicitamente falando, em qual grau essas ideias influenciam nos estereótipos apresentados pela mídia? Saímos dos paradigma racial dos séculos XVIII e XIX, mas ele é cronologicamente recentes, fez parte da ciência e cultura de pelo menos 2 séculos - sem contar que a discriminação



racial e étnica remonta ao tempo das Cruzadas e aumenta à medida que os povos começam a fazer intercâmbio – então, como não falamos disso na escola, nas disciplinas de História, tudo isso é dado como um caso encerrado, “o racismo não é mais um problema”, mas tivemos episódios em que a ideologia racial era a predominante e não faz nem um século disso. Concluindo essa parte: não importa se você é racista ou não, suas atitudes provavelmente vão refletir as reminiscências de nosso passado que foi racista e eugênico, mesmo numa “terra de mulatos”, o que deve nos causar mais espanto ainda, ou seja não devemos ser sistemáticos e preocuparmos com as classificações, mas ao ver um problema, uma atitude inadequada, reportar e conversar num diálogo franco, buscando fazer as pontes para convencer as pessoas de que as nossas diferenças não nos tornam tão diferentes assim, temos em todos uma essência humana que deve ser preservada e respeitada.

Sobre o projeto pessoal, poderia dizer que a disciplina veio corroborar ainda mais com a ideia que de a acepção de pessoas sem causa grave ou justa é danosa às pessoas e à sociedade. A questão das diferenças e o porquê delas já havia sido respondido de forma muito bonita e singela por Santa Teresinha de Lisieux que diz:

“Jesus quis instruir-me a respeito deste mistério [a diferença das graças distribuídas por Deus aos seus filhos]. Pôs diante dos meus olhos o livro da natureza e compreendi que todas as flores por ele criadas são belas, e que o esplendor da rosa e a brancura do lírio não tiram o perfume da humilde violeta nem a simplicidade encantadora da margarida... Compreendi que se todas as flores quisessem ser rosas, a natureza perderia sua pompa primaveril e os campos já não seriam salpicados de florzinhas...

O mesmo ocorre no mundo das almas, o jardim de Jesus. Ele quis criar grandes santos, que podem ser comparados aos lírios e às rosas; mas criou também outros menores, e estes devem se conformar em ser margaridas ou violetas destinadas a alegrar os olhos de Deus quando contempla seus pés. A perfeição consiste em fazer sua vontade, em ser aquilo que Ele quer que sejamos... Compreendi também que o amor de Nosso Senhor se manifesta tanto na alma mais simples, que não coloca nenhuma resistência a sua graça, quanto na alma mais sublime. É próprio do amor abaixar-se. Se todas as almas se parecessem às dos santos doutores que iluminaram a Igreja com a luz de sua doutrina, parece que Deus não teria que se abaixar bastante para vir a seus



corações. Mas criou a criança, que nada sabe e só balbucia fracos gemidos, criou o pobre selvagem, que só tem a lei natural para guiá-lo. E também a seus corações ele se abaixa! São suas flores campestres, cuja simplicidade o encanta...”

Ou seja, as diferenças além de serem quistas por Deus, são também o próprio reflexo de sua divindade. O bom Deus se manifesta no mundo através da diversidade humana que é a materialização de sua onipotência.

O meu projeto seria portanto, de aos poucos me desfazer das influências que me afastam do Bom e do Belo, seja a própria mídia, as ideologias insensatas, tudo aquilo que me afasta das virtudes que pretendo almejar. E dessas a que mais vejo interface com o proposto pela disciplina é a justiça, é imperativo que desenvolvamos um senso de justiça necessário para que essas discrepâncias sociais não inviabilização as diversas concepções de vida boa, nos cause indignação, para que busquemos agir com a justa medida.

Assim, é próprio da virtude, afastar do ego, aprender a partilhar, não fazer acepção de “gregos e judeus”. Colocando em prática isso, uma das coisas que tenho eliminado da minha rotina é o uso da TV, por perceber o quão mal tem feito à mentalidade dos brasileiros na última década. Tenho me esforçado pois, para ser mais seletivo nas escolhas daquilo que consumo. Buscando sempre, na medida do possível compreender o meu semelhante com o auxílio da reflexão e da temperança.

Esse Projeto pode ser descrito da seguinte maneira: busca da virtude (consequente afastamento daquilo que não nos acrescenta) e uma ênfase no combate ao egoísmo (infelizmente, uma característica forte do meu temperamento), rezando pelos meus irmãos (principalmente aqueles que não me agradam) e buscando o bem deles e de todos aqueles que eu vir e nas minhas condições puder ajudar.

Referências Bibliográficas:

Santa Teresinha do Sagrado Jesus da Sagrada Face, História de uma alma: manuscritos autobiográficos, Lisboa, Carmelo da Costa, 1979, 13ª ed.



Autoria Anônima γ

Ao longo do quadrimestre, conseguimos estudar e nos aprofundar em todos os temas propostos. Focando na formação da mente e nas diversas interpretações que cada um tem sobre os mais variados fenômenos, pudemos ver de que forma os estereótipos e preconceitos são passados de modo a nos formar. O texto que fiz na primeira aula não passava de ideias baseadas em senso comum, de que o preconceito existe e de que somos um país miscigenado. Graças às discussões e a diversidade de ideias com a qual tivemos contato ao longo da disciplina, pude abrir minha mente e começar o processo de construção do conhecimento e de formas a quebrar essas concepções prévias acerca de temas como o racismo. O processo de aculturação de ideias eurocêntricas e o embranquecimento sobre nossos valores estão cada vez mais destruindo nossa ancestralidade. Práticas que eram passadas aos nossos avós, pais e familiares estão se perdendo em meio a era tecnológica em que bens materiais são mais importantes e apenas aquilo que é industrializado ou estrangeiro é bom. Dessa forma, se faz necessário refletir sobre o nosso papel na sociedade e de que formas estamos reproduzindo esses valores e apagando nossas origens. Precisamos rever a forma com que educamos as crianças, as mensagens que passamos no dia a dia para que suas mentes não se formem cheias de ideias preconceituosas e para que tenham senso crítico quanto aos que lhe forem ensinados. É preciso diálogo e estudo para quebrar pensamentos que denigrem a imagem dos outros ao nosso redor e que foram construídos ao longo da nossa vivência, o que torna esse processo de desconstrução difícil, demorado e faz com que demande muita paciência. Ao longo da disciplina, fizemos análises de filmes, textos, vídeos, exposições e até os mais variados temas sob a ótica de cada um dos alunos. Foi a partir dessas discussões que pudemos ter contato com a visão do outro, de que forma aquilo lhe impactava e era processado pela sua mente. A construção do conhecimento se faz dessa forma, dando espaço para o outro falar, expor sua visão e debater. Nenhum saber pode ser desprezado e nem colocado acima dos demais e deve ser valorizado como componente de uma cultura. Acima de tudo, é necessário respeito para com todos os povos, valores,



costumes e culturas e a decolonialidade nada mais é que um processo de exaltação daquilo que é seu, daquilo que te foi passado por várias gerações e que te forma como pessoa. Hoje vejo mais do que nunca que meu papel é não virar a cara pra discursos que pregam preconceitos. Tendo uma boa base que me faz fugir de argumentos pautados no senso comum, sou capaz de dialogar e auxiliar outras pessoas no processo de construção do conhecimento da mesma forma pelo qual estou passando. É impedir que novas gerações se formem disseminando ódio e ofensas àqueles que são iguais e têm o mesmo direito que nós



Fernanda Mendes dos Santos

Projeto decolonialista

Ao cursar a disciplina de Estudos Étnicos-Raciais, logo no primeiro dia de aula, fomos submetidos a uma avaliação para produzir um texto a respeito do racismo no Brasil e outro sobre nossos reflexos perante nossos ancestrais. Como ainda não tínhamos um embasamento teórico e os conceitos bem definidos acerca desse tema, acredito que meu texto tenha sido um pouco superficial e refletia muito as minhas vivências até então. Sou mulher, branca, filha de nordestinos e tenho muitos parentes brancos e muitos parentes negros também, portanto, herdei características físicas de ambas as raças e modos de me expressar e de me portar de cada uma. Meu gosto pela música e pela dança certamente veio delas também.

Quanto a questão do racismo, pessoalmente nunca sofri e acredito que por isso, no início da disciplina, eu não dispunha de muita empatia e não dava a devida importância ao tema. Mas com o passar das aulas e, inclusive, com os debates e depoimentos de alunos que já sofreram preconceito e que ainda sofrem, pude enxergar esse problema com outros olhos e de uma maneira muito mais profunda. É muito preocupante ouvir de uma pessoa do seu meio acadêmico que ela tem medo de ser assassinada, de levar um tiro ou de ser agredida, por ser negra. De que, apesar de possuir conhecimento e qualificações profissionais, ao ir a uma entrevista de emprego, sentir que ela não deveria estar ali e que mesmo sendo melhor qualificada do que outros candidatos, não obteria a vaga justamente por ser negra. De que, ao invés de desfrutar seu fim de semana com sua família, ela tem que ir protestar contra atos violentos a pessoas negras, por medo ser a próxima vítima. São relatos que chocam e que nos faz repensar nosso verdadeiro papel como cidadão e como ser humano.

A forma como a sociedade, de forma geral, trata e lida com as pessoas negras é vergonhosa. Muitos repetem comportamentos e atitudes por pura ignorância, sim, mas também, muitos são perversos e se sentem bem ao causar o mal ao seu



semelhante. Os dois lados precisam ser reeducados. E a primeira forma que poderia ajudar a reverter tais mentalidades é inserir disciplinas como essa, não somente na graduação, quando já estamos bem moldados e encaixotados, mas também, desde o ensino básico/infantil, pois nessa fase as crianças absorvem muito bem os ensinamentos transmitidos e é importante que toda a visão preconceituosa e racista seja combatida desde cedo.

Enquanto adultos, ao receber esse tipo de conhecimento, nosso papel é transmiti-lo ao maior número de pessoas possível, começando com os nossos familiares, com os nossos amigos mais próximos e ir repassando, e cada uma dessas pessoas fazendo o mesmo para que a informação e o conhecimento sejam disseminados. Todo mundo sabe que o preconceito e o racismo existem, muitos se incomodam com ele e até querem fazer algo para mudar, mas não sabem nem por onde começar. E não é simples mesmo, mas com boa vontade e boa intenção, é possível mudar.

Para o meu projeto decolonialista, o que de imediato posso fazer é eliminar esses vícios de linguagem e parar de usar expressões de cunho racista e preconceituoso, como por exemplo, “humor negro”, “inveja branca”, “arma branca”, “judiação”, “tinha que ser preto” e por aí vai. Também é importante ouvir mais as pessoas que sofrem preconceito racial e ter mais empatia, além de conversar com familiares, amigos e colegas de trabalho e expor o conhecimento adquirido durante as aulas, dando exemplos, mostrando vídeos e promover discussões saudáveis, além de incentivar essas pessoas a fazerem o mesmo. Se algum dia eu tiver filhos, desde cedo vou ensiná-los a não discriminar as pessoas e ensinar que características físicas diferentes não nos tornam raças diferentes, pois todos pertencemos à raça humana. Vou transmitir valores que não sejam racistas nem machistas, nem misóginos, nem homofóbicos, nem xenofóbicos, apenas valores livres de preconceitos. Algo que quero transmitir também é essa visão mais crítica e desconfiada, de não engolir as informações que chegam até nós e de enxergar as lacunas que não são preenchidas, de procurar saber o outro lado da história, sempre digerindo a informação e notando



as sutilezas que são deixadas de lado, muitas vezes, por tentar beneficiar apenas um lado da história e não mostrá-la como um todo.

Sei que ainda é pouco - tamanha a proporção que o problema do racismo tem na nossa sociedade - mas acredito que são através de pequenas mudanças que as pessoas possam, finalmente, começar a viver uma vida menos intolerante e menos preconceituosa e que o sofrimento de muitos, seja atenuado. Me sinto privilegiada de poder ter cursado uma disciplina tão relevante como essa e no dever de repassar o conhecimento adquirido, afinal, qual o nosso papel enquanto universitários (e cidadãos também) senão promover e trazer benefícios à sociedade?



Janaina Tanci Dos Santos

A importância em se conhecer histórias nunca ou pouco contadas

A disciplina de Estudos Étnico-Raciais foi de extrema importância tanto para o meu desenvolvimento acadêmico quanto pessoal. Sempre soube das desigualdades e preconceitos existentes no país, mas nunca compreendi muito bem a origem e até mesmo as razões de se perpetuarem em nossa sociedade. E, ao frequentar as aulas, pude perceber e encontrar as repostas para as minhas dúvidas. Minha vida acadêmica sempre foi na área de Ciências Sociais Aplicadas então, lidar com a sociedade e procurar entender e atendê-la da melhor forma possível, proporcionando bem-estar, qualidade de vida e diminuindo as iniquidades, foram os temas mais defendidos e abordados durante estes anos de graduação. No entanto, sempre tive um certo desconforto, justamente pelo “vazio” que persistia, sentia que faltava algo, mas nunca soube o que de fato era. Hoje, percebo que o “vazio” se dava por não haver uma disciplina que conectasse e abarcasse assuntos nunca/pouco abordados em outras matérias, mesmos estas estando relacionadas ao estudo da sociedade e a relação desta com o espaço construído, conhecido como cidade. Fala-se muito de desigualdade econômica, no direito à cidade que poucos possuem em sua totalidade e pouco das questões que são veladas por nossa sociedade, sendo um exemplo disso o racismo que ainda existe e persiste. Contudo, EER (Estudos Étnico-Raciais), preencheu esse “vazio” por trazer à tona temas que, para muitos, não existem nas relações sociais auxiliando, deste modo, a compreender e a estimular uma visão mais crítica do mundo que nos cerca e do que foi construído por nossos próprios ancestrais e por nossas vivências pessoais, que é a nossa própria “bolha”, muitas vezes edificada alheia ao que de fato ocorre no mundo externo construído ao nosso redor. Acredito que a matéria em si já faz parte do meu projeto decolialista. Tratou-se de um ponto inicial para tal, na busca de escutar (realmente) e entender o outro com suas diferenças culturais, sociais, de tempo-espaço, possuindo, desta forma, paciência com as distintas verdades, realidades e opiniões. Tornaram-se mais que aprendizados em



sala, tornaram-se aprendizados pessoal e profissional, além de trocas de vivências e experiências pela turma referente tanto ao próprio ambiente acadêmico quanto fora dele e, também, na mudança de conceitos e preconceitos que carregamos sem mesmo percebermos, havendo a necessidade de filtrarmos tudo o que é dito, escrito, lido e pensado por nós, reconhecendo e corrigindo quando este (o filtro) falhar por nossa própria ignorância sobre um determinado assunto. Então, a continuação do meu projeto decolialista no quesito pessoal seria justamente respeitar o próximo e suas diferenças sem julgar de acordo com a minha visão de mundo e interpretações do mesmo, mudar a minha visão e percepção quando perceber a minha ignorância e tentar colaborar com a mudança da visão de outras pessoas com discursos ou falas carregados de preconceitos. Já no âmbito profissional, seria promover uma melhora na qualidade de vida de todos, principalmente dos que são excluídos e/ou invisíveis pela sociedade, podendo contribuir com a diminuição das desigualdades e preconceitos, escutando a opinião de todos os envolvidos e dialogando para promover o máximo bem-estar possível, dando voz a estes, contribuindo com a identidade e o sentimento de pertencimento ao local no qual estão inseridos, sempre respeitando sua origem e localização geográfica, pois a apropriação humana de um espaço é muito valorosa na relação do indivíduo com a cidade e é esta que molda as relações entre os diferentes grupos sociais estabelecidos num mesmo lugar. Concluindo, penso que ter consciência sobre outro e perceber que há outras histórias e vivências tão importantes quanto a nossa é a melhor forma de decolinizar a si mesmo. É um processo necessário para o crescimento próprio em todas as áreas da vida. A grande importância da disciplina cursada foi precisamente essa, poder aplicar os conhecimentos recém adquiridos em todos os momentos, locais e atuações profissionais. Vivemos em sociedade, possuímos nossa própria ignorância, vidas e diferenças. Saber respeitar isso, analisar de maneira crítica o que se vê e escuta é o mínimo que se pode fazer em um mundo tão diverso. Sendo assim, que sejamos condutores de nossa própria história e não da que criaram para nós antes mesmo de nascermos, desvinculando dos hábitos viciosos e muitas vezes não benéficos para outros indivíduos, conhecendo histórias nunca ou pouco contadas, outros mundos, outras “bolhas”.



“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar e nessa linguagem emprestada.” Karl Marx em “O 18 Brumário de Luis Bonaparte”.



Julia de Souza Santana

Ao longo da disciplina de Estudos Étnico-Raciais, foi possível desenvolver um senso de identidade social intrínseco à noção de coletivo e à tudo aquilo que compõe a sociedade como um todo. De uma maneira pacífica nossos ideais foram confrontados através do conhecimento e aprendizado em conjunto e a decolonialidade se tornou essencial para todos de forma bastante orgânica. Além disso, foi interessante ler meus textos iniciais, pois é perceptível que, ainda que não tenha escrito ali manifestações com teores racistas explicitamente, havia um distanciamento da minha realidade presente nas entrelinhas – o qual indica que a consciência do racismo no Brasil se encontrava no plano das ideias somente e faltava uma perspectiva de que a mudança começa comigo também.

Estudar etnias e raças nos aproxima da necessidade de não se ter apenas consciência do que acontece, mas também é preciso motivar atitudes que nos tirem do atual estado de torpor diante do intolerável. A diferença mais visível ao se comparar o que foi escrito por mim no primeiro texto com o que escreveria hoje, se fosse pedido um texto nos mesmos moldes, é o fato de que saber do diagnóstico de um país que sofre com o racismo (como explicitarei no que escrevi) não é suficiente – portanto, não basta não ser racista, é mais que necessário ser antirracista. Ou seja, buscar entender a fundo as raízes dos dilemas étnico-raciais que o nosso país tem enfrentado, sua carga histórica e se manter de olhos abertos para os casos atuais é fundamental para combater o racismo sim, mas manter uma postura inconformada frente às situações institucionalizadas do dia a dia – que muitas vezes não parecem ser nada tão trágico assim (mas é) – também tem extrema importância.

Outro ponto importante, relacionado ao texto de globalização e ancestralidade, é o que foi abordado na disciplina que trata de como nossas percepções são moldadas pela sociedade e por tudo aquilo que está ao nosso redor. O efeito manada e outras questões que a psicologia mostra como nosso senso de coletivo – que mencionei aqui



antes – é composto por uma teia de fatores que a sociedade tece. Max Weber fala sobre o fato social, que é coercitivo e exterior à todo indivíduo presente nesta teia e em como isso influencia totalmente nas relações dos sujeitos, tanto sociais, quanto econômicas e etc. Compartilho dessa perspectiva e percebo que o que foi apresentado na disciplina converge muito com isso mas de maneira que implica na decolonialidade, em partir dessa visão que explicita as influências dos preceitos que regem os paradigmas sociais para abordar um projeto de confrontar tais situações a fim de contribuir para uma teia que entrelace todas as possibilidades sociais. Meu principal objetivo tendo tudo isso em vista, observando minha evolução ao longo do que aprendi e tive conhecimento nos estudos étnico-raciais, é conscientizar aqueles que estão ao meu lado em todas as oportunidades possíveis – de maneira amigável, sem assustar o freguês – para que pelo menos eu contribua minimamente para as próximas gerações viverem em um mundo melhor.

E, por fim, para a construção de um país que respeite os saberes independente de sua origem e localização geográfica, é preciso que tenhamos contato com as diferentes formas de fazer ciência e conhecimento, cursando disciplinas como essa, buscando informações por fora, cursos, livros de história não enviesados pelas noções de Europa, entre outras formas de buscar saber mais sobre as diversidades presentes no mundo científico e cultural a fora. Não nos apropriar dos saberes de outrem é muito importante, precisamos sempre partir com a mente aberta para desenvolver novos aprendizados e respeitar tudo aquilo que diverge do que nos é comum. A construção depende de todos os tijolinhos, um por um, os indivíduos precisam colaborar ativamente para fundamentar um bom lugar para se viver. Sendo assim, é perceptível que a mudança vem de dentro pra fora e a disciplina foi essencial para me mostrar isso, essa é a principal contraste com o que escrevi no começo das aulas.



Manoel Pedro dos Santos Souza

Projeto de Decolonialidade

O racismo é um aparato estrutural da sociedade brasileira, sendo assim, as relações políticas, sociais e econômicas estão organizada a partir de uma hierarquia pigmentocrática na qual se normaliza a subalternização da raça (apropriando-se do conceito de “raça” em GUIMARÃES, 1995) negra em relação à raça branca (ou o que mais se aproxima dela, dentro da realidade brasileira) nas relações políticas, econômicas e jurídicas (ALMEIDA, 2018). Dado que o racismo estrutural se dá a partir da normalização das relações hierárquicas entre raças, a desigualdade racial será reproduzida mesmo que ações individuais e institucionais sejam tomadas. É preciso então entender os aspectos multidimensionais do racismo e considerar que a sua penetração se dá em todas as esferas da sociedade, sendo assim, é necessário evitar o maniqueísmo pautado na relação opressor/oprimido. Sendo assim, ao considerarmos a sociedade a partir da perspectiva de consciência coletiva (em Durkheim, 1979) e levando em conta o caráter estrutural do racismo no Brasil, é possível concluir que toda coesão social do estado-nação brasileiro é baseado na desigualdade racial, então os valores reproduzidos por essa consciência coletiva será fundado nessas relações de desigualdade. Uma vez que o racismo estrutural é sutil na sua ação e a materialidade das suas consequências somente é percebida por corpos negros (efeito previsto pela estrutura pigmentocrática dada) ou por aqueles que tentam desafiar a estrutura racial vigente (efeito coercitivo da manutenção do status quo).

Nesse contexto, surge o desafio de mitigar os efeitos do racismo nas relações interpessoais; por um lado a população negra, que sofre frontalmente os efeitos do racismo estrutural, não possui ferramentas para explicar um fenômeno que só se torna material a partir do momento em que o indivíduo negro esbarra nas barreiras objetivas e subjetivas da sociedade colonial (o corpo negro não se encontra em diáspora apenas por ter sido sequestrado da sua origem, mas também por não ter papel na racionalidade colonial que não seja pautada no uso da sua força de trabalho; tem,



então, sua identidade cerceada), ou seja, se torna difícil denunciar um crime com culpados tão difusos. Por outro lado, a branquitude recebe os privilégios de uma sociedade estruturada na desigualdade racial, porém, tais privilégios não são absolutos e só podem ser percebidos por quem os detém a partir da observação dos “outros” (ou na ausência dos privilégios dos “outros”), sendo assim, o primeiro privilégio atribuído à branquitude é o de poder se manter alheia às questões raciais. A partir dessa cisão entre uma branquitude confortável em sua posição (portanto inerte nos seus esforços em mitigar a desigualdade que pode acabar com sua hierarquia racial) e o ser não-branco que possui sua identidade definida por uma hegemonia branca que só vê a si mesma; pode-se pensar um processo de decolonialidade que se dê a partir de uma autonomia da população negra (e não-brancos em geral) em pautar a própria identidade (mas antes, é necessário o rompimento com as expectativas da hegemonia branca, apropriando-se da identidade outrora subalterna e ressignificando-a), não como substituta hegemônica de uma branquitude já hegemônica, mas sim como uma das diversas identidades de uma sociedade multiétnica, no qual nenhuma delas seja subalternizadas em detrimento de outras. Para tal, é necessário que a branquitude se coloque no centro das discussões raciais e reconheça essas manifestações de identidades e cosmovisões não-hegemônicas, não como objeto ou categoria subalterna da sua identidade soberana, mas sim como uma expressão legítima de uma humanidade heterogênea, mas igualmente capaz de pautar suas subjetividades sem a necessidade de um administrador onipotente.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão social do trabalho*. Editora Abril. 1979. (Coleção Os Pensadores) p. 40 – 41.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo, 1995, “Racismo e Anti-racismo no Brasil”, Novos Estudos CEBRAP,



Natalia Lami Zanettini

No começo da disciplina quando nos foi proposto a elaboração dos textos “Racismo no Brasil” e “O em mim reflete meu ancestrais”, apresentávamos ideias do senso comum em nossos textos.

A partir da seguinte aula depois da proposta de elaboração desses textos e bem como nas aulas que discorreram o quadrimestre da disciplina, passamos a compreender e a vivenciar através de vídeos, discussões em grupos, seminários e comentários de alunos de cor de pele negra participantes da disciplina como é sofrer uma situação que se dá pelo racismo.

E isso me fez questionar como por muitos anos estamos tolerando este tipo de violência e esta disciplina me fez enxaguar que o quanto precisamos mudar nossas atitudes com as pessoas com que convivemos em nossa sociedade.

Além do que foi descrito no parágrafo anterior, a disciplina de estudos étnicos raciais abordou e tratou conceitos poucos conhecidos, como deconolialidade, eugenia, diáspora africana, aculturação, efeito lucifer, aculturação.

Alguns outros conceitos como etnocentrismo e eurocentrismo, já era um pouco mais familiar, porém foi estudado de forma geral nas aulas de história do ensino fundamental e ensino médio na visão do europeu ou de uma pessoa de cor de pele branca. Nesta disciplina estudamos estes conceitos de forma mais detalhada e numa visão mais realista de um dia a dia de uma pessoa de pele negra.

Discutir raça x étnica foi bem relevante para todos nos alunos, pelo fato de poder explicar a diferença do conceito raça (traço biológico) e do conceito etnia (grupo cultural). Agora não podemos mais denominar uma pessoa por um conceito errado. A



forma correta de se falar é que somos mamíferos da raça Homo sapiens (seres humanos) de diferente etnia.

Dessa maneira temos que entender que quando rebaixamos uma pessoa por ela ter uma cultura diferente da nossa, um tipo de cabelo, uma cor de pele diferente, uma religião diferente, estão fazendo um processo de desumanização de uma pessoa. Isto não pode ocorrer, de modo que todos são livres e a sociedade não deve impor conceitos que as denigrem.

Como sou formada em licenciatura e bacharel em Química, quis sair um pouco das ciências exatas e me aventurar um pouco pela ciência humana. E a minha expectativa com esta disciplina era isso.

Mas não posso dizer que superei minhas expectativas com esta disciplina, aprendi muito mais do que eu esperava, consegui entender mais o universo das pessoas de pele de cor negra que sofrem racismo, o porquê de elas serem tão humilhadas e desumanizadas por pessoas de cor de pele branca.

E digo que com o que aprendi nesta disciplina de estudo étnico racial, quero poder mostrar para a nossa sociedade o quanto estamos sendo errados em julgar as pessoas, começar a fazer mesmo que seja de maneira gradual a mudança de pensamento das pessoas.

Atualmente nossa sociedade está cada vez mais dando passos para trás e ficando retrograda no que se diz a respeito de aceitar as diferenças e que não devemos ter um padrão de beleza, de cor e entre outros.

Uma visão minha como professora, é de que todos os graus de escolaridade deveriam ter disciplinas como estas. Sei que é muito difícil, porém se os cursos de formação de professora tivessem este tipo de disciplina, já seria um começo e ao longo dos anos, estes professores formados nestes cursos poderiam fazer uma abordagem em suas aulas.



Fica aqui meu agradecimento aos meus colegas de disciplina, pelas discussões em classe, por suas diferentes opiniões, por seus comentários e experiências vivenciadas no seu dia a dia e compartilhada em aula. A Professora Dra. Ruth, por compartilhar seus conhecimentos, suas opiniões e poder nos ensinar mais sobre assunto poucos conhecidos sobre o racismo.

E agradeço também a Universidade Federal do ABC (UFABC) por liberar esta disciplina para alunos não vinculados a universidade e dar a oportunidade para eles adquirirem mais conhecimento nesta área e pode fazer com que eles possam ajudar a melhorar a sociedade em que vivemos com este conteúdo aprendido na disciplina de Estudos Étnicos Raciais.



Patricia Cassiolato Tufanetto

Meu projeto pessoal decolonialista, ou o baiacu e os peixe-espada

Olha, já escrevi muita redação, já redigi muito texto difícil (como a minha tese), mas esse é, sem dúvidas, um dos mais difíceis de escrever. Como exprimir em palavras a profunda mudança provocada em mim por todas as reflexões que tivemos em sala de aula? Como expressar a profusão de sentimentos que explodiam quando compartilhávamos nossas experiências, naquele espaço que se tornou tão acolhedor e seguro ao longo do período letivo? Sei lá, acho que não tenho capacidade para tudo isso não. Mas prometo tentar e, talvez, a melhor maneira seja começar pelo começo – começo mesmo, antes até do início do período letivo. Em 10 de agosto de 2018 eu defendi meu doutorado, depois de trancar um quadrimestre e prorrogar a defesa por um mês, com um atraso total de 5 meses, e me sentindo um fracasso total. E essa sensação de fracasso estava muito vinculada ao fato de eu ter percebido, muito tardiamente, o quanto o meio acadêmico é arrogante, o quanto muitos doutores se sentem superiores aos demais, e a percepção de que muito do conhecimento produzido nas universidades permanecia fechado nesse ambiente, não sendo acessado pela maior parte da população. Isso pode ser facilmente constatado ao observar a crescente resistência da população a iniciativas de vacinação, a pressão para liberação da fosfoetanolamina, e adesão a teorias pseudocientíficas como design inteligente e terraplanismo. Essa desinformação tem crescido da população como resposta ao elitismo das universidades, que não se preocupam em dialogar com a comunidade de uma maneira acessível, que as pessoas entendam, bem como ao fracasso do sistema educacional, que tem um foco muito conteudista e abstrato, não se preocupando em ensinar aos alunos como aplicar esse conhecimento teórico no seu cotidiano de forma a atuar para melhorar a qualidade de vida de sua comunidade. Ao perceber tudo isso, senti que de nada valeria meu título de doutorado se eu não fosse capaz de atuar para mudar essa realidade. Sendo assim, decidi que a educação era o caminho e, por isso, resolvi voltar para a graduação para obter o grau de licenciada em ciências biológicas e matemática para então poder atuar como professora. E foi assim que no início do primeiro período letivo de 2019 eu me



matriculei na disciplina de estudos étnico-raciais, obrigatória para a licenciatura em matemática. Eu estava muito ansiosa por essa disciplina, pois vinha sentindo muita dificuldade em lidar com o clima de polarização e intolerância (por ambas as partes) que vinha dominando o país desde as eleições. Como a professora descreveu muito bem posteriormente, vinha me sentindo como um baiacu – me sentia muito reativa a determinados discursos, e não sabia como lidar com isso de forma construtiva, ouvir pessoas com opiniões diferentes, entender o raciocínio e expor o meu sem “comprar briga”. Nos primeiros textos que elaboramos para a disciplina eu já comentava desse efeito baiacu, dessa dificuldade em conversar de forma construtiva com diferentes pontos de vista, habilidade essencial para um professor, e era essa a minha expectativa para essa disciplina. Dando um “spoiler” e me adiantando no assunto, posso dizer que a expectativa foi superada, e em muito. A disciplina forneceu uma visão psicológica e epistemológica (reflexão sobre a natureza, o conhecimento e suas relações entre o sujeito e o objeto) de diversos problemas encontrados por minorias no Brasil: racismo, misoginia, homofobia e desigualdade social. A compreensão de como diversos fatores sutis contribuem para que as pessoas assumam esse tipo de discurso e postura (sobre os quais eu falo mais no texto anterior), fez com que meu foco mudasse do indivíduo que reproduz esse discurso para as diversas estruturas socioeconômicas que são responsáveis pela manutenção e propagação dos mesmos. E, ao entender esse contexto e não “culpar” o indivíduo, eu pude finalmente ver como abordar o assunto de um jeito construtivo, expor meu ponto de vista com respeito e calma. Ou seja, a professora e todos os colegas que contribuíram para as discussões em sala de aula foram como os peixe-espada para o meu baiacu, permitindo que todas aquelas emoções fossem extravasadas e utilizadas de um jeito construtivo. E é por isso que agora me sinto mais capacitada para dar continuidade ao meu projeto pessoal decolonialista que, como comentei no começo, se centra na minha atuação como professora, trabalhando para que o conhecimento ao qual a UFABC me deu acesso nesses longos 10 anos de formação sejam acessíveis a cada vez mais pessoas. Afinal, a educação é capaz de mudar o mundo para melhor, como diriam Mandela e Mala, “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” e “uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo”.



E isso não se restringe a atuação como professora, mas está também no dia-a-dia, na conversa de boteco com colegas de trabalho, na conversa casual com pessoas quase invisíveis no nosso cotidiano, como os seguranças e o pessoal da manutenção e da limpeza, até mesmo na conversa de domingo com os familiares. Espero que daqui a alguns anos, algum aluno meu possa dizer que alguma disciplina que eu tenha ministrado tenha produzido o mesmo impacto nele que essa disciplina em mim, e que eu caminhe cada vez mais a me aproximar desse projeto pessoal, que nunca vai ter fim. O final dessa história, quem vai escrever serão os alunos dos alunos dos alunos dos meus alunos, num ciclo que, espero eu, seja eterno, com cada geração fazendo mais e melhor do que anterior.



Raphael Ramos da Silva

Meu primeiro pensamento após comparar os textos escritos antes e depois de cursar Estudos Étnico-Raciais foi de tornar a disciplina como obrigatória de todos os cursos de graduação oferecidos pela Universidade. Os temas e discussões em aula me fizeram sair da bolha social em que vivia, enxergando a realidade de outra forma e reconhecendo a importância da imparcialidade quando estudamos uma cultura diferente da nossa.

No primeiro texto, ao abordar a questão da ancestralidade, considerei que, por mais que a sociedade esteja em constante mudança, muitos costumes culturais são preservados geração a geração. Após as aulas, vi que essa ideia não se aplica a todas as culturas, e que a força do eurocentrismo interfere significativamente na história do Brasil que os livros didáticos abordam hoje.

Meu projeto decolonialista, generalizando o que já foi dito, visa incluir na grade do ensino básico conteúdos voltados para a questão étnica, mostrando a influência da cultura não europeia na formação da sociedade brasileira. Com esses parâmetros, conseguiremos desenvolver o senso crítico nas futuras gerações e transformar a sociedade em um espaço de inclusão.

A educação é a única ferramenta capaz de destruir a ignorância. Transformar a sala de aula em um ambiente plural e abrangente é de suma importância para garantir a representatividade das culturas marginalizadas. Trabalhar para que um indivíduo, desde sua infância, sempre veja o próximo como seu semelhante é um caminho que pode acabar não só com o racismo, mas também com diversos preconceitos que estão presentes na sociedade.

Essa tarefa não pode se limitar apenas no ambiente escolar. A família também precisa dar continuidade nessa desconstrução. A mídia também precisa perder sua essência eurocêntrica e representar todas as culturas nos filmes, novelas e series. Enquanto houver desigualdade por questões étnicas, devemos ampliar a abrangência



das políticas afirmativas que minimizam as diferenças e assim transformar a igualdade em equidade.

Vanessa da Silva Tanajura

Em relação ao meu texto inicial “O que de mim reflete meus ancestrais” ele é completamente superficial, já que nele falo sobre as minhas possíveis origens, baseada nas histórias dos meus pais, e compartilho um pouco sobre os meus gostos pessoais. Sobre as minhas origens, em teoria possuo alguma descendência italiana por parte materna do meu pai, mas como já disse até mesmo no texto do primeiro dia de aula, não vejo nada de europeu em mim. Entretanto, meu pai, quando entramos nessa discussão, fazia questão de lembrar dessa descendência, ignorava completamente que também possuo sangue baiano por parte paterna de seu pai. Tanto que se referia a essa descendência europeia como “Sangue azul”. Ou seja, apenas um lado da minha história era valorizado, enquanto que o outro lado, por não proporcionar glamour não merecia ser mensurada.

E justamente aí que entra a decolonialidade, ou seja, a necessidade do desvinculo dessa influência europeia no Brasil, já que esse tipo de hipervalorização do estrangeiro branco reflete em diferentes âmbitos, desde a visão social até instituições escolares, já que o branco europeu é o provedor de todo o conhecimento e que hoje somos o que somos graças a eles. Tal ideia romântica deve ser destituída da sociedade por meio do crescimento dessa ideia decolonial, que aos poucos é aplicada na nossa sociedade.

Logo, um dos meus primeiros passos para lidar com essa problemática foi justamente conversar com o meu pai, mostrar para ele como somos induzidamente criados para pensar que o padrão europeu é o melhor. Alguns dos argumentos que utilizei foi a história embranquecida do Egito e o roubo de ideias por parte dos



européus quando entraram em contato com outras civilizações. Com o tempo, meu pai conseguiu entender o significado do seu antigo discurso.

Portanto, acredito que esse é o meu papel para lidar com essas problemáticas, ou seja, dialogar e apresentar argumentos para tentar modificar essas ideias enraizadas desde cedo. E em especial em relação ao preconceito racial, acredito que meu papel além de tudo deve ser de escutar e saber o meu local de fala, que não é o meu caso, bastando para eu apenas apoiá-los sempre que possível, seja, por exemplo, por meio de votações públicas. Logo, com essas medidas espero conseguir mudar os pensamentos de mais pessoas como do meu pai.



Vinicius Bueno de Moraes

Minha visão.

Ao iniciar o curso de Estudos Étnico-Raciais sofri um tremendo choque. Por pensar saber um tanto sobre a parte sociológica e histórica do racismo no Brasil, me vi extasiado com a abordagem diferenciada, mais do que analisar o simples fato me foi mostrado a importância de entender os processos que dão origem aos preconceitos, como se faz a manutenção dos mesmos, se são realmente pautados principalmente na índole do indivíduo e como fazer para combatê-los. A importância de não só observar os comportamentos preconceituosos nos outros indivíduos mas também do autoconhecimento, se desconstruir. Está justamente aí o que eu vejo como o meu papel dentro da mudança de panorama, desconstruir sempre, não só para mim mas também a aqueles que eu consigo alcançar, não participo ativamente de movimentos de qualquer natureza, o que talvez exclua minha participação como agente político atuante, porém discutir ideias dentro de nossos círculos sociais é algo mais presente do que nunca, a atual situação política que nos cerca é uma ótima oportunidade para trazermos para dentro de nossas comunidades diversas ideias que não teriam sido levadas em consideração, mesmo que carregadas com a nossa “visão”.

Logo, para mudar nossa organização precisamos primeiro explicitar todos os agentes e suas interações sobre determinado evento, como no caso do preconceito aos negros, saber como surgiu, como se mantém e como se combate é essencial, dar a voz independente de onde se escuta e abrir possibilidade de participação política a aqueles que antes eram reprimidos. Isto permite o surgimento de atos como a Lei nº10.639/2003, que estabelece no conteúdo programático da educação brasileira o estudo sobre a história, situação e participação dos negros e africanos no Brasil, é justamente essa lei que incluiu a disciplina de

Estudos Étnico-Raciais na grade de nossa faculdade. Temos um ótimo exemplo de educação decolonial logo aqui, nós. Os alunos que cursaram essa matéria que



apenas existe por causa da luta de uma classe a fim de ser finalmente ouvida pela sociedade. Chegou a nós apenas agora no ensino superior porém não deixa de ser uma conquista extremamente importante que deve ser estendida principalmente ao ensino básico, onde pode-se apresentar diversos panoramas que ajudem a desestabilizar esse eixo colonial que ainda pauta nossa sociedade, para que através desses indivíduos adquirimos uma característica finalmente brasileira, livre de preconceitos que nos formaram, mas hoje não podem ser mais aceitos de modo algum por aqueles que se consideram verdadeiramente brasileiros.



Wellington Araujo da Silva

O Processo de desconstrução é um exercício diário e contínuo em busca do entendimento da nossa história, das relações sociais e de poder, e dos impactos desses fatores na nossa sociedade. Crescemos acreditando naquilo que nos é ensinado, naquilo que ouvimos e vemos ao nosso redor, e, até certa idade, é difícil desenvolver uma visão própria e singular, que fuja daquilo que fomos instruídos a acreditar. Vivendo em uma sociedade baseada no eurocentrismo, com ideais europeus sendo estimulados a todo momento, crescemos acreditando que o certo, o bonito, o legal e o prazeroso é tudo aquilo que advém dessa cultura, até mesmo quando nossos próprios ancestrais não advêm dela.

A falta de conhecimento sobre a própria história e sobre a própria origem nos faz aceitar de maneira inquestionável tudo aquilo que nos é imposto. Eu, como homem negro, nunca conheci a fundo a cultura afro brasileira, não conheço a fundo a história do povo negro no Brasil, os poucos ídolos negros que tenho são aqueles que, por um destaque muito grande, também são idolatrados pela cultura européia, ou seja, precisaram ser “validados” pela cultura branca para que eu pudesse reconhecer seu valor.

Todos esses fatores me influenciaram de maneira inconsciente durante meu desenvolvimento como pessoa. E hoje vejo a importância de se incentivar o conhecimento cultural e pessoal desde a infância. É importante que se discuta diversas culturas na escola, é importante que seja abordada, de maneira correta e esclarecedora, a história dos diferentes povos que constitui o Brasil hoje, é importante que se valorize costumes, crenças e personalidade de diferentes etnias, para que possamos crescer com um amplo repertório social e cultural, que nos permita construir uma sociedade mais múltipla social e culturalmente.



Mesmo com a falta dessa amplitude cultural durante a infância e a adolescência, é meu papel como agente ativo da sociedade o entendimento e conhecimento da minha origem e da minha história. Apenas com conhecimento e reflexão sobre mim mesmo, é que posso agir, de maneira cautelosa, como agente transformador da sociedade, reeducando discursos de ódio, minimizando a reprodução de estereótipos e quebrando paradigmas sobre o negro num país racista como o Brasil. Esse processo de reeducação da sociedade é lento, e se torna mais difícil quando grandes personalidades do país, com forte poder de influência, vai contra essa luta e incentiva discursos de ódio, segregação e minimiza a luta por igualdade como se não fosse algo importante na nossa sociedade.

Dessa maneira, é fundamental que independente da etnia, das origens e das culturas, continuemos a resistir e conquistar o espaço social que nos cabe, respeitando as diferenças, reeducando, através do diálogo e de ações pacíficas, a parcela da sociedade que, por ignorância ou perversidade, ainda reproduz discursos e atitudes que fazem do Brasil um dos países mais racistas



Autoria Anônima δ

No início do curso tinha uma ideia geral da importância de descobrir minhas raízes, apesar de ter conhecimento apenas dos meus avós e ter convivido com eles por toda minha infância, exceto meu avô materno que descobri a pouco tempo que outros filhos e que minha avó não era sua mulher, minha família aumentou muito nos últimos 4 meses. Como já tinha comentado no texto inicial a cultura da minha cidade tem muita influência de outros lugares, então não faço ideia do que genuinamente é nosso, somente na alimentação que guardo as lembranças da infância das minhas frutas favoritas que são pouco conhecidas aqui no sudeste. Quando ouvia falar de racismo, sempre me vinha na mente o preconceito com os negros, não ligava isso também a outras etnias que sofrem julgamentos pelos estereótipos criados da sua cultura. Não que falar novamente de todos os conceitos que aprendi no curso, já existe outro texto sobre eles, mas ter olhar diferente sobre o que nos é apresentado e analisar o que realmente é verdadeiro nisso. Acredito que a semente da dúvida foi o maior legado que o curso pode ter deixado, não aceitarmos os fatos sem analisar antes, sem saber quem publicou, sem olhar por todos os lados da história (ou pelo menos alguns deles). Isso não vou levar somente para meu âmbito social (família, amigos, colegas), mas também para a sala de aula, buscando novos viés ao ensino de matemática, trabalhando ainda mais com as possibilidades da etnomatemática e da história da matemática, que nos permite pesquisar outras construções da matemática que podem aproximar esse conhecimento dos alunos, muito mais do que os métodos que temos perpetuado durante toda a vida, isso possibilita a valorização dos conhecimentos que eles já tem. Há muitas possibilidades de atuação desde gerar discussões no círculo social; a organizar debates mais abertos; a presentear com livros que fazem parte/impulsionam o projeto decolonialista; a levar esses temas para a sala de aula para escola, realizar feiras, levando as histórias dos alunos para sala; buscar novas fontes para pesquisas acadêmicas, valorizando as ciências produzidas em outros países fora da Europa e EUA. Enfim possibilidades não faltam, acredito que o principal é continuar pesquisando sobre e encontrando formas genuínas de incluir esse projeto nas relações diárias.



Considerações Finais

Um quadrimestre é capaz de causar que tipo de transformação? Sabe-se que todos nós, como indivíduos que somos, temos um repertório único, de experiências, oriundas de nosso convívio social e que o racismo é tema velado em nossa sociedade. Portanto, os textos aqui compartilhados, são frutos de um processo de desconstrução que, ousado dizer, que apenas começaram, em cada um, a partir de todos os que dessa disciplina fizeram parte.

Como professora de história, não posso deixar de sinalizar que lembrar e esquecer são atos políticos e que estamos atravessando um momento de nossa história em que colocar essa disciplina na licenciatura de matemática é sim, fazer história.

A Lei 10.639/03- 11.645/08 embora tenha 15 anos, não chegou na educação básica, os relatos dos estudantes evidenciam, que o ponto comum em suas trajetórias como cidadãos e agora, universitários, futuros professores, foi o de conhecer a partir da escuta qualificada que somos um país que esconde seu passado indígena e africano.

Eu, também fui conhecer o racismo na universidade e tal descoberta me mudou como indivíduo, como professora e me conduziu à pesquisa acadêmica. Lembro-me em 1998, quando descobri jornais da Imprensa Negra, em São Paulo, Campinas. Uma época em que os acervos ainda não estavam digitalizados, a internet era ainda discada. Foi lá, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade eu, com um laptop, muita vontade e microfiches, ia e vinha, lendo colunas de jornais repletas da produção de intelectuais negros, que no imediato pós-abolição, mostravam como, através de redes, agremiações, organizações próprias valorizavam a educação e apoiavam se



vislumbrando a verdadeira abolição. Nessa busca pela abolição em papel e tinta, quis conhecer pessoas que pudessem com sua voz me apresentar a concretude dessa luta tão antiga e tão viva. Conheci por telefone e e-mail o querido Professor Henrique Cunha Junior, que me colocou em contato com seu padrinho: Oswaldo de Camargo, quanta descoberta a partir dos livros, materiais e conversas dessa dupla de gigantes. A monografia da Graduação, hoje amarelada e com tantos problemas conceituais que identifico como alguém distante duas décadas daquela produção.

Fui da primeira turma que teve História da África na graduação, no último semestre, corrido, mas, foi uma africana de Tanger que me ensinou a aprender. Não parei, apaixonada por Menelik, amante da capoeira e professora inconformada com a forma como a população negra e indígena era retratada em materiais didáticos; vibrei com a promulgação da Lei 10.639/03 e dediquei-me a produzir materiais que conectassem diferentes linguagens para compreender a famigerada identidade nacional brasileira e todas as suas fissuras e problemas enquanto discurso generalizante.

Ao adentrar à PUC, o cronograma apertado ao qual a gente se ajusta, dentro da bolsa, um mundo a ser descoberto, um prazo curto. Não consegui perseguir como gostaria a trajetória dos intelectuais negros do final do XIX e início do XX, nem compreender como a escola dita pública e republicana incluiu excluindo a população negra. Tive de conter meu recorte à geografia valeparaibana e obtive como saldo, o entendimento de um pouco da gênese da escola pública paulista, elitista e improvisada, hoje adicionaria às essas características o racismo estrutural.

Essa identidade nacional, que nega o racismo e insiste em uma democracia tão frágil e às vezes obscena como diz Mário Sérgio Cortella, me levou a estudar o futebol. Se, todo mundo diz que ele é elemento de coesão nacional, podemos dizer que ele é um excelente termômetro de como nossa sociedade é racista e sexista. O Brasil é sim o país do futebol! Masculino, de campo e não-negro. O futebol feminino sobrevive como não profissional, carente de recursos e de visibilidade. Os futebóis amadores, varzeanos e tantos outros não são vistos com o *glamour* do



esporte bretão original. E o jogador negro? Não é preciso muito esforço para verificar o quão as alcunhas que recaem sobre eles são racistas (tziu, pelé, grafite, não é preciso ser um torcedor dos mais atentos para lembrar algum caso emblemático envolvendo racismo e futebol: banana jogada dentro do campo, emissão de sons de macaco dentre tantos casos. Como disse em entrevista o jogador Tinga:

Eu queria não ganhar todos os títulos da minha carreira e ganhar o título contra o preconceito contra esses atos racistas”, disse. “Infelizmente, aconteceu. Joguei vários anos na Alemanha e isso nunca aconteceu. Agora, em um país vizinho ao nosso, onde existem pessoas iguais a mim, acontece isso. Por mim, eu deixaria de ganhar qualquer título para que não houvesse mais desigualdade”.¹²

À frente do Curso de Pós Graduação em Cultura Popular Brasileira por quase dez anos, vi, mestres populares queixarem se de sua arte e devoção serem apropriadas pelos outros por motivações meramente celebrativas e em efemérides, como “o mês do folclore”, “o dia da consciência negra”, dentre outros em que se torna esses brasileiros também parte do Brasil, como cereja de bolo, enfeitando o bolo a ser devorado.

Foi assim, que do futebol, fui me aproximando cada vez mais do jongo, da capoeira e venho fazendo aquilo que Alessandro Portelli chama de arte de escutar e assim aprender.

Quando no segundo semestre de 2018, cheguei à UFABC, animada com a notícia de que a disciplina de Educação Étnico Racial seria ofertada, vibrei e imaginei que iria participar como alguém que fala, até porque gosto de falar. Mas, fui convidada a escutar, ou melhor, ler, ler as experiências e ver as transformações que estavam em

¹² <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/tinga-feitico-e-o-racismo-no-futebol/> Acesso em maio de 2019.



processo. Semanalmente, eu sabia, que tal quadro, tal filme, tal documentário, tal experimento havia sido debatido. As reações individuais e do grupo chegavam a mim como relato até finalmente poder acessar às produções. Gratidão por, ao organizar essa coletânea, poder identificar de forma qualitativa tantos resultados e arrumar mais força para continuar defendendo a educação das relações étnico raciais, mesmo em tempos estranhos onde o mais alto cargo do executivo, afirma que o racismo no Brasil é coisa rara.¹³

Tive a oportunidade de ministrar a disciplina Relações Étnico Raciais e Cultura Afro-brasileira no Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo em três turmas, durante o período de 2015-2017. Foi a primeira vez que a disciplina foi ofertada, e a empreitada foi sucesso com apoio dos companheiros e companheiras do NEAB. Lá, desenvolvi as 36 horas em duas partes, sendo a primeira pautada por aulas expositivas dialogadas e a outra metade, solicitando que em grupo, fosse desenvolvido algum material que relacionasse duas ou mais unidades curriculares do Bacharelado em Ciência e Tecnologia (cálculo de uma variável, biologia geral, química geral, lógica de programação e Ciência, tecnologia e sociedade) aos referenciais teóricos que haviam sido discutidos à luz da história, antropologia e sociologia. Foram muitas as ideias que deixariam qualquer corpo docente universitário que não sabe por onde começar a abordar o assunto do racismo estrutural munido de ferramentas! A parte mais difícil relatada pelo grupo era a de produzir um texto de auto avaliação onde teriam de expor um aprendizado conceitual, procedimental e um atitudinal.

¹³ <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/racismo-no-brasil-e-uma-coisa-rara-diz-bolsonaro-a-luciana-gimenez/> Acesso em maio de 2019.



Portanto, Ruth e Zuleika, se juntaram para sistematizar esse percurso formativo dialógico vivenciado no 1.º quadrimestre/2019 na Licenciatura de Matemática da UFABC.

Nas versões iniciais, lembrei-me de quando, na educação básica, as atividades de história sugerem a construção de uma árvore genealógica. Há mais de vinte anos na educação básica, vejo todo ano, uma facilidade em reforçar a descendência europeia, mesmo que essa seja distante e pautada em ucronias. Não foi diferente o quadro, ao ler os primeiros textos produzidos no início da disciplina. O que isso é capaz de nos revelar? Que não estamos em paz com nosso passado, que não sabemos sobre ele e que nosso presente é reflexo de histórias escritas por europeus, sob óptica eurocêntrica e que nossa ancestralidade indígena e africana causa um incômodo com o qual não sabemos lidar. Noto que no censo de 1986 o grande caldeirão de cores expressava essa dificuldade de lidar com nossa mestiçagem e que hoje, quando os dados do IBGE demonstram que a maioria da nossa população é negra (soma de pardos e pretos) esse processo não tem a ver somente com a adoção de critério objetivo em formulários onde temos apenas cinco opções para assinalar: branco, preto, pardo, indígena, amarelo); mas, com o processo de conhecimento de nossa própria história, de reconhecimento de nossas identidades e do empoderamento pela representatividade, pela legitimidade de ocupar diferentes espaços (sendo a universidade um deles), que causa espanto e que tem incomodado setores que definem minimizando esse processo a vitimismo, privilégio e “mimimi”.

Não há como resolver o problema que se nega. Portanto, os textos produzidos sobre racismo e globalização, denotam que o racismo se manifesta de diferentes formas no espaço e no tempo, nem sempre com essa roupagem que se mostra agressivo e excludente. São eufemismos, a crença na meritocracia como solução. A falta do letramento racial crítico e da discussão sobre a branquitude e seus privilégios, não permite a decolonização de saberes e de comportamentos.

Traçar uma trilha formativa do que significou esse quadrimestre, não poderia ser uma tarefa linear, nem evolutiva, nem muito menos centrada no docente. Como



alguém que observou de fora o processo, identifiquei diferentes pontos de partida, sendo portanto plurais os resultados, que não podem ser aferidos como sendo maior ou menor para uns e outros, mas, como diferentes, singulares.

Nessa trajetória, alguns disparadores do debate foram via mediação docente e o efeito prolongado, deu se em outros espaços e inclusive trazendo outros interlocutores. Como por exemplo: Rincon Sapiência (Ponta de Lança), Chimamanda Ngozi Adichie (O perigo de uma história única), Joel Zito de Araújo (A negação do Brasil); Richard Attenborough (Um grito de liberdade), com música, documentários, filmes e palestras que foram mencionadas nas produções textuais. Com base nesses percursos plurais, identificou-se conceitos e teóricos que balizaram os textos dando origem a um glossário, com o intuito de tornar a experiência aqui compartilhada ainda mais rica para que os leitores tivessem acesso ao que esses universitários e universitárias utilizaram como repertório construído e ou ampliado em suas trajetórias decoloniais.

Poderia destacar vários pontos nas produções textuais dos coautores deste livro, em seus percursos individuais e coletivos. Porém, como síntese verificou-se que a educação das relações étnico raciais deve iniciar na educação básica, o quanto antes, isso nos tornaria pessoas melhores conosco mesmo e com os outros, aprendendo a viver a diferença e não na diferença. Como um deles fez analogia da disciplina como ferramenta, amplio o exemplo para caixa de ferramenta. Penso que cada um ao falar e ao ser ouvido, mostrou uma ferramenta, moldada à sua própria história e trajetória como pessoa e futuro professor. Deixando seu ponto de vista quanto à sua origem, sua identidade, questões de gênero, de classe, experiências de fluxo migratório, de aceitação, de exclusão em diferentes circunstâncias. Cada ferramenta, possui uma finalidade, um parafuso precisa de uma chave correta para não espanar, é assim na vida, saber qual ferramenta usar, no momento certo é uma necessidade. Uma caixa de ferramentas completa, é pesada, às vezes pode parecer desnecessária, mas, é a ferramenta correta que permite os ajustes e reparações para que as engrenagens funcionem, não para oprimir, mas para libertar, na perspectiva freireana de educação.



O racismo estrutural existe desarmá-lo e enfrenta-lo requer um ferramental que tem como principais pré-requisitos: 1) o reconhecimento de que a identidade e a diferença são construções sociais, são relacionais e requerem exercício de alteridade; 2) o reconhecimento de privilégios da branquitude que -não podem ser “naturalizados”, mas necessitam ser historicizados; 3) o reconhecimento de que a luta antirracista é para todos e todas, em especial aqueles que assumem salas de aula, pois o que se ensina, como se ensina, para quem se ensina, passa necessariamente por seleções que não são neutras e que se conectam com o epistemicídio e o encarceramento quando não de corpos, os de sonho, que matam diariamente por dentro e por fora.

O que é a Universidade se não o espaço da diversidade? Para que de fato ela ganhe esse sentido é preciso romper com sua história de templo do saber para local de construção do saber. A ciência é pois todos conhecimento acumulado da sociedade e não há hierarquia entre os saberes. A articulação entre saberes populares e acadêmicos é vital para que a função social da pesquisa seja disseminada transformando nossa sociedade de modo que direitos não sejam erroneamente interpretados como privilégios e que políticas públicas sejam pensadas a partir de demandas reais.



Glossário

Abolição: Ato de abolir alguma coisa. No caso da escravidão, o ato de extinguir esse sistema de trabalho. Ele podia acontecer ou por meio de um movimento revolucionário, como no Haiti, ou por meio de uma norma jurídica, como no Brasil. A abolição no Brasil efetivou-se em 13 de maio de 1888, por ato da princesa Isabel, que exercita no momento as funções de Regente do Império. O Brasil foi na última nação cristã do mundo a abolir o sistema escravo de trabalho pela chamada Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel. (MOURA, 2013)

ABPN- Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as é uma associação civil, sem fins lucrativos, filantrópica, assistencial, cultural, científica e independente, tendo por finalidade o ensino, pesquisa e extensão acadêmico-científica sobre temas de interesse das populações negras do Brasil. I - Congregar os Pesquisadores Negros Brasileiros; II - Congregar os Pesquisadores que trabalham com temas de interesse direto das populações negras no Brasil; III - Assistir e defender os interesses da ABPN e dos sócios, perante os poderes públicos em geral ou entidades autárquicas; IV - Promover conferências, reuniões, cursos e debates no interesse da pesquisa sobre temas de interesse direto das populações negras no Brasil; V – Possibilitar publicações de teses, dissertações, artigos, revistas de interesse direto das populações negras no Brasil; VI – Manter intercâmbio com associações congêneres do país e do exterior; VII – Defender e zelar pela manutenção da Pesquisa com financiamento Público e dos Institutos de Pesquisa em Geral, propondo medidas para seu aprimoramento, fortalecimento e consolidação; VIII – Propor medidas para a política de ciência e tecnologia do País.

Aculturação- Modificação dos padrões culturais de um indivíduo ou grupo, pelo contato direto e contínuo com padrões diferentes. A massa dos escravos africanos não foi totalmente aculturada em sua experiência nas Américas. De modo geral, esses



imigrantes forçados vivenciaram experiências que lhes permitiram cooperar para a formação de novos costumes e tradições, com base em sua herança africana e nela enraizados. Esse processo, como acentuam Franklin e Moss Jr, variou muito; em alguns lugares, eles tiveram de aceitar a cultura ocidental; reinterpretando-a, como no caso dos *black churches**, nos Estados Unidos; em outros, eles puderam transplantar seu modo de vida africano, quase sem adaptações, tal qual ocorreu nos quilombos, em comunidades de marrons ou em sociedades secretas como o *abakuá* cubano. (LOPES, 2011)

Afrodescendente- Termo modernamente usado no Brasil para designar o indivíduo descendente de africanos, com qualquer grau de mestiçagem, correspondendo ao *African-American* dos estadunidenses. De feição principalmente ideológica, já que sua adoção se insere no âmbito das reparações reivindicadas pelos movimentos negros, o termo só é aplicável aos descendentes das vítimas diretas ou indiretas do escravismo dos séculos XVI a XIX. Assim, não tem sentido sua extensão a descendentes brasileiros de imigrantes norte-africanos chegados ao Brasil já durante a República, conforme reivindicado alhures. (LOPES, 2011)

Albert Bandura- Nasceu em 04/12/1925 na cidade de Mundare ao norte de Alberta, no Canadá. Graduado em Psicologia pela University of British Columbia em 1949. cursou o doutorado na universidade do estado de Iowa e concluiu em 1952. Durante o doutorado, Bandura foi influenciado pelo behaviorismo e pela teoria da aprendizagem. Em 1953, começou a lecionar na universidade de Stanford. No início da década de 1960, Bandura propôs a teoria da Aprendizagem social, essa teoria recebeu outra denominação em 1986 para teoria cognitiva social. Essa teoria aborda o conceito de modelagem e é representada pelas pessoas que podem aprender através da imitação do comportamento dos outros indivíduos. Foi eleito para a Ordem do Canadá, a maior honra para realizações nacionais distinguidas, a Academia Nacional de Medicina e a Medalha Nacional de Ciências, o prêmio científico mais prestigiado nos Estados Unidos, concedido pelo presidente Obama. <http://metacognicao.com.br/wp-content/uploads/2018/03/Albert-Bandura-biografia.pdf>



Alexander Sutherland Neill- Nasceu em Forfar, Escócia, em 1883. Ele era filho de um mestre-escola, homem puritano que regravava sua classe com um bastão de ferro. Neill não realizou o curso secundário no período regular, como os seus irmãos. O educador era tímido e não gostava muito dos livros, adorava trabalhar com as mãos. Neill foi diretor de uma escola primária ao sul da Escócia onde começou a aplicar seus preceitos libertários. Deu aulas em King's Alfred, uma escola londrina considerada progressista, mas não pode realizar grandes transformações. No ano de 1921, fundou a International School. Os problemas do pós – guerra fez com que a instituição mudasse de sede diversas vezes, até fixar-se num casarão de estilo vitoriano em Leiston, no condado de Suffolk, a 160 km da capital britânica. O educador concretizou um sistema educativo em que o importante é a criança ter liberdade para escolher e decidir o que aprender e, com base nisso, desenvolver-se no próprio ritmo. <https://www.pedagogia.com.br/biografia/alexander.php>

Alteridade- Segundo a enciclopédia Larousse (1998), alteridade é um “Estado, qualidades daquilo que é outro, distinto (antônimo de Identidade). Conceito da filosofia e psicologia: relação de oposição entre o sujeito pensante (o eu) e o objeto pensado (o não eu).”

Ancestralidade (Ancestral)- Antepassado; ascendente, do bisavô para trás. Para africano, o ancestral é importante e venerado porque deixa uma herança espiritual sobre a Terra, contribuindo assim para a evolução da comunidade ao longo de sua existência. Ele atesta o poder do indivíduo e é tomado como exemplo não apenas para que suas ações sejam imitadas, mas para que cada um de seus descendentes assumam com igual consciência suas responsabilidades. Por força da herança espiritual, o ancestral assegura tanto a estabilidade e a solidariedade do grupo no tempo como sua coesão no espaço. O culto aos ancestrais (míticos, reais e familiares) tem uma repercussão inestimável na estatuária e na escultura da tradição negro-africana, manifestações mais características da arte negra e em especial da arte dos povos bantos. A figura do ancestral é um símbolo que evoca seus atos; e a máscara ou estátua é o signo que manifesta sua presença espiritual entre os vivos. (LOPES, 2011)



Apartheid- Política de segregação racial instituída oficialmente pelo governo da África do Sul, em 1948, com o objetivo de criar condições diferenciadas de desenvolvimento aos vários grupos étnicos que compõem a nação sul-africana, e com evidente vantagem para as minorias brancas dominantes. Em 1994, depois da eleição de Nelson Mandela para a presidência da República, essa política foi finalmente abolida. (LOPES, 2011).

Black face- se refere à prática teatral de atores que se coloriam com o carvão de cortiça para representar personagens afro-americanos de forma exagerada, geralmente em minstrel shows norte-americanos.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Blackface>

Black is Beautiful- Espécie de divisa ou slogan do *Black Power*, movimento de afirmação política e cultural dos negros norte-americanos na década de 1960. (LOPES, 2011).

Branquitude- A palavra “branquitude”, é utilizada por vários autores, dentre eles, se destaca Lia Vainer Schucman, Trata-se de uma palavra que ainda não consta em dicionários. É um neologismo empregado em contraposição a negritude. O conceito de negritude foi forjado durante a luta anticolonialista dos povos africanos, no século XX, e utilizado, principalmente pelo poeta e político senegalês Léopold Sédar Senghor (1906 – 2001), para resgatar e exaltar as culturas, tradições e características identitárias da África, que haviam sido subjugadas pelo colonialismo. Já o conceito de branquitude, sem ser identificado por esse nome, começou a ser construído durante a expansão colonial europeia, a partir dos séculos XVI e XVII, mas principalmente no século XIX, para justificar ideologicamente a dominação, pelos europeus, das populações ancestrais da América, da África, da Ásia e da Oceania. Nesse processo, a identidade “branca”, definida pela cor da pele e outros traços fenotípicos, foi estabelecida como norma e padrão humano, sendo os outros grupos apresentados como marginais, desviantes ou inferiores. Para saber mais, acesse a entrevista: <http://agencia.fapesp.br/racismo-e-branquitude-na-sociedade-brasileira/20628/>



Carl Rogers- Carl Rogers foi um Psicólogo Humanista, que é mais conhecido por sua abordagem para o tratamento psicológico e sua crença no bem genuíno no indivíduo. Ele recebeu seu mestrado em psicologia pela Universidade de Columbia em 1928 e seu doutorado em 1931. Em 1942, ele serviu como o presidente da American Psychological Society. Suas obras mais respeitadas incluem *Terapia centrada no cliente*, e *Tornar-se pessoa*. Nestes livros, ele enfatizou o poder em uma atitude de não-julgamento e um respeito mútuo no tratamento de muitos dos problemas da vida. Ele acreditava que o cliente tem as respostas e o trabalho do terapeuta é levar o cliente na direção correta. Técnicas de avaliação e parecer do terapeuta não são tudo no tratamento de um cliente.
<https://psicoativo.com/2016/03/biografia-de-carl-rogers-resumo.html>

Carlos Moore- Escritor, pesquisador e cientista social dedicado ao registro da história e da cultura negra, é conhecido pela luta contra o racismo, pelo Pan-africanismo e por ter escrito a biografia autorizada de Fela Kuti (“Fela, Esta vida Puta”). Mudou-se para Nova Iorque aos 15 anos, no final dos anos cinquenta, onde conheceu Maya Angelou, que o ensinou justiça racial e o pensamento intelectual negro. Ao retornar para Cuba, aliou-se ao movimento revolucionário liderado por Fidel Castro. Ele concordava com os princípios revolucionários, mas discordava das autoridades sobre a discriminação racial persistente em Cuba. Deixa a ilha em 1963, rumo à França, onde conhece outros ativistas negros, como o senegalês Alioune Diop e o filósofo poeta da Martinica Aimé Césaire, passa a trabalhar como jornalista e inicia sua vida acadêmica. Recebeu título de Doutor em Etnologia, em 1979, e Doutorado em Ciências Humanas, em 1983, ambos pela Universidade de Paris-7. Entre 1984 e 2000 foi Professor Visitante na Universidade Internacional da Flórida (EUA), Universidade do Caribe (Trinidad-Tobago), e Universidade do Caribe Francês (Martinica e Guadalupe). Ao longo de sua carreira como militante, esteve ao lado de, além dos previamente citados, Malcolm X, Stokely Carmichael, Lelia Gonzalez, Walterio Carbonell, Abdias Nascimento, Harold Cruse, Alex Haley. Desde 2000 ele vive no Brasil com a família, aproveitando para escrever suas memórias e conhecer



mais da cultura latino-americana. <https://www.skoob.com.br/autor/14682-carlos-moore>

Capoeira- Técnica corporal de ataque e defesa desenvolvida no Brasil com base em fundamentos introduzidos por escravos bantos. Expressa-se por meio de uma simulação de dança, executada ao som de cânticos tradicionais conduzidos pelo berimbau de barriga e outros instrumentos de percussão. Seus inúmeros golpes e movimentos são executados com os pés, as pernas, as mãos e a cabeça. As modalidades principais da capoeira são: a angola, a mais tradicional e a regional, variante criada por Mestre Bimba, que mescla elementos de outras lutas. Nessa modalidade, em vez de malícia, da calma e da ritualística presentes na angola, estimula-se a competitividade, tornando-a um desporto, uma arte marcial. (LOPES,2011)

Candomblé- Nome pelo qual era conhecida, judicialmente, a “tralha”, os pertences, de um feiticeiro africano. 2. Culto africano às divindades africanas, os orixás. Hoje está espalhado por quase todo o Brasil, mas durante a escravidão foi religião dos escravos. Atualmente sua maior concentração encontra-se na Bahia, onde as casas de culto, muitas delas centenárias, conservam a tradição. Duas características desses cultos são a possessão pela divindade, isto é, a divindade se apossa do crente nos cultos negros, servindo-se dele como instrumento para comunicação com os mortais, e o caráter pessoal da divindade. A possessão pela divindade torna inconfundíveis os cultos de origem africana e se exerce não sobre todos os crentes, mas sobre alguns eleitos, especialmente do sexo feminino. No candomblé são inseparáveis o oráculo e o mensageiro, isto é, Ifá (oráculo) e Exu (mensageiro). (MOURA, 2013)

Chimamanda Ngozi Adichie- Nasceu em Enugu, na Nigéria, em 1977. Sua obra foi traduzida para mais de trinta línguas e apareceu em inúmeras publicações, entre elas a *New Yorker* e a *Granta*. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Orange Prize e o National Book Critics Circle Award. Vive entre a Nigéria e os Estados Unidos. <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02561>



Cotas- Trata-se de uma ação afirmativa, em 23 de março de 2003, foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial da Presidência da República (hoje extinta), na perspectiva de desenvolvimento de cotas social e racial. Combina com esse propósito o projeto de Lei 73/99 que dispõe sobre a reserva de vagas nas universidades públicas para alunos de escolas públicas, tendo também em conta o número de negros e indígenas nas unidades da federação. No mesmo sentido, é o Estatuto da Igualdade Racial, texto assinado por um grupo de trabalho interministerial coordenado pela Seppir e aprovado pelo Senado em 2010, prevendo: a) no mercado de trabalho: Empresas que se beneficiam de incentivos governamentais devem adotar programas de igualdade racial; b) Na saúde: o quesito cor/raça se torna obrigatório em todos os documentos do SUS; c) Nos meios de comunicação: a produção precisa valorizar a herança cultural e a participação dos afro-brasileiros na história do país. Filmes, programas e propagandas devem apresentar afro-brasileiros em proporção não inferior a 20%; d) Na educação: a disciplina História Geral da África e do negro no Brasil torna-se obrigatória no currículo das escolas de ensino fundamental e médio; e) Nas universidades: reserva 50% das vagas nas universidades federais para alunos que fizeram ensino médio em escolas públicas. Parte desses 50% será reservada a negros ou indígenas estudantes de escolas públicas. O percentual respeitará o índice dessas populações em cada Estado. (ALTAFIN, 2011)

Democracia Racial- Expressão sob a qual se aninha a falsa ideia da inexistência de racismo na sociedade brasileira. Construída com base na ideologia do luso tropicalismo, procura fazer crer que, graças a um escravismo brando que teria sido praticado pelos portugueses, as relações entre brancos e negros, no Brasil, seriam, em regra, cordiais. Essa falsa ideia tem se revelado o grande obstáculo à conscientização do povo negro e ao enfrentamento do preconceito etnoracial no país. (LOPES, 2011).

Decolonização- Identifica-se no processo histórico a criação de uma diferença epistemológica, estabelecendo-se a relação entre a dominação econômica, política e cultural e a dominação epistemológica, que se encarregou também de hierarquizar



saberes e negar a diversidade entre os povos. Essa hierarquização possui estruturas visíveis e invisíveis entre o norte (colonizador) e o sul (colonizado), sendo o primeiro a referência para o segundo, concebido como silenciado e oprimido. É na apropriação e na violência que se separa e esse hiato fica mais evidente no que concebemos como ciência e também no âmbito jurídico, levando a uma negação epistemológica aos saberes diversos, no caso brasileiro os conhecimentos oriundos das populações indígenas e africanas, sendo necessária a mudança de postura com exercício da auto-reflexividade para ampliação de novos horizontes epistemológicos Para saber mais: Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (Orgs.) (2009). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 532

Diáspora- Palavra de origem grega que significa “dispersão”. Designado, de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje aplica-se também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes. A Diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio escravo, ocasionou a dispersão de povos africanos tanto pelo Atlântico quanto pelo Oceano Índico e Mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV- quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levados, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a emigração. Sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo “diáspora” serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram. (LOPES, 2011).

Epistemicídio- é um conceito, elaborado pelo professor português Boaventura de Souza Santos, que trata da destruição de formas de conhecimento e culturas que não são assimiladas pela cultura do Ocidente branco. Segundo Grosfoguel, Descolonizar as estruturas de conhecimento da universidade ocidental vai requerer, entre outras coisas: 1. Reconhecimento do provincialismo e do racismo/sexismo epistêmico que constituem a estrutura fundamental resultante de um genocídio/epistemicídio implementado pelo projeto colonial e patriarcal do século XVI. 2. Rompimento com o



universalismo onde um (“uni”) decide pelos outros, a saber, a epistemologia ocidental.

3. Encaminhamento da diversidade epistêmica para o cânone do pensamento, criando o pluralismo de sentidos e conceitos, onde a conversação interepistêmica, entre muitas tradições epistemológicas, produz novas redefinições para velhos conceitos e cria novos conceitos plurais com “muitos decidindo por muitos” (pluri-verso), em lugar de “um definir pelos outros” (uni-verso). (GROSFOGUEL, 2016)

Estereótipo- Em sociologia, opinião ou preconceito resultante não de uma avaliação espontânea mas de julgamentos repetidos rotineiramente; resultado da atribuição, por suposição, de invariáveis características pessoais e de comportamento a todos os membros de determinado grupo étnico, nacional, religioso, etc. Através dos tempos, cunharam-se várias impressões estereotipadas, positivas e negativas, sobre os negros. O estereótipo do negro horrendo e animalesco começa a ser cunhado no século XVI, por cronistas como Gomes Eanes de Azurara, João de Barros, etc. Mesmo depois de Rousseau, o negro africano não vai ter, como o ameríndio, esse estereótipo atenuado pela imagem do “bom selvagem”, “hábeis dançarinos”, “amantes insaciáveis”, “malcheirosos” são outras dessas impressões. No Brasil, baseado em personagens popularizados pela literatura, João Carlos Rodrigues (1988) construiu uma galeria de tipos, entre os quais sobressaem a “mãe preta” – sofredora, bondosa, abnegada; o “negão” violento, bandido, estuprador; o “crioulo malandro” sagaz, esperto, vigarista, simpático; “a mulata boa” sensual, equivalente feminino do malandro; o “crioulo doido” – cachaceiro, engraçado, meio infantil; o “preto de alma branca” subserviente, dócil, conformado. Alguns focos “favoráveis” sob os quais os negros são vistos se revestem de uma positividade falsa, porque estereotipada. É o caso daquela visão que generaliza em relação aos africanos e seus descendentes traços como afetividade, doçura, fidelidade, imaginação fantasiosa, resistência física, resignação. (LOPES, 2011).

Etnia- Coletividade de indivíduos humanos com características somáticas semelhantes, que compartilham a mesma cultura e a mesma língua, além de identificarem-se como grupo distinto dos demais. O conceito difere daquele de “tribo”, termo com o qual se costuma, popular e erroneamente, designar qualquer sociedade



africana. Numa conceituação mais abrangente, Jean Jacques Chalifoux (citado por Mal-Lam Fouck, 1997) escreve: “um grupo social torna-se uma etnia quando os definidores de situação (migrantes, intelectuais, agentes, etc) assim o classificam e o impulsionam na cena pública sob essa denominação”. Dois ramos da antropologia, ciência que estuda a diversidade humana, se ocupam do estudo das etnias: a etnografia, que coleta e descreve informações; e a etnologia, que analisa esses dados, buscando uma conclusão explicativa. (LOPES, 2011)

Eurocentrismo- Atitude que toma a Europa como referencial de avaliação e julgamento dos outros continentes. (LOPES, 2011)

Fenótipo- Conjunto de caracteres que determinam a aparência visível de um indivíduo, em contraste com o genótipo, que é a constituição íntima e não visível, determinada pela herança genética. Um indivíduo fenotipicamente “branco” pode ser, geneticamente, negro. (LOPES, 2011)

Genética – Genoma- Denominação da constituição genética total de um indivíduo. A partir de 1985, com o Programa Genoma Humano, os estudos sobre esse ramo da ciência biológica ganharam amplitude, contribuindo, inclusive, para discussão sobre a questão racial. Em abril de 2001, depois de analisar trezentos cromossomos de pessoas da Suécia, Europa Central e Nigéria e observar semelhanças entre eles, uma equipe de cientistas norte-americanos, apresentava, em congresso da Organização do Genoma Humano, conclusão de pesquisa segundo a qual os europeus modernos descendem de cerca de uma centena de africanos que há 25 mil anos deixaram seu sítio de origem. Essa conclusão derrubaria a tese de que os humanos evoluíram, em grupos de origem distinta, simultaneamente na África, Europa e Ásia. (LOPES, 2011)

Genocídio- Segundo a Convenção das Nações Unidas para a Punição e Prevenção do Crime, Genocídio, considera-se como tal o delito cometido com a intenção de destruir, parcial ou totalmente, um grupo nacional, étnico ou religioso, mediante a prática de qualquer um dos seguintes atos: matar os membros do grupo;



causar-lhes danos físicos ou mentais graves; impor-lhes deliberadamente condições de vida que levem à destruição física, total ou parcial; empregar medidas com o objetivo de evitar nascimentos no seio do grupo; transferir a força crianças do grupo para outra comunidade. Com relação ao êxito de alguns procedimentos de extermínio de comunidades indígenas, contraposto ao insucesso de iniciativas semelhantes referentes aos negros, autores como Alexis de Tocqueville creditam a permanência do afrodescendente nas Américas à sua proximidade com o branco, descrevendo processos como os de osmose e catálise: “as duas raças” – escreveu sem que se confundam com isso. Para elas, é tão difícil viver completamente separadas quanto completamente unidas (conforme Wilson Martins, 1999). (LOPES, 2011).

Henrique Cunha Junior- Professor, escritor e militante negro brasileiro nascido em São Paulo em 1952. Formou-se em Engenharia Elétrica na USP e em Sociologia na UNESP de Araraquara. Mestre em História, cursou doutorado em Engenharia Elétrica na França. É Livre-docente pela Universidade de São Paulo e Professor Titular da Universidade Federal do Ceará, tendo também lecionado na USP. Filho do conhecido militante da causa negra Henrique Cunha, foi criado na militância dos movimentos negros. Dirigiu grupos de teatro amador na década de 1970 e foi membro do Grupo Congada, de São Carlos-SP. Participou da fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, tendo sido seu primeiro presidente.

Jongo- Dança afro-brasileira de motivação religiosa e caráter iniciático, praticada em roda por par ou solto ou por homens e mulheres indistintamente, ao som de tambores e chocalhos. Seus cânticos, chamados “pontos”, como na umbanda, constroem-se sobre as letras metafóricas de sentido enigmático ou em linguagem cifrada. Conhecido principalmente em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e originário talvez da região de Benguela, na atual Angola, seu nome origina-se, provavelmente, do umbundo *onjongo*, nome de uma dança dos ovimbundos. (LOPES, 2011)

Kabengele Munanga- Antropólogo nascido na atual República Democrática do Congo, em 1942, e naturalizado brasileiro em 1985. Professor do Departamento de



Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é autor, entre outras obras, de *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (1999) e organizador de *Superando o Racismo na escola* (2001), livro publicado pelo Ministério da Educação. “Kabengele”, seu nome de família, é, segundo a tradição banta, enunciado antes do prenome.

Ku Klux Klan- Organização terrorista de extrema direita, hoje clandestina, criada em Pulaski, Tennessee, estados Unidos, em 1865, com o objetivo de, por meio de violência e intimidação covardes, impedir que os negros exercessem seus direitos políticos naquele país. Sua atuação estendeu-se também à Cuba. No Brasil, se não um braço, pelo menos métodos da organização chegaram à região da atual cidade de Itapira (SP). Nesta cidade em fevereiro de 1888, o médico americano James Warne, o “Boi”, emigrado do Sul dos Estados Unidos em 1865, após a Guerra Civil, comandou cerca de duzentas pessoas em um linchamento de motivação racista. A vítima foi Joaquim Firmino de Araújo Cunha, delegado da cidade (então denominada Penha do Rio do Peixe), acusado de proteger escravos fugidos. Em 2002, nos Estados Unidos, a organização, que chegara a reunir 4 milhões de membros na década de 1920, contava com 5 mil integrantes. (LOPES, 2011)

Leia Abolicionistas e de combate ao Racismo- A campanha abolicionista e, depois, a luta contra o racismo no Brasil produziram, além dos âmbitos provinciais, estaduais e municipais, um amplo repertório de leis federais, expresso resumidamente nos textos a seguir anunciados, em ordem alfabética. **Lei Afonso Arinos:** Nome pelo qual é conhecida a Lei 1.390 de 3 de julho de 1951, incluindo entre as contravenções penais “os atos resultantes de preconceito de raça e cor”. Sua promulgação deveu-se à grande repercussão de um ato de discriminação racial cometido, em 1950, em um hotel de São Paulo, contra as artistas norte-americanas Katherine Dunham e Marian Anderson. Seu texto foi modificado pela lei n. 7437 de 20 de dezembro de 1985, sendo revogada pela Lei Caó. **Lei Áurea:** Nome pelo qual passou à posteridade a lei n. 3.353 de 13 de maio de 1888, que, com apenas um artigo, declarou extinta a escravidão no Brasil. **Lei Caó:** Nome pelo qual é conhecida a lei federal n. 7716 de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Lei Diogo**



Feijó: Nome pelo qual é conhecida a lei brasileira de 7 de novembro de 1831, que declarou livres todos os escravos vindos de fora do Império e impôs penas aos seus importadores. Diogo Antônio de Feijó era ministro da Justiça do Império à época de sua promulgação. **Lei do Ventre Livre:** Nome pelo qual é conhecida a lei federal brasileira de 28 de setembro de 1871, que declarou livres os filhos nascidos, a partir daquela data, de mulheres escravas. É também referida como Lei Rio Branco. **Lei dos Sexagenários:** Nome pelo qual é conhecida a lei n. 3.270 de 28 de setembro de 1885, que determinou que procedesse à matrícula dos escravos existentes em todo o Império do Brasil, excluindo-se os de mais de 60 anos. **Lei Eusébio de Queirós:** Nome pelo qual se tornou conhecida a lei n. 581 de 4 de setembro de 1850, que proibiu o tráfico de africanos para o Brasil. Durante sua vigência, entretanto, o tráfico interno de escravos permaneceu legal, até a Lei Áurea. Seu nome faz referência ao ministro da justiça da época da promulgação. **Lei Saraiva Cotegipe:** Nome pelo qual também foi referida a Lei dos Sexagenários. José Antônio Saraiva, o Barão de Cotegipe foram conselheiros do Império que estiveram envolvidos em sua promulgação. (LOPES, 2011)

Macumba- (1) Nome genérico, popularesco e de cunho às vezes pejorativo com que se designam as religiões afro-brasileiras, notadamente a umbanda e o candomblé. O vocábulo é de origem banta mas o étimo é controverso. Antenor Nascentes (1981), talvez fazendo eco a Raymundo (1933), remete ao quimbundo *macumba*, plural de *dikumba*, “cadeado”, “fechadura”, em função das “cerimônias de fechamento de corpos” que realizam rituais. No entanto, a origem parece estar no quicongo *macumba*, plural de *kumba*, “prodígios”, “fatos miraculosos”, ligado a *cumba*, “feiticeiro”. O termo, provavelmente com outras origens etimológicas, designou, também no Brasil, uma espécie de reco-reco e um tipo de jogo de azar. Ver MAYOMBE (2) Umbanda e Candomblé: No livro *O segredo da macumba*, de 1972, os intelectuais não negros G Lapassade e M A Luz, criticam a supervalorização do candomblé em prejuízo à “macumba” por entenderem que, nessa vertente, o culto africano aos antepassados teria se convertido em um culto aos heróis negros e caboclos brasileiros; que as figuras dos Exus representariam os heróis da libertação



dos negros no Brasil; e a quimbanda expressaria uma contracultura, já que permite a inversão de comportamento, ao adotar ritualisticamente práticas condenadas pela sociedade, como a ingestão de bebidas alcólicas, o emprego de palavras e gestos obscenos (conforme Sérgio F Ferreti, 1986). (LOPES, 2011)

Malala Yousafzai- (1997) é uma militante dos direitos das crianças, uma jovem paquistanesa que foi vítima de um atentado por defender o direito das meninas de ir à escola. Com 17 anos, foi a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz

Martin Luther King- (1929-68) Líder do movimento pelos direitos civis, nascido em Atlanta, Geórgia, e falecido em Memphis, Tennessee. Pastor da Igreja Batista, seus ideais e métodos baseavam-se no amor cristão e na ação não violenta. Tornou-se famoso em 1955, ao liderar o movimento de protesto contra a segregação racial nos ônibus em Montgomery, Alabama. Mais tarde, formou o Southern Christian Leadership Congress (Congresso das Lideranças Cristãs do Sul), condutor da ala pacifista do movimento pelos direitos civis. Nos anos de 1960, esteve à frente de várias iniciativas, recebendo, por isso, em 1964, o Prêmio Nobel da Paz. Posicionando-se contra a Guerra do Vietnã e associando as vultosas somas despendidas com ela a um pernicioso controle da economia americana e ao crescimento da pobreza entre negros, índios e brancos dos Apalaches, King entrou em rota de colisão com o governo americano e a indústria bélica, além de ter desagradado a alguns setores do movimento pelos direitos civis, morrendo assassinado em 26 de agosto de 1968. Sua morte, embora tenha demonstrado a não eficácia dos métodos pacifistas, contestados pelos Panteras Negras *Black Panther Party* e *Black Muslims*, granjeou grande simpatia e apoio aos seus ideais. Tanto que até hoje, o dia 15 de janeiro, data do seu aniversário natalício é feriado nacional. (LOPES, 2011)

Miscigenação-Contato sexual fecundo entre indivíduos de origem étnicas diferentes. A maior miscigenação entre brancos e negros ocorrida no Brasil em relação, por exemplo, aos Estados Unidos explicar-se-ia, de início, pelo fato de que os primeiros portugueses aqui aportados na época colonial vieram sem mulheres, enquanto na América do Norte, os colonizadores ingleses estabeleceram-se em



grupos familiares estruturados. No caso brasileiro, o contato sexual ter-se-ia verificado sem maiores impedimentos, entre colonizadores lusitanos e índias, e, depois, entre senhores brancos e escravas negras. No caso americano a miscigenação parece ter sido sempre proibida, com a legalização dos casamentos interétnicos só se verificando nos anos de 1960. Observe-se ainda, que, com a popularização do vocábulo “miscigenação”, adotado como uma das palavras chave do moto da “democracia racial” brasileira, procurou-se, talvez, edulcorar a violência sexual a que a mulher negra foi submetida durante o período escravista, tendo sido transformada em simples animal de carga e objeto de prazer. (LOPES, 2011)

NEAB- Núcleo de Estudos Afrobrasileiros E/OU neabiS Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas e os grupos correlatos, instituídos em Instituições de Ensino Superior, representam um importante braço de pesquisa, de elaboração de material e de formatação de cursos dentro das temáticas abordadas no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Em seu artigo 3.º da Resolução n.º 01/2004, do Conselho Nacional de Educação, diz: “Os sistemas de ensino incentivarão pesquisas sobre processos educativos orientado por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros, ao lado de pesquisas de mesma natureza junto aos povos indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases temáticas para a educação brasileira”.

Nelson Mandela- Político Sul-africano nascido em 1918. Pertencente ao grupo étnico dos xosas, após a morte de seu pai foi criado e educado por um importante chefe de seu povo. Aos 18 anos, em Fort Hare, ingressa na universidade, sendo expulso por envolver-se em atividades políticas. Muda-se para Johannesburgo, onde se forma em Direito aos 23 anos, ingressa no Congresso Nacional Africano (CNA) e já em 1952 é eleito presidente do partido na província onde abriu o primeiro escritório de advogados negros do país. Após participar de vários movimentos políticos, é preso em 1962 e condenado à prisão perpétua em 1964, tornando-se preso político mais famoso do mundo. Em 1990 é libertado, no ano seguinte assume a presidência da República da África do Sul, governando até 1999. Embora não integre a diáspora



africana, seu nome e sua figura constituem referência altamente positiva para os afrodescendentes em todo o mundo. (LOPES, 2011)

Negritude- Neologismo surgido na língua francesa, na década de 1930, para significar: a circunstância de se pertencer à grande coletividade dos africanos e afrodescendentes; a consciência da pertença a essa coletividade e a atitude de reivindicar-se como tal; a estética projetada pelos artistas e intelectuais negros baseados nessa consciência; o conjunto de valores civilizatórios africanos no continente de origem e na Diáspora. O termo aparece impresso pela primeira vez no poema “*Cahier d’un retour au pays natal*”, de Aimé Césaire, publicado em 1939. Com os ecos da Harlem Renaissance americana, um grupo de intelectuais africanos e caribenhos radicados em Paris, estudantes em sua maioria, se organiza, promovendo, primeiro a publicação da Revista *Lègitime Défense* (1932) e, depois do Jornal *L’Étudiant Noir* (1934-40), num movimento literário de afirmação de uma estética negro-africana e de combate ao neocolonialismo. Tendo como líderes principais martinicano Aimé Césaire, o guianense Léon Damas e o senegalês Léopold Senghor, a iniciativa, que a partir do poema de Césaire ficou conhecida como “movimento da negritude”, reunia pensadores identificados pela herança africana comum, os quais, constatando a dimensão internacional desse legado, estruturaram o movimento nas direções social, política e estética. O ideário da negritude assentava-se na afirmação da identidade africana, pregando o entendimento de que os negros do continente africano e da Diáspora deveriam lutar por seus direitos fundamentais e de que os negros do mundo inteiro teriam um compromisso ideológico uns com os outros. Responsável por um sopro de renovação na literatura de língua francesa, o movimento teve também um papel de grande significado cultural e político no processo de descolonização da África, ocorrido a partir dos anos de 1960. (LOPES, 2011)

One drop rule- A One-drop rule é um princípio social e legal de classificação racial que foi historicamente proeminente nos Estados Unidos no século XX. Afirmava que qualquer pessoa com mesmo um único ancestral de ascendência africana subsaariana é considerada negra.



Oswaldo de Camargo- Escritor brasileiro nascido em 1936, em Bragança Paulista (SP), publicou entre outros livros *Um homem tenta ser anjo* (poemas, 1959), *Quinze poemas negros* (1961), *O carro do êxito* (contos, 1972) e *A descoberta do frio* (novela, 1979). Tem poemas incluídos na Nova reunião da poesia do mundo negro (Paris, 1967) e é focalizado na *Antologia contemporânea da poesia brasileira*, de 1982, organizada por Paulo Colina. (LOPES, 2011)

Philip Zimbardo- Nasceu em 23 de março de 1933 na cidade de Nova York, no seio de uma família siciliana sediada no bairro do Bronx. No ano de 1954, Zimbardo ele se especializou com um triplo grau de psicólogo, sociólogo e antropólogo do Brooklyn College. Posteriormente, ele fez pós-graduação em psicologia social e, finalmente, obteve um doutorado na mesma área da Universidade de Yale. Neste último, ele ensinou e fez o mesmo na Universidade de Nova York e na Universidade de Columbia. Ele também foi presidente da *American Psychological Association* (APA) em 2002 e recebeu inúmeros prêmios que reconhecem sua pesquisa como uma das contribuições mais importantes para a psicologia. <https://pt.sainte-anastasi.org/articles/biografas/philip-zimbardo-biografia-de-este-psicologo-social.html>

Preconceito Atitude desfavorável para com um grupo ou indivíduos que nele se inserem, baseada não em seus atributos reais mas em crenças estereotipadas. O preconceito racial é uma das molas propulsoras do racismo. Preconceito de marca: expressão cunhada pelo sociólogo Oracy Nogueira para caracterizar o preconceito antinegro existente no Brasil em comparação com os Estados Unidos, que se caracterizaria pelo preconceito de “origem”. Segundo Nogueira (1955), no Brasil o preconceito racial é tão mais intenso quanto mais forte a pigmentação da pele do indivíduo em questão, atingindo mesmo pessoas negras de condição social mais elevada. Isso se dá em oposição ao que ocorre nos Estados Unidos, onde uma pessoa sem nenhuma característica negroide pode ser discriminada, desde que se saiba que ela possui um ascendente negro, mesmo que longínquo. Apesar de se costumar inferir que uma forma pode ser “mais branda” que a outra, ambas são brutais em sua essência. (LOPES, 2011)



Quilombola- Habitante de quilombo. A base etimológica é o vocábulo “quilombo” segundo Antenor Nascentes (1966), fundido com o tupi, canhembora; segundo Éscar Ribas (1989), cruzado com o quimbundo kuombolola, “surripiar”, “levar às ocultas”. (LOPES, 2011). Também chamado calhambola, era habitante dos quilombos. Na sua maioria, eram ex-escravos que fugiam das fazendas ou das minas e se incorporavam a um grupo já existente nas matas. Embora grande parte fosse negra, ali também moravam e atuavam brancos foragidos, índios, mamelucos, procurados pela justiça e toda uma camada de perseguidos pela sociedade escravista (MOURA, 2013).

Racismo- Doutrina que afirma a superioridade de determinados grupos étnicos, nacionais, linguísticos, religiosos, etc sobre os outros. Por extensão, o termo passou a designar as ideias e práticas discriminatórias advindas dessa afirmada superioridade. A formalização do racismo como doutrina coube a Joseph-Arthur de Gobineau, em *Essai sur l'ingualité des races humaines*, publicado em 1853. A ele seguiram-se outros autores, consolidadores do que passou a denominar “racismo científico”. (LOPES, 2011)

Segregação- Separação Física ou geográfica imposta a determinados grupos em virtude de lei, acordo tácito ou costume. Por extensão, o termo passou a ter quase o mesmo significado que discriminação. (LOPES, 2011)

Steve Biko- (1946-77) Ativista político sul-africano nascido em Tarkstad e falecido em Port Elizabeth. Fundador da Organização dos Estudantes Sul-Africanos e líder do Movimento de Consciência Negra em seu país, foi responsabilizado pela rebelião de Soweto em agosto de 1977, tendo sido preso e assassinado sob tortura na prisão. Seu nome tornou-se um símbolo internacional na luta contra o apartheid sul africano e contra todas as formas de racismo. (LOPES, 2011)

Referências



ALTAFIN, Juarez. **Cotas na Universidade**. Uberlândia, UDUFU, 2011

AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARNEIRO, SUELI. **Racismo sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. Ver. E atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo, Selo Negro, 2011

MOORE, Carlos W. **Racismo e Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para Entender o Racismo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo, EDUSP, 2013



MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil Contemporâneo Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações**. São Paulo: Gaudi Editorial, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis RJ: Vozes, 1999

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. Tempo Social. Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 19, n. 1, abr. 2016.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LAN- DER, Edgardo (Org.). Buenos Aires: Clacso, 2005.